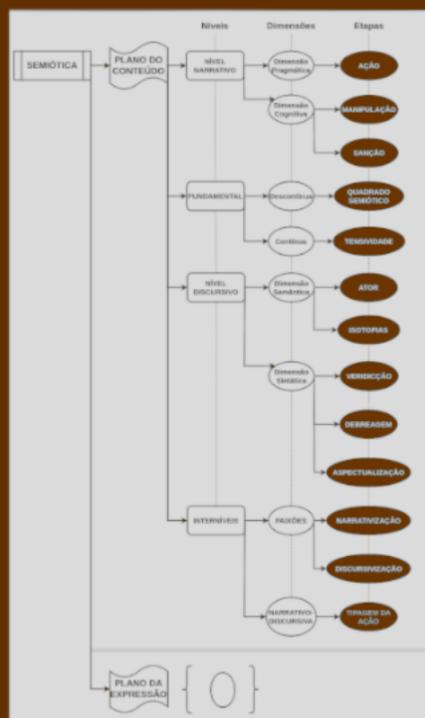


ÁRVORE DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE SEMIÓTICA

Vol. I

Balizas Teóricas



Ana Cristina Fricke Matte

Ana Cristina Fricke Matte

Árvore das Categorias de Análise Semiótica

I. Balizas Teóricas

Coleção *Textolivre*  *Pensemundo o mundo*

 **Pedro & João**
editores

2024

Apoio de 1996 a 2021:





Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Pode ser livremente usada, compartilhada e gerar obras derivadas, desde que mantida a licença e citada a fonte.

Esta é uma Licença de Cultura Livre!

Ana Cristina Fricke Matte

Árvore das Categorias de Análise Semiótica vol. I - Balizas Teóricas Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 327 p.16 x 23 cm

ISBN 978-65-265-1017-9 [Impresso]

978-65-265-1018-6 [Digital]

1. Semiótica 2. Dicionário. 3. Metodologia. 4. Autor. I. Título.

CDD -410

Capa e diagramação (software e fontes livres): Ana C. Fricke Matte

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2024

Sobre a coleção

“*Texto Livre: pensemeando o mundo*” é uma coleção cujo foco inter e transdisciplinar congrega Educação, Linguística, Semiótica e Tecnologias Livres. O conjunto variado de publicações procura manter-se fiel aos princípios de seu grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão, baseado na UFMG e registrado no Diretório de Grupos de pesquisas do CNPq com o nome de Texto Livre: Semiótica e Tecnologia.

Este livro, *Árvore das Categorias de Análise Semiótica volume I: Balizas Teóricas*, faz parte de uma série em quatro volumes que concretizam anos de pesquisa em torno da organização dos conceitos analíticos da Semiótica Francesa no formato de *Árvore*, com forte intenção didática. Este primeiro volume, *Balizas Teóricas*, discorre e reflete sobre todos os componentes de cada Nível proposto pela Teoria Semiótica para o Plano do Conteúdo na construção do sentido.

Desejamos a todos uma leitura agradável e inspiradora de novos caminhos em direção a um mundo livre, a ser construído por todos nós.

Textolivre 
Grupo Texto Livre

Sobre a Série

ÁRVORE DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE SEMIÓTICA

A série intitulada "Árvore das Categorias de Análise Semiótica" foi criada para compartilhar o conhecimento acumulado em três décadas de estudos semióticos e possibilita, no conjunto da obra, um olhar diferenciado, tanto para o estudante que inicia seus estudos de Semiótica de linha francesa, ou greimasiana, quanto para pesquisadores e professores desse campo teórico..

Ana Cristina Fricke Matte é pesquisadora no vasto e interdisciplinar campo de Linguagem e Tecnologia, tendo contribuído com ensaios, artigos, capítulos e livros voltados aos Estudos Semióticos propriamente ditos, às Ciências da Fala, à comunicação na Internet, a tecnologias para a Educação e à formação de professores.

Fundadora e coordenadora geral do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão Texto Livre, considera-se ativista de 4 filosofias e práticas: a Cultura Livre, a Educação Aberta, o Software Livre e a Ciência Aberta, com base nas quais criou a metodologia do risco para a pedagogia do ensino a distância, utilizando ferramentas livres. Essa relação intrínseca entre a imagem-fim e a espera modifica o “sabor” do percurso narrativo, conferindo-lhe aromas passionais e sobredeterminando as pressuposições e os pressupostos com uma gama maior de possibilidades que somente um exame mais cuidadoso poderá deixar entrever.

Volumes da série:

VOLUME I - BALIZAS TEÓRICAS

Apresenta a Teoria Semiótica sobre o pano de fundo da Árvore das Categorias de Análise Semiótica. São abordados todos os tópicos da teoria padrão, que consiste na base de todos os estudos semióticos, além de algumas propostas nascidas durante o processo de elaboração da árvore e uma breve incursão pela Semiótica Tensiva.

VOLUME II - DROPS CONCEITUAIS

Minidicionário cujos itens são explicados de forma sucinta, no intuito de complementar a teoria apresentada no Volume I e permitir consultas ágeis.

VOLUME III - APLICAÇÃO

Traz uma análise completa e fornece exemplos para a prática de análise semiótica e da Árvore.

VOLUME IV – DESENHO COMPLETO

Contém o desenho completo da árvore, no interior do volume, dividido por etapas, e inteiro em um banner, além de um folheto de respostas, para agilizar as consultas.

Antes de entrar no assunto, deixem-me dizer-lhes que eu gostaria de estar na situação daquele velho jardineiro japonês que, descendo todo dia a seu jardim, feito de pedra e areia, cada vez mudava um pouco de posição as pedras, e conseguia, desse modo, um novo jardim. Quantas vezes fazer avanços em ciência não quer dizer caminhar em profundidade, mas movimentar, o menos inadequadamente possível, as pedras no jardim (...)

Ignacio Assis Silva, 1995, p. 23

Sumário

Prefácio.....	21
Capítulo 1. Introdução.....	29
1.1. O que software livre tem a ver com a árvore?.....	33
1.2. Conceitos de Semiótica em drops.....	37
Capítulo 2. Mesa de trabalho.....	39
2.1. Semente da árvore.....	41
2.2. Introdução teórica.....	45
2.3. Relações entre as dimensões.....	49
2.4. Lista de Categorias e Subcategorias.....	55
2.5. Valor.....	60
2.6. Sugestão de sequência para a análise.....	63
Capítulo 3. Nível Narrativo.....	75
3.1. Dimensão Pragmática: Ação/ Performance... ..	76
3.2. Etapa da Ação.....	85
3.3. Dimensão Cognitiva: Manipulação.....	88
a) Vínculos Obrigatórios.....	96
3.4. Dimensão Cognitiva: Sanção.....	100
a) A consequência da Sanção da Sanção.....	111
3.5. Papéis actanciais e atores.....	114
Capítulo 4. Nível Discursivo.....	117
4.1. Dimensão Sintática: Etapa da Verificação. 117	
a) Adendo sobre mundo ontológico e a Fonética	118

b)	Não é quadrado semiótico.....	121
c)	A função {ser} + {parecer}.....	124
4.2.	Dimensão Sintática: Etapa da Debreagem. .	128
a)	Quadro teórico: Enunciação.....	128
b)	Formas de enunciação.....	132
c)	Debreagem propriamente dita.....	136
d)	Camadas de vozes.....	137
e)	Debreagem Enunciativa e Enunciva.....	142
f)	Debreagem, aspectualização e tensividade.	144
4.3.	Categorias Abertas, definição: Atores. .	150
4.4.	Dimensão Sintática: Aspectualização. . . .	154
a)	Formalização e análise.....	160
4.5.	Dimensão Semântica: Etapa das Isotopias. .	165
a)	Categorias mistas.....	165
b)	Definição.....	166
c)	Densidade Isotópica.....	170
d)	Fases da análise das isotopias.....	186
Capítulo 5.	Nível Fundamental.....	191
5.1.	Quadrado Semiótico - Dimensão Discreta. .	191
5.2.	Tensividade - Dimensão Contínua.....	205
a)	Quadrado tensivo?.....	206
b)	Das paixões à Tensividade.....	215
c)	Triagem vs. mistura.....	217
d)	Valores de universo vs. valores de absoluto	218
e)	Modos de presença.....	219
Capítulo 6.	Interníveis.....	229
6.1.	Tipologia da Ação - Interníveis: Dimensão Narrativo-Discursiva.....	229

a)	Polêmica do ponto de vista.....	233
b)	Polêmica Cômica.....	237
c)	Polêmica Alienada.....	240
d)	Polêmica na árvore.....	244
6.2.	Paixões - Interníveis: todos.....	246
a)	Dimensão Passional.....	246
b)	Emoção e Paixão.....	250
c)	Esquema Patêmico.....	253
d)	Narrativização e Discursivização.....	261
e)	Categorias da Narrativização.....	261
f)	Sujeitos apaixonados, tipos de paixões...	262
g)	Espera.....	265
h)	Paixão e modalidades.....	266
i)	Categorias da Discursivização.....	270
j)	Excedente Passional: aspectualização.....	271
k)	Imagem-fim.....	273
l)	exemplo.....	282
m)	Narrativização no esquema.....	285
n)	Discursivização no Esquema.....	287
o)	Analisando.....	291
	Referências.....	299
	Índice Remissivo.....	321

À Luana, que já tem 6 anos, né, vó?

À Iúna e ao Lucca, que me motivam, brincam e dançam comigo durante a longa história da Árvore, ainda em curso..

Ao Rubens, que me ensinou que resumir nem sempre é a melhor alternativa para compartilhar conhecimento.

Às manas e à amiga Maria Geralda, cujo amor e suporte no autismo, mesmo antes de descoberto, me deram força para não desistir do caminho e continuar apaixonada pelo fazer científico.

PREFÁCIO

Ana Cristina Fricke Matte é pesquisadora e professora da UFMG desde 2004. Tem extensa produção de livros e artigos, participações e organizações de congressos e seminários, orientações de doutorado, mestrado e iniciação científica. Além de toda essa produção acadêmica, ela também sempre foi muito ativa nos fóruns de software livre, como ela mesma nos conta em vários momentos em seus livros. Ou seja, se trata de uma entusiasta pela produção do saber, pela construção do sentido como analisada pela semiótica, pelo ensino e pela liberdade que todo saber, como um grande conjunto de possibilidades, proporciona. Sim, porque ao advogar em favor de software livre em comunidades pela internet afora, Ana Matte advoga também, e principalmente, para que o conhecimento seja livre, circule, seja produzido, se espalhe. Não à toa se percebe sua dedicação à disseminação da semiótica, sua preocupação em sistematizá-la de modo que os aprendizes mais iniciantes sejam capazes de acessar esse conhecimento e toda a potência de análise da

semiótica greimasiana, de como o sentido se constrói nos mais diversos objetos e textos. O livro que temos aqui trata dessa continuidade que Ana Matte faz pela busca da sistematização da semiótica visando seu ensino.

Assim, a *Árvore das Categorias de Análise Semiótica*, publicada em 4 volumes, traz os resultados de um projeto de grande fôlego e que vem de longa data. Pode-se dizer que teve origem nos anos 1990 nas anotações da autora em seus primeiros contatos com a teoria semiótica e na tentativa de sistematizar esse conhecimento para compreendê-lo, durante seu mestrado, em disciplinas de Semiótica da graduação e da pós-graduação na USP. Foi finalizado (até o ponto em que se encontra nesta publicação) durante seu último estágio de pós-doutoramento, também na USP, em 2019, quando foi apresentado ao Grupo de Estudos Semióticos em um FAPS (Fórum de Atualização de Pesquisas Semióticas) e recebido com interesse e curiosidade pela sistematização desenvolvida a ponto de se criar uma árvore de categorias de análise. Esse projeto assenta nessa ideia de sistematização e acrescenta a ele a finalidade didática de auxiliar o

analista a encontrar no texto o modo como nele se constrói o sentido. Neste livro, ao mesmo tempo em que são apresentadas as categorias, é também apresentada a teoria semiótica sobre a qual elas assentam, em um jogo de construção que, principalmente, conduz o analista mais inexperiente pelos caminhos a percorrer.

A complexidade da teoria semiótica advém do fato de a definição de seus conceitos ser toda construída sobre interrelações entre eles, o que decorre de sua inscrição na tradição estruturalista, na qual o sentido se estabelece na relação. Assim, para apreender o significado de um elemento, é necessário saber o que significa um outro, que, por sua vez, repousa, ainda, sobre a definição de outros elementos. Trata-se de uma tarefa árdua que se impõe a todos os que desejam penetrar nesse universo e que, no entanto, se mostra também uma tarefa extremamente recompensadora, pois o rigor das definições e da nomenclatura se compensa na produtividade que deles advém. A semiótica francesa se coloca como ambas uma teoria e uma metodologia de análise, como sempre nos lembra uma das primeiras e mais importantes semioticistas

brasileiras, Diana Barros. No livro que temos em mãos, Ana Matte traça um panorama das categorias que compõem essa metodologia, mostrando como elas se organizam e como se relacionam umas às outras, o que fornece uma visão ampla e bastante privilegiada da totalidade de elementos da análise semiótica. Uma construção desse tipo só seria mesmo possível partindo de alguém com grande conhecimento da teoria, que tenha com ela bastante intimidade e que a tenha ensinado inúmeras vezes. A esquematização, organização e a explicação que se vê nesta obra também só poderiam ser fruto de uma genuína preocupação com o fazer didático de querer que outros sujeitos entrem em conjunção com o saber semiótico. Além das categorias, Matte nos traz exemplos de como elas funcionam e de como podem ser utilizadas nas análises.

O modo como a Árvore das Categorias se apresenta é solidamente estruturado e nos faz pensar em quando se quer desenvolver um novo sistema em linguagem de programação, no qual um dos passos é a definição de categorias que serão preenchidas de modo que o sistema possa funcionar. No caso que temos aqui, trata-

se de um sistema semiótico – de produção do sentido – que contém processos de análise, feitas por meio de categorias divididas entre fechadas (com opções limitadas de preenchimento) ou abertas (a serem preenchidas livremente pelo analista). Essa estrutura traz duas vantagens: guia o analista pelo caminho da observação e análise, ajudando-o a por onde começar e como prosseguir e possibilita uma visão do todo, integrando momentos diferentes da análise semiótica. Em vez de ser organizado pelos nomes dos conceitos, como um dicionário, este livro traz os conceitos agrupados pelos níveis e sugere que se inicie por aquele que é conhecido como o nível intermediário, o narrativo, por ele ser composto pelo maior número de categorias fechadas.

A Árvore contempla a análise dos três níveis de sentido do plano do conteúdo: fundamental, narrativo e discursivo; e fornece o detalhamento do que se deve analisar em cada um deles. Ao mesmo tempo, insere na análise categorias tensivas e as das paixões, o que permite ver essa busca da continuidade entre as vertentes da semiótica greimasiana que foram se desenvolvendo ao longo dos anos e que a compuseram

para enriquecer. Ao trazer à luz essa integração, Ana Matte auxilia o analista já não tão novato a perceber como os diferentes pontos de vista da semiótica sobre um mesmo objeto se integram e se relacionam. Sempre cabe lembrar, e esse lembrete está colocado ao longo do livro, que a utilização de uma ou outra categoria em uma análise vai depender do tipo de texto que se deseja analisar, ou mesmo do tipo de análise que se privilegia. Cabe salientar ainda que esse olhar de integração da semiótica tensiva às análises das categorias do nível fundamental, a nosso ver, auxilia muito na construção de uma visão mais totalizante do edifício analítico semiótico.

Ao se olhar para a proposta de Matte estruturada em forma de árvore, alguns poderiam supor que se está propondo um modelo engessado de análise – o que corresponderia ao que se pensa vulgarmente do modelo estruturalista e da própria semiótica francesa, acusada de rigidez e de prender-se à imanência do texto. Porém, um olhar mais atento mostra que o que esse tipo de estruturação permite é que se construa uma base sólida sobre a qual se estabeleça uma boa análise. Mais ainda, os desenvolvimentos mais recentes

têm mostrado que a semiótica de origem greimasiana tem produzido análises em diferentes direções e campos do conhecimento, pluralizando-se para dar conta de múltiplos objetos. Esses desenvolvimentos todos, no entanto, partem dessa base comum, desenvolvida originalmente por Greimas, da qual trata a árvore das categorias semióticas desenvolvida por Matte. Essa base muitas vezes é negligenciada em prol das abordagens posteriores, mais contemporâneas, que dão conta dos objetos mais complexos. Mas sem esse conhecimento e capacidade de aplicação da semiótica de base, clássica, o edifício sobre o qual se erige uma análise corre o risco de não ter sustentação suficiente para conseguir ficar em pé e produzir bons resultados.

Uma outra questão nesse sentido é que a abordagem do tipo algoritmo que Matte propõe, por ser muito lógica, parece muito simples. Dá mesmo a impressão de ter simplificado a análise ou objeto. Essa impressão, no entanto, se desfaz na medida em que o analista percebe que ela é inicial e tem por objetivo embasar a construção desse edifício de análise, em um movimento que vai em direção à profundidade, possibilitada justamente por essa primeira etapa de categorização.

Por fim, dirigimo-nos aos leitores que estejam mais ou menos situados em (ou entre) dois pontos do espectro do saber semiótico, identificados como o de maior e o de menor experiência nessas análises. Para os primeiros, incentivamo-los a percorrerem essas páginas não apenas para visualizar e compreender a interrelação entre as diferentes categorias e dos níveis de análise da semiótica, mas também porque enquanto as apresenta, Matte traz exemplos que enriquecem muito a compreensão de quem já conhece um pouco da teoria. Aos menos experientes, que irão iniciar suas aventuras por essa importante e interessantíssima seara, sugerimos que se naveguem entre os três volumes da coleção, para irem simultaneamente apreendendo a teoria e realizando suas análises.

Boa leitura e boas análises!

Ana Carolina C. Noronha, novembro/2023

Capítulo 1. Introdução

Uma comunidade não precisa ser grande para ser valiosa. A comunidade de semiótica francesa no Brasil é pequena, mas muito expressiva. Quando a conheci, em 1996, pode-se dizer até que haviam somente dois redutos: a USP, com os mestres Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin e Luiz Tatit, e a UNESP, com o mestre Ignácio Assis Silva. Mestres aqui não tem nada a ver com seus títulos, já eram notório saber não só no Brasil, mas também nos círculos mundiais de Semiótica Francesa. Sem esquecer, claro da PUC-São Paulo, no qual a mestra Ana Cláudia de oliveira carregava um mundo sozinha, com a bênção de um francês que, até onde sei, nunca radicou-se definitivamente no Brasil, o mestre francês Eric Landowski, ambos conhecidos por

mim ao participar do Centro de Pesquisas Sociossemioticas e seus eventos na capital paulista.

Ouso brincar que, da USP, nossos quatro mestres dos ares estavam a remodelar o mundo acadêmico, com todo seu poder e força, quando os conheci. O saudoso Ignácio Assis Silva, como dito da UNESP, nos deu aulas na USP, o que foi um privilégio e tornei-me sua seguidora mor.

E já que o tom é de brincadeira, ao conversar com o Luiz Tatit pela primeira vez em busca de orientação para um mestrado, algumas palavras dele grudaram na minha mente (não exatamente as mesmas, mas o sentido então apreendido) de tal modo que hoje, 3 décadas depois, ainda ressoam: “quer estudar comigo, precisa dedicar-se à semiótica”; “antes de começar o mestrado, faça a disciplina de semiótica, para ter certeza que é isso”; e, finalmente: “a semiótica não vai dizer que uma música é ruim e outra boa, ela vai falar como cada uma funciona” e, como se tivesse lido meus gostos musicais na minha figura hiponga, “você precisa ser capaz de analisar Roberto Carlos sem preocupar-se se gosta ou não, o que importa é o que a teoria vai

dizer sobre ele”. Mantras, que repeti em cada decisão posterior na minha caminhada universitária, embora hoje saiba que meu entender autista dos fatos me fez seguir à risca demais, de modo que ele ficou muito espantado quando voltei e disse que tinha feito a disciplina de semiótica com a Diana e o Fiorin, e estava pronta: “Graduação? Mas era para ter feito na pós...” Bem, ele acabou orientando meu mestrado e meu doutorado (finalizados, respectivamente, em 1999 e em 2002).

Percalços com tropeços esses, no entanto, fazem parte da história deste livro. Foi naquelas salas de aula lotadíssimas da graduação, em que ou se chegava cedo ou sua cadeira ficaria no corredor, e eram tantas cadeiras na sala que ninguém podia se mexer, que comecei a desenhar os primeiros esquemas que deram origem à *Árvore das Categorias de Análise Semiótica*, primeiro rabiscos em cadernos cheios de anotações e imagens confusas, depois fichas em que organizei todo o conteúdo para carregar comigo por anos. Essas fichas, não as tenho mais, senão na memória, amareladas pelo uso.

Do Ignácio Silva, guardo seus questionamentos sobre minhas empreitadas interdisciplinares, às quais ele chamava de “um pé em cada canoa”. Dele trouxe a paixão pela coerência epistemológica como garantia de um desenvolvimento promissor da teoria (Matte; Abriatta, 2004A; Matte; Pereira, 2010). E, um ano após sua partida definitiva, a leitura do capítulo de Diana Barros (2002) sobre os esquemas de comunicação, que o professor Ignácio apresentara em 1972 em sua tese de doutorado, brindou-me com uma possibilidade semiótica de entender a comunicação, iluminando todos os meus trabalhos depois disso¹.

Durante esses anos vi a comunidade semiótica brasileira alçar voos, transformando redutos em centros que espalharam-se no Brasil, com a instalação de vários colegas doutores em diferentes universidades, inclusive na UFMG, com a chegada da Gláucia Lara e eu.

Sempre me incomodaram comentários sobre a semiótica ser difícil, que outras teorias eram mais simples, coisas do tipo. A semiótica nas minhas fichas? Não era assim que a via. Mas passaram-se anos para

1 Para conhecer minha leitura dos esquemas de Silva, cf. Matte, 2014.

compreender que aquelas fichas, já perdidas em mudanças de cidade em cidade, poderiam ter algum valor para alguém além de mim. E assim tudo começou.

1.1. O que software livre tem a ver com a árvore?

Como a grande maioria dos recém doutores cada vez mais experiencia no Brasil, eu também não me tornei docente universitária assim que recebi o título. Como meu doutorado havia sido interdisciplinar, e, segundo soube na época, porque não teria bolsa para continuar com o mesmo orientador, decidi fazer um pós-doutorado na Unicamp, na área de Fonética Acústica (Matte, 2006A; Matte, 2006B). Mais uma área incipiente no Brasil, cujo grande autor brasileiro, Plinio Barbosa, meu supervisor de pós-doutorado na Unicamp, também era reconhecido internacionalmente e aqui, no nosso país, estava lutando também por transformar seu reduto em um centro, e espero ter contribuído um pouco para isso, embora alguns anos depois tenha restringido a transdisciplinaridade do meu trabalho com a exclusão da fonética.

Foi com ele que pude experimentar dois softwares para análise de fala, um caríssimo, mantido por uma empresa norte-americana tão preocupada com seus direitos que o software só rodava numa máquina em que havia um pequeno dispositivo de hardware, de modo que só podíamos utilizar no laboratório de Fonética e Fonologia. O outro foi o Praat, que o professor logo avisou ser software livre e que, por esse motivo, podíamos, inclusive, colaborar com seu desenvolvimento. Este professor da Letras era formado em Engenharia e decidiu ensinar a todos os seus orientandos e cursistas como desenvolver *scripts* para o Praat, um desafio adorável, que levou a dois colegas comigo criar um software para separação de sílabas, baseado em Matoso Câmara Jr. (Matte et al., 2006C). Além disso, naquele laboratório vivi a experiência incrível de ver o Praat rodar nossos *scripts* de forma pelo menos 15 vezes mais veloz num computador com Fedora Linux do que nos outros computadores com Windows ali disponíveis. Fiz em 2 semanas no Linux toda a minha coleta de dados, que estava prevista durar 3 meses pelo menos. Apresentei uma palestra sobre essa experiência, após replicá-la em outras

máquinas, no primeiro Fórum Internacional de Software Livre (FISL) de que participei, em 2006.

Quando comecei efetivamente a usar o Linux², um ano antes, eu acabara de mudar pra Belo Horizonte, não conhecia praticamente ninguém (pelo menos ninguém que usasse linux) e a única ajuda que pude encontrar foi num chat de Fedora no IRC, na rede Freenode que usamos até hoje no Texto Livre, e que tinha, pasmem, 2 usuários constantes além de mim, Eitch e Lício. Um deles, o Eitch (Hugo Cisneros), era nada mais, nada menos que o escritor do primeiro manual de linux brasileiro, escrito quando ele tinha 13 anos de idade, época em que o linux não tinha interface gráfica alguma, tudo era feito digitando-se comandos verdes na telinha preta.

Uso esse manual até hoje, muito didático (<http://www.devin.com.br/tlm4/>), apesar da data de 2006 referir-se à última edição. Esses dois meninos me ajudaram de uma forma tão incrível que me apaixonei

2 Nota: Uso exclusivamente Linux há décadas, nas distribuições Fedora, Debian, Ubuntu e Ekaaty, este último uma distribuição brasileira, atualmente em meu desktop. Já usei as interfaces Gnome, KDE e LXCE, optei pela segunda, embora deva confessar que ainda tenha muito gosto em trabalhar sem interface gráfica, somente em linha de comando.

por comunidades de software livre e nunca mais saí delas. Hoje praticamente só consigo mesmo me fazer presente nas comunidades do Grupo Texto Livre, que são muitas, diversas e encantadoras (se quiserem saber mais, espiem o livro *Culturas do Texto Livre*, da Coleção *Texto Livre: pensemeando o mundo*, disponível em <https://textolivres.pro.br/mod/page/view.php?id=1601>).

Foi nesse contexto que elaborei o projeto de um software que, usando o Praat, o R (software livre de estatística) e um que eu chamava de dadossemiotica para realizar análise de fala de forma mais ágil, tanto do ponto de vista fonético quanto do ponto de vista do conteúdo (Matte et al., 2011). Ao sair da Fonética, deixei a parte fonética acústica do software de herança para colegas que permaneceram na área, e continuei trabalhando no projeto mais conceitual que prático do dadossemiotica, que eu dizia ser a mesa de trabalho do semioticista (Matte et al., 2012).

Além disso, é este caminho academicamente pouco usual (da música para a semiótica, para a fonética acústica, para o desenvolvimento de software, para a inteligência artificial e, finalmente, para a formação de

professores) que explica muita coisa neste livro, cuja ideia de ensino baseia-se na proatividade do estudante e na afeição à epistemologia semiótica.

1.2. Conceitos de Semiótica em drops

Os drops de semiótica que motivaram a escrita destes livros são definições sucintas dos elementos de Semiótica Francesa, criadas para formar um conjunto de textos de ajuda ao software dS. Sua função seria prover, ao analista iniciante, uma orientação rápida para suas análises e, para o analista experiente, explicações sobre como usar certas categorias de análise que fogem ao padrão de apresentação usual, sem modificação da teoria original. A base para sua elaboração é diversa, mas alguns livros devem ser destacados como essenciais à elaboração desta proposta:

- Barros: 1988 e 2005
- Greimas, Courtés: sem data
- Greimas, Fontanille: 1993

- Hjelmslev: 1968
- Zilberberg, Fontanille: 2001
- Tatit: 2001
- Lara, Matte, 2009

A fim de maximizar sua potencialidade de uso pelo analista de textos semiótico, parte-se, aqui, de uma revisão que, além de rever, re-vê: cria outro ponto de vista sobre a Teoria Semiótica. Assim, os drops (conceitos) foram organizados na forma de uma árvore, a *Árvore das Categorias de Análise Semiótica*. Escrutinou-se a teoria a fim de desenhar todas as relações entre os Níveis Narrativo, Fundamental e Discursivo, subdivididos em ramificações de categorias e sub-categorias de análise.

A árvore, como podem imaginar os semióticos em qualquer estágio de aprendizagem da teoria, é imensa e não cabe inteira nas dimensões das páginas deste livro, de modo que vamos apresentá-la em partes. O mapa completo acompanha o volume IV.

Capítulo 2. Mesa de trabalho

A mesa de trabalho do analista de textos: esta é a definição sucinta do que sempre esteve subjacente a todos meus projetos desde a primeira aula de graduação em Semiótica, na USP, em 1995. O semioticista que nunca teve pilhas de livros, rascunhos e anotações sobre sua mesa, que atire a primeira pedra (só me avisa antes para que eu possa ter tempo de desviar, tudo bem?).

Fazer uma análise semiótica requer explorar o texto em diferentes direções e profundidades e até hoje a criação desse caminho tem sido responsabilidade exclusiva de quem decidir aventurar-se em tal empreitada. Fato totalmente explicável: o texto a ser analisado sempre traz as melhores pistas do que e em que sequência devemos investigar, pois cada texto organiza de uma

forma específica os elementos de construção do sentido que criam seu edifício semiótico.

Tal como em arquitetura, para o sentido do texto, uma casa é uma casa, e muitas das casas serão praticamente iguais, distintas entre si apenas por adereços pessoais de cada morador, conferindo-lhes identidade, enquanto outras exploram os materiais e a estrutura de tal forma que serão quase incomparáveis, capazes de transformar até adereços vistos também nas casas mais populares. Sem qualquer julgamento de valor, visto que um lar é sempre um lar e, do mesmo modo, um texto é sempre um texto, o semioticista precisa “ouvir” o texto, perceber suas nuances e compreender que há estruturas em sua construção que, muito embora indispensáveis, não trazem informação essencial sobre os sentidos específicos produzidos pelo texto em questão. Esta perspectiva é, certamente, uma das mais geniais contribuições para o analista iniciante do livro sobre análise semiótica publicado pelo Group d’Entrevernes (1979)³.

3 Cf também Matte, 2003.

Acontece que o analista iniciante só depois de alguma prática terá a esperteza de, ao ler um texto pelas primeiras vezes, descartar as categorias de análise que se mostram pouco produtivas. Com a árvore, o que se busca é que, desde o início do trabalho, o analista possa conhecer as relações (proximidade, níveis etc) entre as categorias que o texto sugere como principais, permitindo, inclusive, verificar relações com outras categorias não tão aparentes, em geral por proximidade na estrutura da ciência Semiótica.

Esta série traz para o leitor um compêndio estruturado de breves definições entrelaçadas, como se fora um dicionário cujo foco não é tanto os termos usados pela semiótica, mas principalmente suas categorias de análise.

2.1. Semente da árvore

O dadosSemiotica (dS) é um software livre que buscou prover uma interface online para a organização e realização de análises de textos verbais em língua portuguesa (Matte et al., 2012), concebido

especialmente, mas não exclusivamente, para a teoria Semiótica de Linha Francesa, de modo a favorecer seus princípios básicos:

- o sentido do texto está no texto;
- intertextualidade é conversa entre textos;
- o texto é um todo dotado de sentido;
- ao analisar um excerto de um texto maior, o excerto passa a constituir um texto com sentido próprio e independente, podendo-se tomar o texto continente como contexto do excerto, um contexto interno⁴;
- a construção do sentido passa por 3 níveis de análise, do mais profundo/simples/abstrato ao mais superficial/completo/concreto. A relação entre eles não é isomórfica nem conforme: cada um possui quantidade e qualidade diferentes de componentes;

4 A semiótica prevê 3 tipos de contexto: contexto situacional, que situa o texto no tempo e no espaço, contexto externo, textos sobre o texto em foco, e interno, conjunto ao qual pertence o texto. (Lara; Matte, 2009, p. 88) (Baseado em Barros).

- a valorização positiva e negativa de todos os componentes de todos os níveis jamais é dada a priori: é sempre construída no próprio texto.

A análise semiótica em searas de pesquisa de ponta não prescinde do conhecimento daquilo que se chama de Semiótica Standard, ou Semiótica Básica, motivo pelo qual o uso da Semiótica em pesquisas de pós-graduação, naturalmente avançando em tais searas, torna-se um processo custoso. A árvore foi desenhada como base de um módulo que não chegou a ser desenvolvido até o momento, o Módulo de Semiótica, com o objetivo de facilitar a aplicação da teoria.

Um problema discutido entre teóricos semioticistas desde a década de 60, quando a teoria foi fundada, é: como se dá a passagem entre os níveis do Percurso Gerativo do Sentido? Esse problema é reflexo direto da própria proposta do Percurso, cujo modelo hipotético dedutivo busca descrever um processo de geração do sentido no texto, da imanência à manifestação. Assim, o Nível Fundamental, o mais simples, abstrato e profundo, estaria também mais distante da concretude

do texto (sua manifestação) do que o Nível Discursivo, o mais complexo, concreto e superficial.

Segundo nosso ponto de vista, o modelo previsto no Percurso Gerativo deve ser assumido como uma proposta metodológica, mesmo que tenha sido concebido como um simulacro da semiiose, que é o processo de geração do sentido pela manifestação de uma dada configuração imanente, e mesmo que os avanços da teoria estejam na ordem do dia. Estudar as bases da semiótica fortalece e dá maior autonomia ao pesquisador iniciante, fornecendo a seus estudos a coerência necessária com a proposta semiótica greimasiana.

Não faz parte do presente trabalho aprofundar esta discussão do software⁵, mas, por coerência com esse ponto de vista, cabe destacar que a proposta de um módulo de Semiótica repousou diretamente na ideia de que os Níveis do Percurso Gerativo do Sentido deveriam ser tomados como Níveis de Análise, sem qualquer conotação ontológica.

5 Disponível para pesquisadores interessados em dar-lhe continuidade.

O trabalho aqui apresentado partiu, assim, do conjunto de documentos de ajuda do dS, que foi sendo complementado, mesmo após a descontinuação desse software, e que contém, principalmente, informações sobre a aplicação da Teoria Semiótica e seus fundamentos, motivo pelo qual buscamos incluir referências bibliográficas complementares sempre que tivemos chance. O material específico da "ajuda" encontra-se no Volume II desta série.

2.2. Introdução teórica

Definição clássica: a semiótica é a ciência de investigar como se diz o que diz. O dito é o texto e não está restrito à linguagem verbal, pois todas são usadas para expressar conteúdos similares, iguais ou até completamente diferentes. A Teoria Semiótica que aqui vamos abordar está focada no conteúdo, pois ele nos remete aos princípios e definições básicas que queremos abordar nessa série.

A Árvore das Categorias de Análise Semiótica provê um conjunto de categorias com visualização posicional e

relacional entre todas as partes da Teoria. Definiu-se, na árvore, categorias fechadas e abertas: as últimas possuem respostas em campo de texto, podendo conter ilimitadas opções de resposta, e as primeiras possuem número limitado de respostas, disponíveis na árvore para cada categoria fechada.

- Cabem duas notas sucintas⁶ sobre os fundamentos da Teoria que queremos representar.
- Primeira nota: cabe notar que, na relação entre imanência e manifestação, a semiose faz emergir o sentido pela sobreposição de uma expressão a um conteúdo imanente, gerando aquilo que, na árvore, é a primeira ramificação: os dois primeiros ramos da Árvore de Categorias de Análise Semiótica são o Plano do Conteúdo e o Plano da Expressão. Com a finalidade de concentrar na semiótica básica, este trabalho ocupa-se somente do Plano do Conteúdo, deixando a ramificação do Plano da Expressão em aberto.
- Segunda nota: como a Semiótica afirma, cada um dos planos possui uma substância (a totalidade do que é possível dizer, mesmo não sendo dito, no Conteúdo, e a totalidade do que pode ser usado para que seja dito, na Expressão) e uma forma (recorte, especificação que seleciona o que desse tudo será usado), ou seja, primeiro há uma seleção do que se quer dizer, dando forma à substância do Conteúdo (ex. Cor verde), mas o sentido só se produz quando se dá uma forma a uma substância específica do Plano da Expressão (ex. Palavra “verde”, tinta de cor verde etc).

6 O Livro II desta série ocupa-se disso com maior detalhamento.

Durante estudo realizado entre 2016 e 2019, elencamos, no primeiro quadro, categorias fechadas, em enviado ao CNPq em março de 2019⁷ (Quadro 1).

Quadro 1: Quadro Geral dos Fundamentos de Semiótica.

Nível	Movimentos	Elementos	Fechadas?
Discursivo	Enunciação	Enunciador, Enunciatário, Quadro de Valores	Não
	Debreagem	Tipo de Atores	Sim
	Veridicção	Ser, Parecer	Sim
	Aspectualização	Pessoa, Espaço, Tempo	Não
	Configuração isotópica	Temas, Figuras, Conectores, Desencadeadores	Não
Narrativo	Dimensão Pragmática: Transformação (Ação)	Sujeito de Estado (S1), Sujeito do Fazer (S2), Objeto Descritivo, Junção	Sim
	Dimensão Cognitiva: Manipulação, Sanção	Destinador, Destinatário, Objeto Modal	Sim
Fundamental	Oposição Semântica (quadrado semiótico)	Contrários, Subcontrários, Neutro, Complexo, Foria	Sim
	Configuração Tensiva	Profundidades, Valências, Valores	Sim
Interníveis:	tipologia da Ação	Sujeito de Estado (S1), Sujeito do Fazer (S2), Ator, Junção	Sim
	Paixão	Actantes, Atores, Aspectualização, Veridicção	Sim*

* Os elementos passionais fazem parte de outros níveis, assim sua configuração será analisada com base nestas análises prévias.
Elaboração Própria (2020).

7 Relatório final da Bolsa de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora processo 308669/2018-5.

No seio hierárquico das categorias fechadas há alguns elementos de classificação aberta, no entanto, sua inserção na categoria fechada, conforme nos parece, torna sua análise mais objetiva e, portanto, mais simples. Não devemos esquecer que um dos objetivos desta proposta é sua aplicação didática, o que torna esse aspecto altamente positivo.

Além das categorias intraníveis, desde então organizadas na forma de árvore, o Quadro 1 já apresentava duas opções de interníveis, que foram incorporados à Árvore: a tipologia da Ação e as Paixões, classificações nas quais a relação entre os níveis Narrativo e Discursivo é essencial para a análise.

Obs: Tendo em vista diminuir os passos para a análise, é recomendável que se realizem previamente as análises das subcategorias que compõem cada categoria interníveis.

Cada texto, no entanto, apresenta diferentes níveis de textualização de cada elemento do Percurso Gerativo, mantendo muitos elementos presentes apenas por pressuposição, de modo que definir um único caminho para o analista leva, necessariamente, a um engessamento da análise, prejudicando-a. Assim,

optamos aqui por sugerir uma sequência, sem torná-la obrigatória.

2.3. Relações entre as dimensões

A árvore das categorias de análise, lançada no Fórum de Atualizações em Pesquisas Semióticas da USP em 2019, foi levemente modificada, buscando-se uma maior isonomia entre suas ramificações. Cabe notar que ainda está voltada totalmente ao Nível do Conteúdo.

Assim, tal como mostra a Figura 1 (abaixo), a base para organização das categorias na árvore é a relação Teoria → Planos → Níveis → Dimensões. Como há de notar o leitor semioticista, há algumas nomenclaturas não usuais nessa proposta, descritas a seguir

1. A Teoria Semiótica a rigor não fala em Interníveis como um novo nível do Percorso Gerativo do Sentido - e de fato não é. Esta foi a estratégia utilizada para poder incluir na árvore categorias de análise que extrapolam um nível do Percorso Gerativo do Sentido, produzindo sentidos

justamente por sua interpolarização: a relação entre atores e actantes, uma necessária requisição de informação ao Nível Discursivo para permitir a análise da Ação no Narrativo, uma operação extremamente simples que, porém, não poderia ser feita sem a extrapolação dos Níveis, e a análise das Paixões, que, como já previam os autores da Semiótica das Paixões (Greimas; Fontanille, 1993), perpassa todo o Percurso Gerativo.

2. Em relação às Dimensões, a Semiótica tradicionalmente trabalha com a Dimensão Pragmática e a Dimensão Cognitiva no Nível Narrativo, uma importante diferenciação pois permite compreender a não linearidade dos eventos narrativos no texto. A fim de manter a Árvore com ramos equilibrados, buscou-se organizar dimensões nos outros níveis: para o Nível Discursivo, optou-se por dividir em Dimensão Semântica e Dimensão Sintática em virtude da apresentação já estabelecida de suas categorias de análise conforme essa diferenciação (Barros, 2002, p. 72-131); o Nível

Fundamental possui também duas dimensões, desta vez pautadas nas duas abordagens possíveis deste nível, adotando-se por premissa a Tensividade como sua Dimensão Contínua, em oposição à Dimensão Discreta que abriga o Quadrado Semiótico e seu estudo.

- ➔ A Figura 1, p. 52, gira a árvore, dirigida da esquerda para a direita, para a direção de cima para baixo, a fim de mostrar a relação entre os níveis e o interníveis.
- ➔ Ler a árvore pode ser uma tarefa estranha para quem acostumou-se a pensar as relações de forma diferente, por exemplo baseando-se no desenho tradicional do Percurso Gerativo do Sentido. Portanto, cabem algumas notas a esse respeito, que podem ser visualizados na Figura 2, p. 53, que mostra a posição das Etapas nas dimensões:
 - a) A leitura da Árvore é feita da esquerda, onde se encontra a divisão em Níveis do Percurso Gerativo;
 - b) As ramificações abrem opções que estão contidas no extrato vertical imediatamente anterior;
 - c) A sequência foi criada pensando-se no quanto as etapas antecedentes, de cima para baixo, podem ser úteis nas etapas subsequentes.

Figura 1: Relação entre níveis e interníveis na Árvore das Categorias de Análise Semiótica.

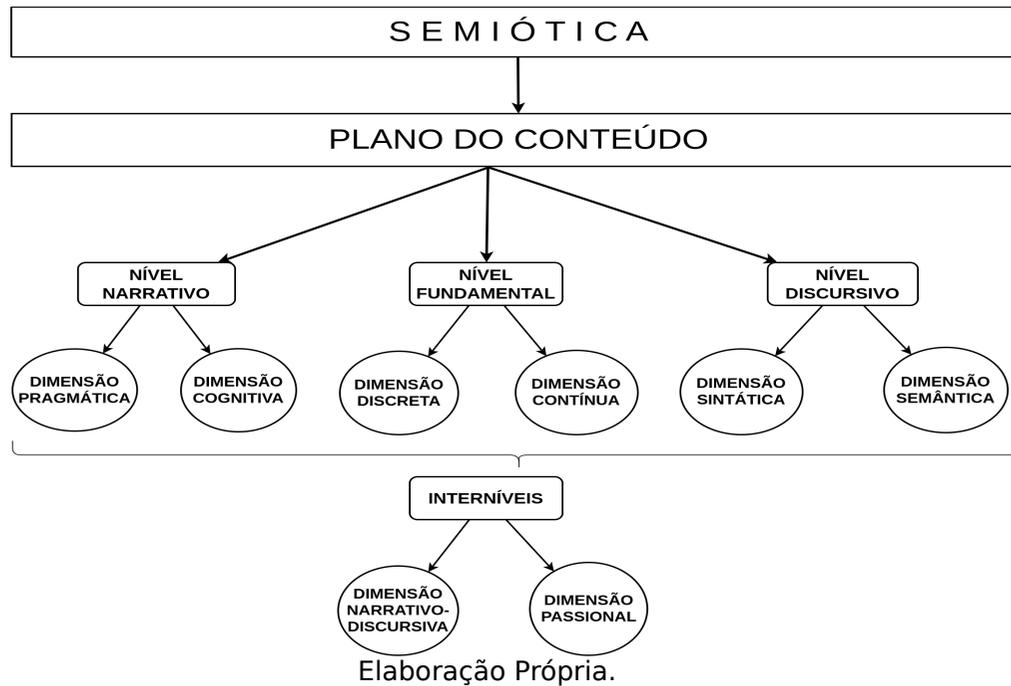
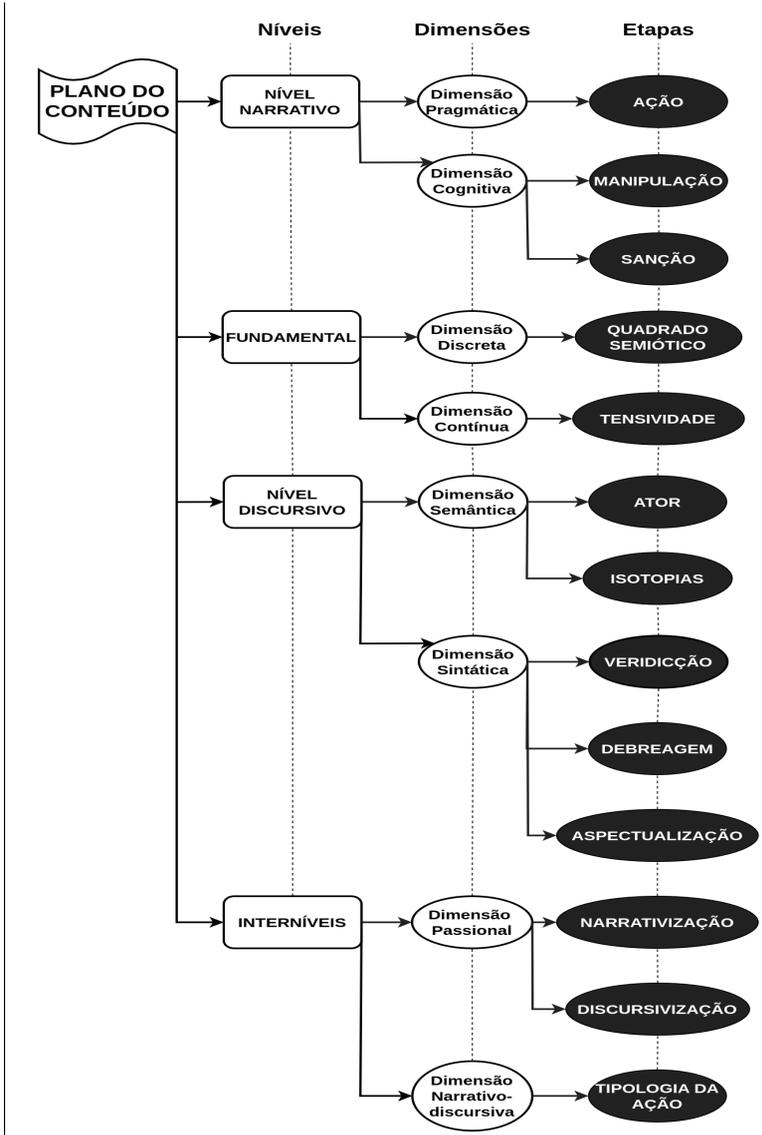
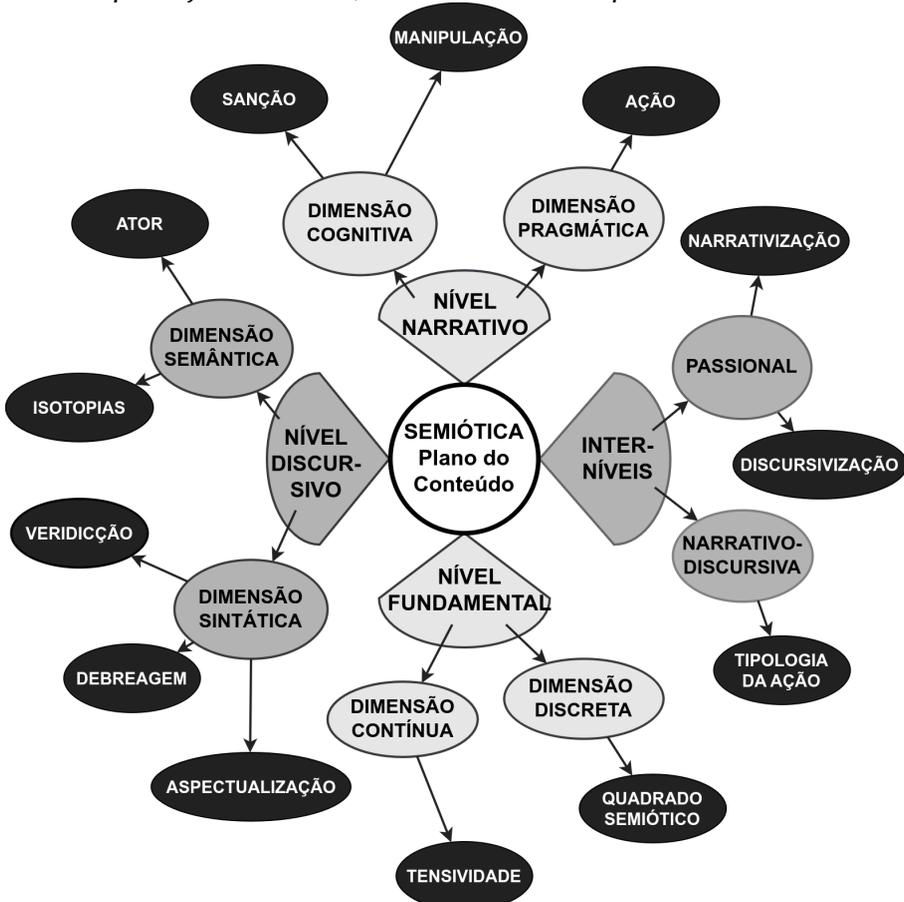


Figura 2: Ramos principais da Árvore de Categorias de Análise Semiótica.



Elaboração Própria.

Figura 3: *Árvore das Categorias em forma de estrela, de dentro para fora: níveis, dimensões e etapas.*



Elaboração Própria.

- ➔ A árvore possui um desenho alternativo completo (Figura 3), uma das formas que recebeu durante seu estudo e que foi reivindicada por Silvana A. Gomes, no umbral de seu doutorado, como a mais adequada a sua forma de pensar a semiótica. O desenho alternativo foi feito a partir de um ponto

central, com as ramificações saindo do centro para fora, visualização a que chamamos de estrela para diferenciar da árvore em sua forma oficial; no entanto, a assim chamada estrela é uma árvore vista de cima e possui uma forte relação com o conceito cotidiano de “árvore”. Por esse motivo, apesar desta visualização não ser usada nestes quatro livros, acreditamos que sua leitura possa ser mais adequada para outros semioticistas além de Gomes, de modo que mantivemos atualizado o desenho da “estrela” semiótica – ou árvore de categorias de análise semiótica vista de cima – para ser disponibilizada no site da editora contendo, além do que se vê na Figura 3, também todas as categorias e subcategorias.

2.4. Lista de Categorias e Subcategorias

O Quadro 2 (abaixo) mostra a lista completa de categorias e subcategorias da Árvore, organizadas hierarquicamente, até os ramos mais finos, das subcategorias, sem as respostas fechadas, as quais poderão ser encontradas no volume IV.

Quadro 2: Visualização em tabela das categorias e sub categorias organizadas conforme o nível, a dimensão e a etapa.

Nível	Dimensão	Etapa	Categoria	Subcategoria
Nível Narrativo	Dimensão Pragmática	Ação	Foco	
			Textualizado(s)	
			Estado S1	
			Foria do Estado	
			Objeto-valor	Tipo
				Qualidade
				Foria
			Classificação Modal do Sujeito	
			Tipo de Ação	
	Dimensão Cognitiva	Manipulação	Tipo	
			Sanção da Competência	Do Destinator
				Do Destinatário
			Modalização do Destinator	
			Objeto-valor	Tipo
				Qualidade
				Valor
			Modalização decorrente sobre o Destinatário	
	Sintonia entre quadros de valores			
	Sanção	Sanção da	Avaliação	

Nível	Dimensão	Etapa	Categoria	Subcategoria
			Ação	Reconhecimento
				Recompensa
			Sanção da Sanção	Avaliação
				Reconhecimento
				Recompensa
Nível Fundamental	Dimensão Discreta	Quadrado Semiótico	Termos	Eufórico
				Disfórico
				Não-Disfórico
				Não-Eufórico
				Termo em foco
			Nomes para os termos	Eufórico
				Disfórico
				Não-Disfórico
				Não-Eufórico
				Neutro
			Complexo	
			Operação em foco	
Percurso				
	Dimensão Contínua	Tensividade	Profundidade Extensa	Nome
				Mínimo
				Máximo
			Profundidade Intensa	Nome
				Mínimo
				Máximo
			Extensidade	Mínima
				Máxima

Nível	Dimensão	Etapa	Categoria	Subcategoria
Nível Discursivo	Dimensão Semântica	Ator		Extremidade Eufórica
			Análise Complementar	Lógica
				Valores
		Isotopias	Atores	
			Temas	
			Figuras	
			Isotopias	
			Funções	Desencadeador
				Conector
			Densidade	Densidade Temática
	Densidade Figurativa			
	Relação Tema/Figura			
	Densidade Isotópica			
	Tabela de vínculos Tema-Isotopia			
	Tabela de vínculos Figura-Isotopia			
	Dimensão Sintática	Veridicção	Observador	Ator
				Actante
			Classificação	
			Modo	Ser
		Parecer		
Debreagem		Lógica		
		Pessoa	Referência	
			Lógica	
Nível				

Nível	Dimensão	Etapa	Categoria	Subcategoria
			Espaço	Referência
				Lógica
				Nível
			Tempo	Referência
				Lógica
				Nível
		Aspectualização	Observador	
			Pessoa	Eixo Aspectual
				Referente
				Transição DE
				Transição PARA
				Dinâmica
			Espaço	Eixo Aspectual
				Referente
				Transição DE
				Transição PARA
				Dinâmica
			Tempo	Eixo Aspectual
				Referente
				Transição DE
				Transição PARA
Dinâmica				
Interníveis	Paixões	Narrativização	Tipo	
			Modo de Presença	
			Modalidades	Modalidades
				Característica Modal

Nível	Dimensão	Etapa	Categoria	Subcategoria	
				Efeito Modal no Sujeito	
				Efeito Passional	
		Discursivização	Nome		
			Sujeito em Estado de Espera		
			Imagem-fim		
			Estado de Alma		
			Sujeito Moralizador		
		Emoção			
	Narrativo-discursiva	Tipologia da Ação		Polêmica Cônica	Tipo
				Polêmica Alienada	Tipo

2.5. Valor

Cabe levantar brevemente, para fins de exemplo aos semioticistas, uma questão teórica dentre as muitas que nos trouxe o trabalho de elaboração da árvore: o “valor” aparece em todos os Níveis do Percorso

Gerativo do Sentido; é o mesmo valor? Sim, mas com diferentes configurações.

O valor é uma propriedade que define se algo é importante ou desprezível num texto ou para um actante ou ator. Basicamente temos:

1. No Nível Fundamental:

- (a) Na Dimensão Discreta (Quadrado Semiótico), o conjunto desses valores é definido pela foria, a qual afeta a configuração do texto como um todo ao sobremodalizar o eixo semântico de base, ao que chamamos de Quadro de valores;
- (b) Na Dimensão Contínua (Tensividade), cada elemento do Quadro de valores compõe o espectro de valores aqui relacionados entre si para formatar cada valência, definida como o valor do valor, numa abordagem ainda mais profunda e abstrata do quadro de valores; as valências são responsáveis pela especificidade do modelo tensivo que, como na Dimensão Discreta, abarca o texto como um todo;

2. No Nível Narrativo:

- (a) Na Dimensão Pragmática o objeto será definido por dois tipos de valores: a foria, tal como no quadro de valores do Nível Fundamental, e a relação com a transformação, podendo ser descritivo se for sua meta ou modal se for a forma de alcançá-la;
- (b) Na Dimensão Cognitiva, recupera-se o quadro de valores, em geral com mais detalhes, para embasar o fechamento ou não do contrato da manipulação e a avaliação do resultado na Sanção;

3. No Nível Discursivo:

- (a) Na Dimensão Semântica, sobremodalizando isotopias e atores pela foria;
- (b) Na Dimensão Sintática, na veridicção, na debreagem e na aspectualização o texto inclui cada elemento com uma foria e aloca tais elementos no quadro de valores do texto;

4. No Interníveis, os valores são recuperados conforme os Níveis que fazem parte da constituição de cada dimensão, como as Paixões.

A questão é: não seriam os valores em todas as formas com que afetam a semiose senão o principal, um dos principais elos na passagem entre os Níveis do Percurso Gerativo?

Aos leitores iniciantes na teoria deixo a liberdade de seguir sem precisar responder, pois possíveis respostas virão durante os estudos; aos iniciados, deixo em aberto.

2.6. Sugestão de sequência para a análise

Gostamos de sugerir que se comece a análise pelo Nível Narrativo, pois é o mais enxuto do ponto de vista de sua lógica interna: não há categorias abertas neste nível de análise. Classificamos os elementos narrativos e, assim, obtemos uma espécie de coluna vertebral da análise (Matte, 2004C), um norte para reconhecer os elementos das outras categorias.

Em virtude dos valores que emanam da foria do Nível Fundamental para os actantes do Nível Narrativo, sobremodalizando⁸-os entre o valor positivo (euforia) e o valor negativo (disforia) de forma perceptível no processo de análise deste último, a análise descontínua ou discreta (Quadrado Semiótico) deste nível fica bem mais fácil, em geral, quando concluímos a análise do Narrativo. Já a Tensividade (elemento de continuidade) geralmente ainda não é clara, de modo que sugerimos que a análise do Nível Fundamental Descontínuo seja o próximo nível de análise. Esta abordagem já era adotada como prática e foi publicada, de forma indireta, no livro *Ensaio de Semiótica* (Lara; Matte, 2009).

A análise do Nível Discursivo é a próxima, por consequência, mas, diferentemente da abordagem tradicional da análise semiótica, não é a última etapa: em seguida serão analisadas as categorias interníveis, das quais, até o momento, elencamos apenas duas. Finalmente, retornamos ao Nível Fundamental, para estudar seus elementos contínuos. Os passos sugeridos, portanto, são:

8 A sobremodalização é uma outra camada de modalização, geralmente advinda de outros níveis da análise.

1. Nível Narrativo

a) Dimensão Pragmática

b) Dimensão Cognitiva

- Etapa da Manipulação
- Etapa da Sanção

2. Nível Fundamental

a) Dimensão Discreta

3. Nível Discursivo

a) Dimensão Semântica

b) Dimensão sintática:

- Etapa da Debreagem
- Etapa da Veridicção
- Etapa da Aspectualização

a) Dimensão semântica:

- Etapa das Isotopias

4. Interníveis

a) Dimensão Narrativo-discursiva

b) Dimensão das Paixões

5. Nível Fundamental

a) Dimensão Contínua

As Figuras 4, 5 e 6 mostram a organização deste passo a passo:

- Temos 3 linhas condutoras, de cima (entrada do passo a passo) até embaixo (saída com dados da análise), mostrando as mudanças entre níveis e dimensões. Da esquerda para a direita, as linhas condutoras são:
 - Níveis de Análise: são os Níveis do Percurso Gerativo conforme estão em evidência no momento, perfazendo um percurso de análise que sai do Narrativo, passa pelos níveis Fundamental, Discursivo, passa pelos interníveis e volta ao Fundamental.
 - Nível Fundamental: o nível, descrito como o mais simples e profundo, é aquele que sustenta o todo do texto, indicando o foco e a valoração dos elementos que compõe esse foco no texto em análise;

- **Nível Narrativo:** é conhecido como o nível intermediário do percurso, sendo aquele no qual a relação entre elementos puramente lógicos, tomados num percurso baseado em pressuposições, e que mantém a estrutura do percurso independentemente da ordem em que aparecem no texto;
- **Nível Discursivo:** este é o nível conhecido como mais complexo, por mostrar a força da textualização na construção do sentido, e como o mais superficial, por dar especificidade e vida aos elementos dos níveis mais profundos.

Figura 4: Proposta para a sequência de análise (passos 1, narrativo, e 2, fundamental).

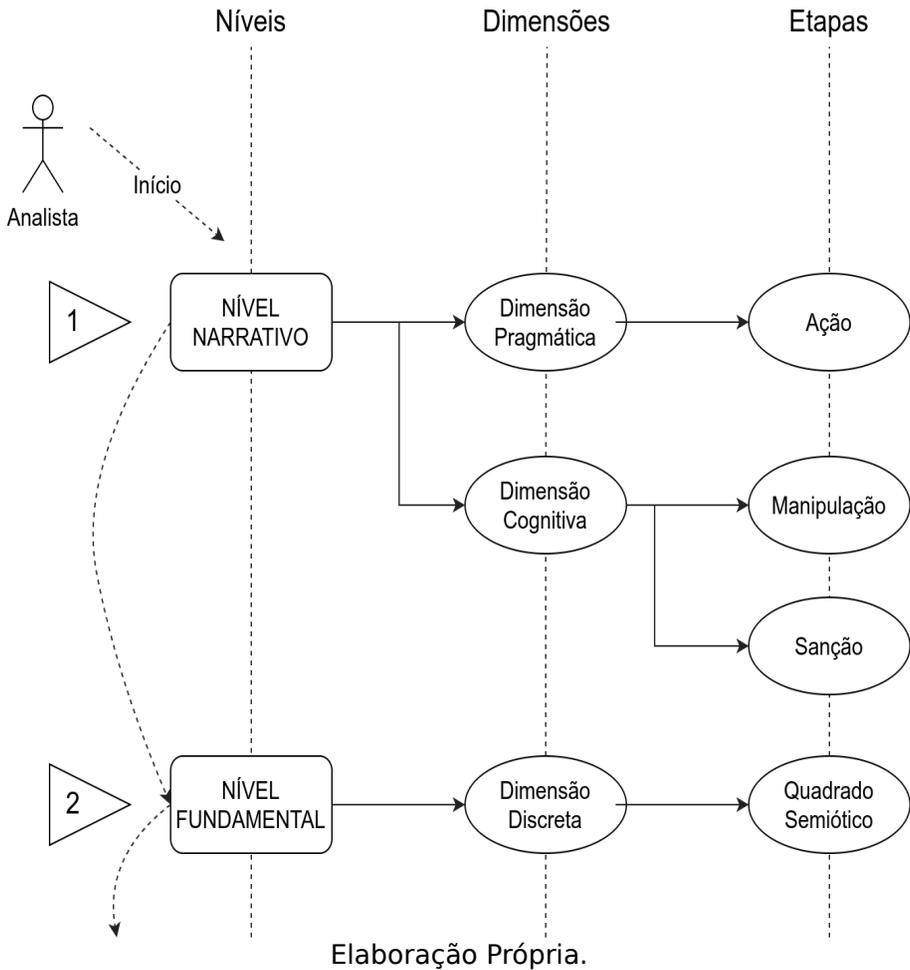


Figura 5: Proposta para a sequência de análise (passo 3, discursivo)

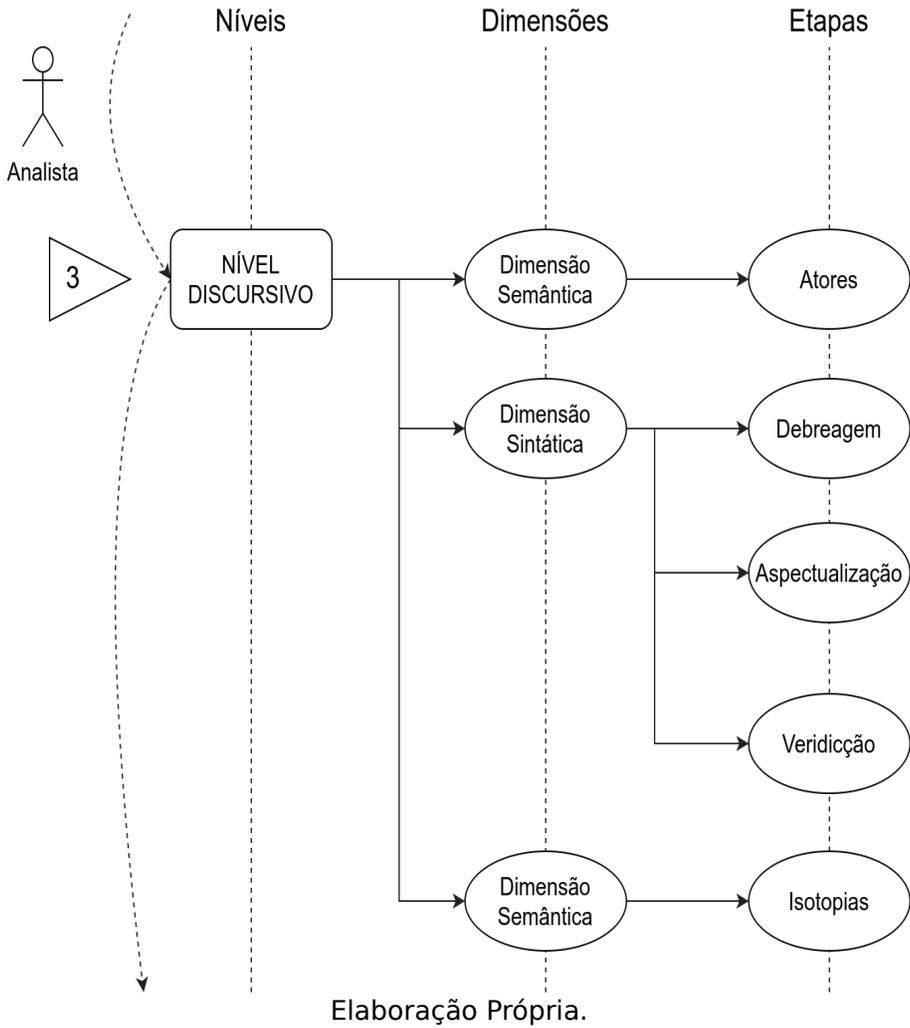
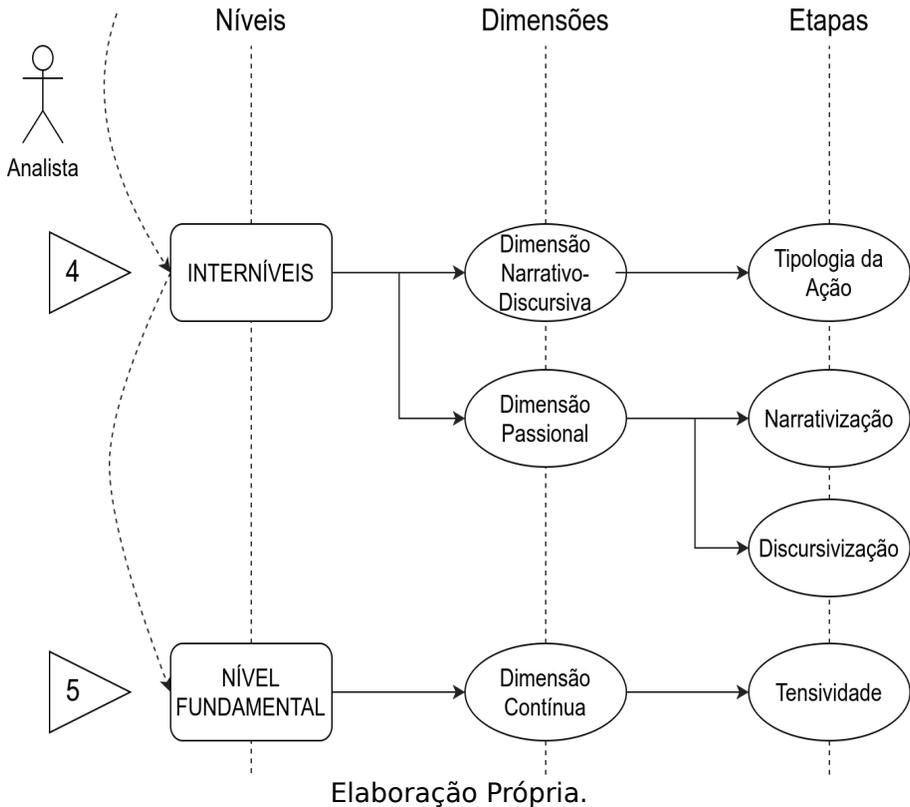


Figura 6: Proposta para a sequência de análise (passos 4, interníveis, e 5, fundamental)



Observação: as figuras, quando o texto não dá conta de explicitá-las aos leitores com deficiência visual, foram convertidos em tabelas. A Árvore toda convertida em tabelas encontra-se no volume IV.

- Dimensões da Análise: as dimensões incomuns, exceto as duas do Nível Narrativo.
 - A proposta da Semiótica para a Narrativa, que compreende duas dimensões de análise, uma objetiva (relação entre sujeito e objeto), chamada de *Dimensão Pragmática*, e outra subjetiva (relação entre sujeitos), chamada de *Dimensão Cognitiva*.
 - O Nível Fundamental foi organizado em duas dimensões, desta feita por serem análises que podem acontecer de forma quase independente, tal como acontece com as dimensões da Narrativa. São elas a *Dimensão Contínua* (Tensividade) e a *Dimensão Discreta* (Quadrado Semiótico).
 - Para organizar o Nível Discursivo agrupamos isotopias e Atores na *Dimensão Semântica* e, na *Dimensão Sintática*, veridicção, aspectualização e debreagem. Essa divisão não apaga a definição segundo a qual todo Nível, Dimensão e Etapa possua sua própria semântica e sua própria sintaxe,

embora esteja baseada nesta (Barros, 2002, p. 72-131).

- Etapas da Análise: esta é a linha mais diretamente reconhecível pelos semioticistas, embora em semiótica não sejam comumente chamadas de etapas. Elas sugerem, genericamente, uma sequência de etapas para análise, com a ressalva de que a experiência do Analista poderá levá-lo a trocar a ordem ou eliminar etapas, sempre de acordo com a especificidade de cada texto e os objetivos da análise. As etapas estão organizadas conforme a divisão usual da teoria, de modo que contamos com 13 etapas:

- * Ação;
- * Manipulação;
- * Sanção;
- * Quadrado Semiótico;
- * Ator;
- * Debreagem;
- * Aspectualização;

- * Veridicção;
- * Isotopias;
- * Tipologia da Ação;
- * Narrativização;
- * Discursivização;
- * Tensividade.

- Categorias da Análise: são os principais elementos de análise em cada etapa, nos

quais são indicados os elementos de cada nível que podem ser analisados simultaneamente durante a análise. São as categorias de análise propriamente ditas. Na árvore, foram alocadas 52 categorias e 88 subcategorias de análise.

Note que o passo a passo vai e volta entre dimensões e entre etapas; isso acontece em virtude das dependências entre diferentes etapas de análises. As Figuras 4, 5 e 6 indicam um caminhar completo por todas as etapas da análise. Na árvore completa, as categorias espriam-se a partir de cada etapa, incluindo respostas no caso das categorias fechadas. No caso das Paixões, ainda não temos elementos para definir a exata medida da participação de cada elemento dos Níveis do Percorso na composição da Paixão, e talvez nunca tenhamos, já que as Paixões diferem muito entre si. Por sua vez, a tipologia da ação é resultado de uma simples combinação de categorias: feitas as análises dessas categorias, a tipologia está definida e pode ser recuperada automaticamente, sem necessidade de nenhuma reanálise, como veremos no tópico correspondente.

É importante frisar, finalmente, que a prática de análise permite aos analistas mais experientes dispensar algumas das etapas, as quais se tornam cada vez mais evidentes com a experiência. Além disso, o analista, mesmo iniciante, pode estar interessado apenas na análise de um dos níveis, ou dimensões, ou etapas, ou mesmo subníveis, caso em que se torna totalmente justificada a exclusão de outros elementos na análise.

Dependendo, porém, do motivo da análise (buscar resultados sobre um texto/conjunto de textos ou explorar intersecções não óbvias), pode ser interessante registrar também o resultado de todos os outros elementos, embora dispensáveis para o projeto em foco, pois isso pode abrir diversas possibilidades, como cruzamentos insuspeitados, novos questionamentos e retomadas de tópicos teóricos.

Até este Capítulo 2, o presente livro não trouxe elementos para ensinar/aprender semiótica. A partir do próximo capítulo, estes elementos começarão a ser trazidos à tona, textualmente e em esquemas, bem mais elaborados do que minhas fichas amareladas, escritas a partir da segunda metade da década de 90.

Capítulo 3. Nível Narrativo

As categorias fechadas em semiótica são a mola propulsora da Árvore: trata-se de categorias de análise para as quais a teoria prevê, por padrão, uma estrutura fechada, não flexível nesse sentido, de modo que a decisão analítica escolherá, somente entre as opções previstas, uma que sirva ao texto ou trecho em foco em foco. Categorias deste tipo aparecem em todos os níveis do Percurso Gerativo do Sentido, podendo ser, em relação ao texto, abrangentes (como o eixo semântico de base do Nível Fundamental), abstratas (como os actantes do Nível Narrativo) ou específicas e pontuais (como a debreagem e a veridicção, no Nível Discursivo).

Começamos aqui pelas categorias estritamente fechadas, ou seja, cuja análise não envolva categoria aberta alguma.

3.1. Dimensão Pragmática: Ação/ Performance

O Nível Narrativo é o Nível das Categorias Fechadas por excelência: certamente em virtude do alto grau de abstração que caracteriza sua lógica, o número de opções de classificação ao realizar uma análise é bem definido e reduzido, além de contar com nomenclatura bem orientada e limitada. Neste Nível instituiu-se papéis actanciais, ou actantes⁹, que relacionam-se de duas diferentes formas, marcadas pela organização clássica de suas dimensões.

A Dimensão Pragmática, que sugerimos como primeira etapa da análise, é a base do Nível Narrativo, embora não seja, em muitos casos, a análise mais relevante, já que a relação entre Sujeitos e Objetos, que a define,

9 Há uma relação não isomórfica entre os atores do Nível Discursivo e os actantes, os papéis actanciais do Nível Narrativo.

resume-se a estados e transformações de estados, indicando uma linha clara que orienta a leitura do texto, mas sem especificá-lo de forma alguma. A mesma sequência de transformações aparecerá em inúmeros textos, pouco ou nada dizendo sobre suas diferenças, se tomados isoladamente. Começar por esta dimensão, no entanto, possui o benefício de fornecer um caminho ágil para o processo de abstração necessário à análise semiótica como um todo.

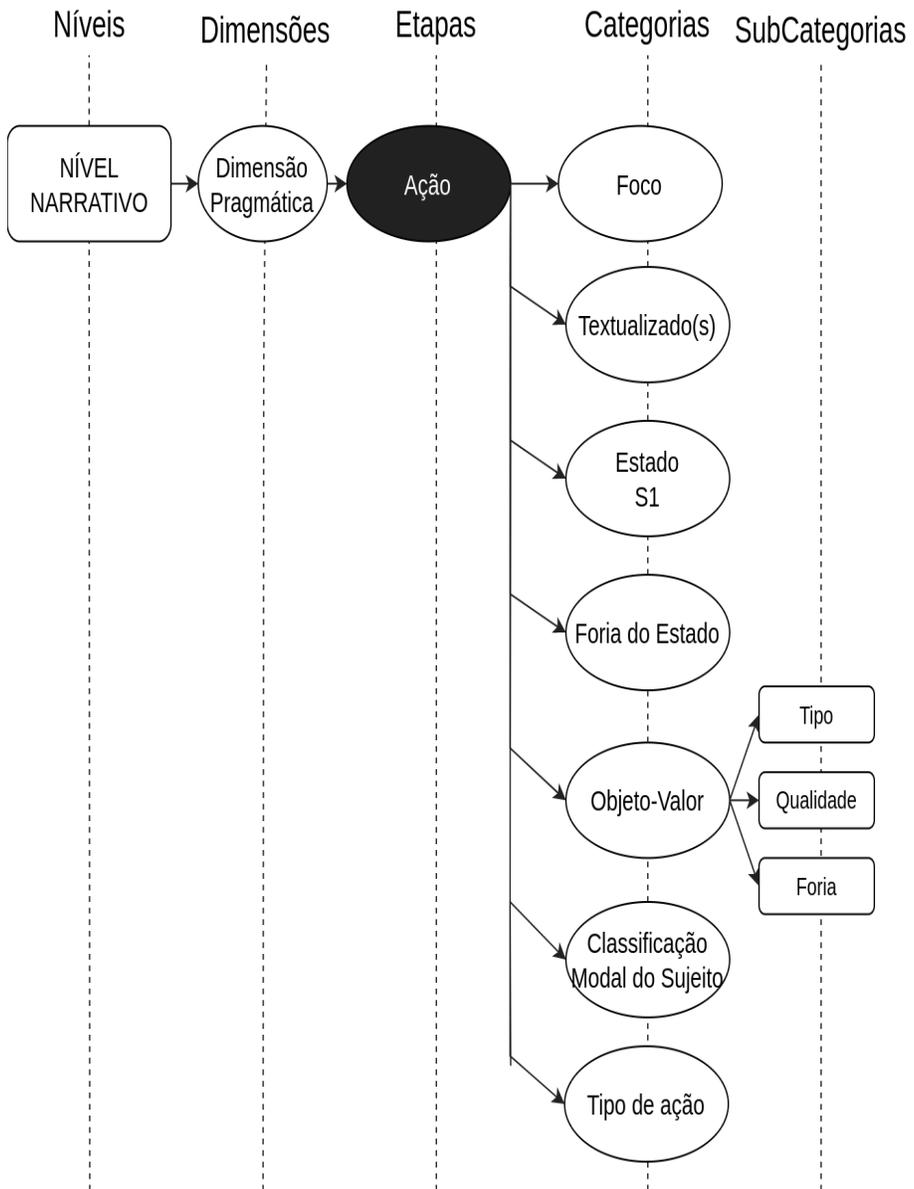
Na abordagem usual da análise semiótica do Nível Narrativo¹⁰, nos perguntamos:

- Quem é o Sujeito do Estado (S1)?
- Quem é o Objeto-Valor (Ov)?
- Quem é o Sujeito da Transformação (S2)?

Isso nos leva a responder apelando para os atores do Nível Discursivo, pois esse “quem” vai ser preenchido por figuras como “princesa”, “agulha”, “cozinheira”, “lua” etc. Queremos evitar essa abordagem interníveis para dar maior visibilidade à produtividade intrínseca ao Nível Narrativo em sua máxima abstração.

10 Definições no volume “Drops Conceituais” desta obra.

Figura 7: Hierarquia das categorias na análise da Ação.



Elaboração Própria.

A qualidade determina os contrários do eixo semântico fundamental (categoria de base), aquele que dá conta do texto como um todo¹¹.

A Figura 7 mostra a organização da análise, calcada na mesma teoria, mas com um enfoque levemente diferente. A análise da Dimensão Pragmática aqui é feita em uma etapa, à qual chamamos Ação. O ideal sempre é começar dividindo o texto em partes, as quais serão intuitivas numa relação inversa com a experiência do analista: quanto menor a experiência prévia nesse tipo de análise, mais intuitiva a divisão, o que, no entanto, não traz prejuízo algum para a análise.

A observação das partes nesse conjunto de relações apresentado na Figura 7 conduz a questões diferentes, com base nos mesmos conceitos¹²:

- A sentença tem como foco o estado ou a transformação?
 - Se for o estado
 - textualiza o S1?

11 Maiores explicações no próximo capítulo.

12 Note que as respostas possíveis aparecem entre chaves. Definições em drops: volume II.

- Qual o estado da junção, caracterizando o Sujeito? {conjunto; disjunto; não-disjunto; não-conjunto}
- O estado está sobremodalizado foricamente? {eufórico; não-eufórico; disfórico; não-disfórico}
- textualiza o Ov?
 - Que tipo de Ov faz parte desse estado? {modal; descritivo}
 - Qual o valor do Ov? {repulsivo; desejável}
 - Se repulsivo, pode ser {disfórico; não-eufórico}
 - Se desejável, pode ser {eufórico; não-disfórico}
- Se for a transformação
 - textualiza o S2?
 - Qual a modalização de S2? {
 - querer ou dever → virtualizado; disjunto (falta, dissociação);

- saber e poder → atualizado;
- em conjunção (posse, união) com o objeto: realizado;
- não querer ou não dever → potencializado (entendemos que o S2 potencializado ainda não é necessariamente S2, pois apenas é um sujeito que se percebe em falta; querer/dever supri-la depende de outros fatores)}
- Qual a sobremodalização fórica de sua classificação modal? {eufórico; não-eufórico; disfórico; não-disfórico}
- textualiza o S1?
 - Se sim, qual o estado da junção caracterizando o Sujeito? {conjunto; não-conjunto; disjunto; não-disjunto}
 - O estado está sobremodalizado foricamente? {eufórico; não-eufórico; disfórico; não-disfórico}

- textualiza o Ov?
 - Se sim, que tipo de Ov faz parte desse estado? {modal; descritivo}
 - Qual a qualidade do Ov? {repulsivo; desejável}
 - A qualidade é um dos extremos ou aponta para um deles?
 - Se repulsivo, pode ser {disfórico; não-eufórico}
 - Se desejável, pode ser {eufórico; não-disfórico}
- tipo de transformação: {aquisição; privação}

A resposta a essas questões nos vai prover com um quadro completo de percursos de base e de uso, para o texto todo. Observe que o Objeto-valor (Ov) distingue também as dimensões e está, portanto diretamente vinculado com o tipo de percurso. Assim, o tipo de Ov é determinado por e determina a Dimensão, o Percurso e o tipo de Manipulação:

- Objeto Descritivo, o alvo da ação, é o objeto em jogo na dimensão pragmática, na qual a transformação diz respeito a S1 e o objeto visado.
 - O Percurso de Base é o principal percurso narrativo do texto ou trecho do texto, mesmo que, para a construção do sentido, sua importância pode variar; trata-se da transformação que ocorre na Dimensão da Ação.
 - É o tipo de Ov que aparece nas manipulações por Tentação ou por Intimidação.
- Objeto Modal é aquele que provê a S2 as modalidades necessárias para realizar a transformação da junção de S1 com o Ov, alterando o estado inicial dessa transformação.
 - O Percurso de Uso compreende os percursos auxiliares que permitem que o de base seja efetivado.
 - É o objeto que aparece na manipulação por Sedução ou Provocação.

A partir disso, poderemos verificar: a) na narrativa, o caminho da Foria (valorização positiva ou negativa) se há uma linha geral euforizante – da Disforia (valor negativo) para a Euforia (valor positivo) – ou, na direção contrária, disforizante, ii) qual o tipo de objeto predominante, entre outras observações. Além disso, podemos usar esses dados para fazer comparações em questões como: que tipo de objeto aparece quando é a transformação que está em foco?

Sugestão para registro dos resultados das análises

Figura 8: Sugestão de tabela para análise da Ação.

ETAPA DA AÇÃO										
Dimensão Pragmática do Nível Narrativo										
Parte nº	Texto	Foco da Ação	textualizados	Estado	Sobremodalização fórica do estado	Tipo Ov	Repulsivo?	Desejável?	Modalização S2	Tipo de transformação
1	Exemplo possui exemplo.	estado	S1, Ov	conjunto	eufórico	descritivo	Não	Sim	não se aplica	não se aplica

Elaboração Própria.

A Figura 8 mostra uma sugestão da organização em tabela com as opções previstas pelo estudo das

categorias abertas e fechadas para a análise da Dimensão Pragmática do Nível Narrativo, contemplando de uma vez todas as categorias (S1, S2, Ov) e subcategorias (foria, modalização e classificação)¹³.

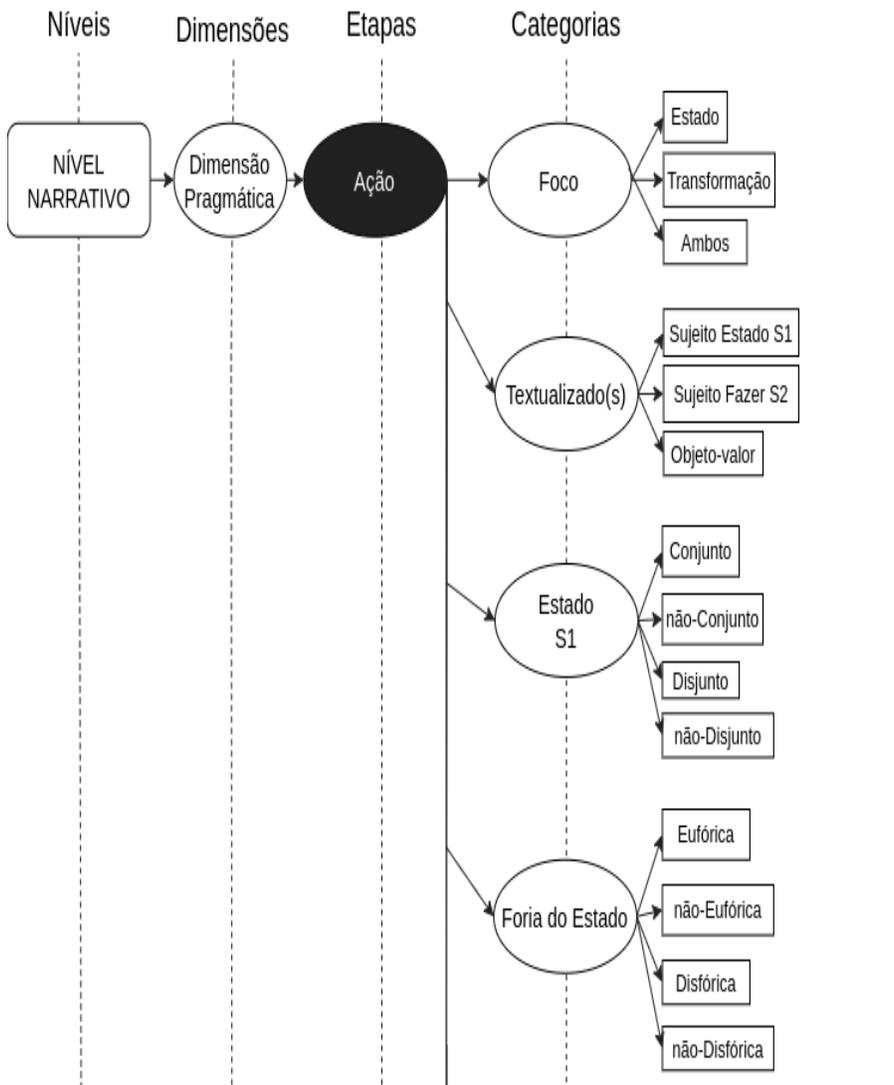
Como alternativa para registro das análises em planilhas (Figura 8), sugerimos registrar as análises usando um editor de texto, inserindo notas de rodapé ou comentários. O formulário provê uma “foto” da Ação naquela sentença, mas é importante considerar que as análises devem estar sempre contextualizadas no texto. Às vezes duas partes são diferentes num aspecto e iguais em outro, é melhor marcar a repetição ou a diferença na tabela; o uso de comentários ou notas de rodapé num editor de textos evitaria, por sua vez, a necessidade de repetição.

3.2. Etapa da Ação

Esta etapa, a da Ação ou Performance, cujas categorias são todas fechadas, na árvore é representada como nas Figuras 9 e 10.

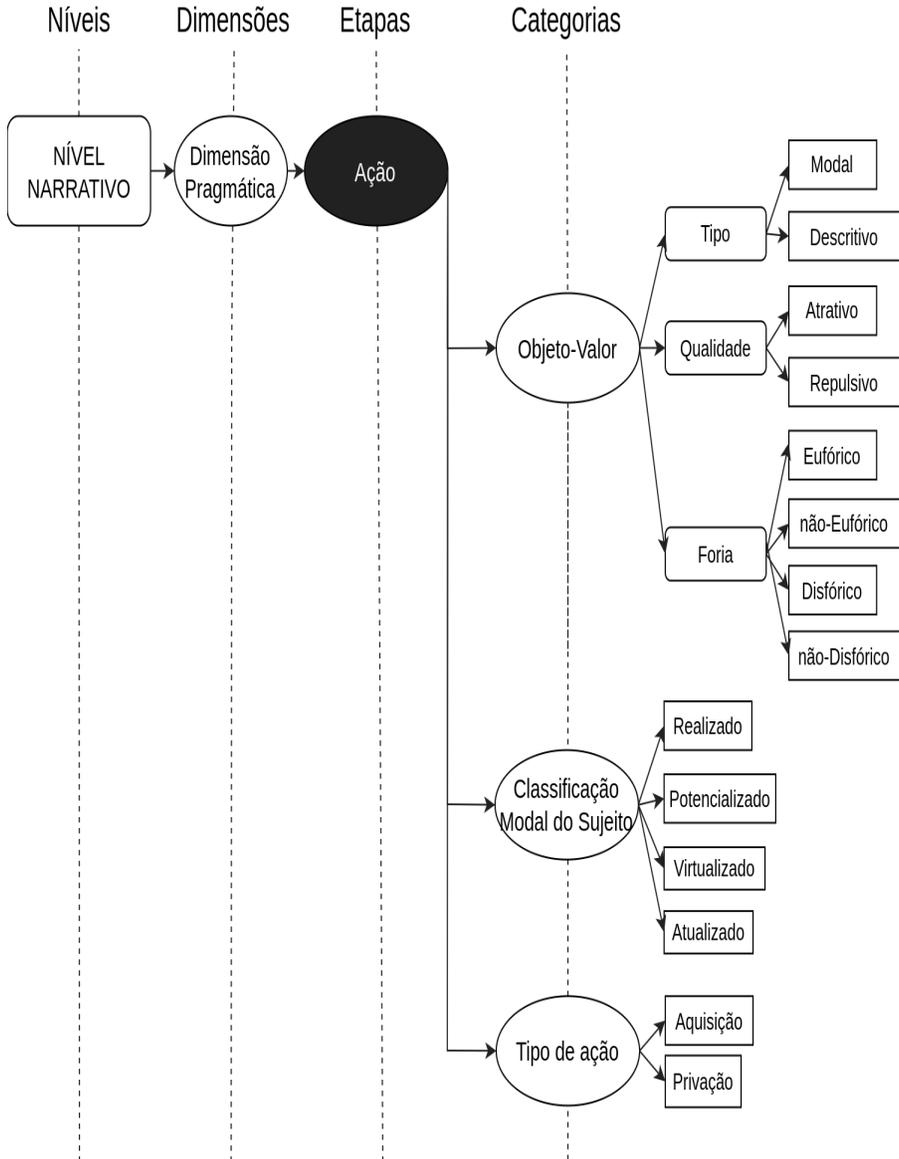
13 Mais definições em drops no Volume II.

Figura 9: Ramo da Etapa da Ação (parte superior, continua na próxima imagem). Note que todas as categorias de análise desta etapa são categorias fechadas; assim, à direita, elencamos as respostas possíveis em cada caso.



Elaboração Própria.

Figura 10: (cont.) Ramo da Etapa da Ação (parte inferior).



Elaboração Própria.

No caso desta etapa, todas as categorias são fechadas, motivo pelo qual se indicam já as respostas possíveis para cada categoria.

3.3. Dimensão Cognitiva: Manipulação

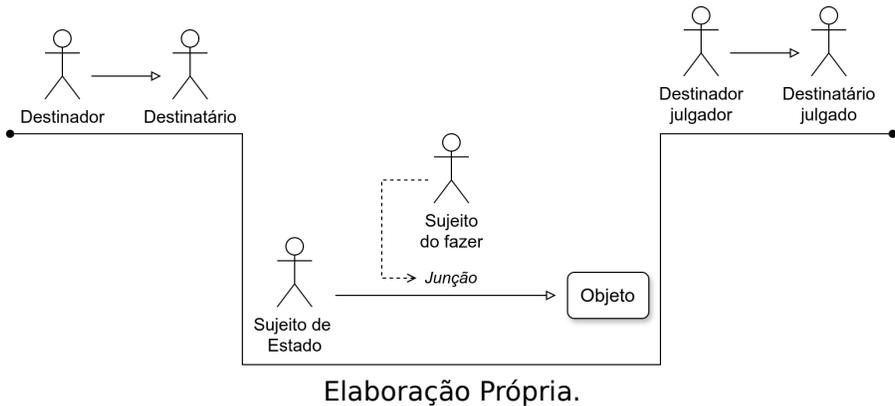
A Manipulação é, segundo a lógica semiótica da Narrativa, a primeira etapa de uma sequência global que compreende Manipulação, Ação e Sanção. A Manipulação e a Sanção compõe a Dimensão Cognitiva¹⁴.

A Manipulação pertence à Dimensão Cognitiva pois é uma relação entre Sujeitos, diferentemente daquela vista na Dimensão Pragmática, que se dá entre Sujeitos e Objetos, apresentada no tópico anterior. A Figura 11 mostra a relação entre Actantes nas etapas de Manipulação (Destinador - D^{or} - e Destinatário - D^{ário}), Ação (Sujeito de Estado - S1 -, Sujeito do Fazer - S2 - e Objeto - O) e Sanção (Destinador-julgador - D^{or-julgador} - e Destinatário-julgado - D^{ário}), em sequência, apresentando, no plano mais alto (inicial e final), as

14 Definições em drops no Volume II.

etapas da Dimensão Cognitiva e, no mais baixo (intermediário), a da Dimensão Pragmática (Figura 11).

Figura 11: Actantes nas dimensões Pragmática e Cognitiva.



De forma extraordinariamente simples, a Semiótica greimasiana propõe uma análise da relação entre sujeitos baseada apenas em valores e modalizações organizados num contrato entre o Destinator - o responsável pela proposta - e o Destinatário. Este último, ao fechar o contrato, assumirá o papel de S2, entrando na Dimensão Pragmática, cuja única Etapa é a Ação (Figura 11).

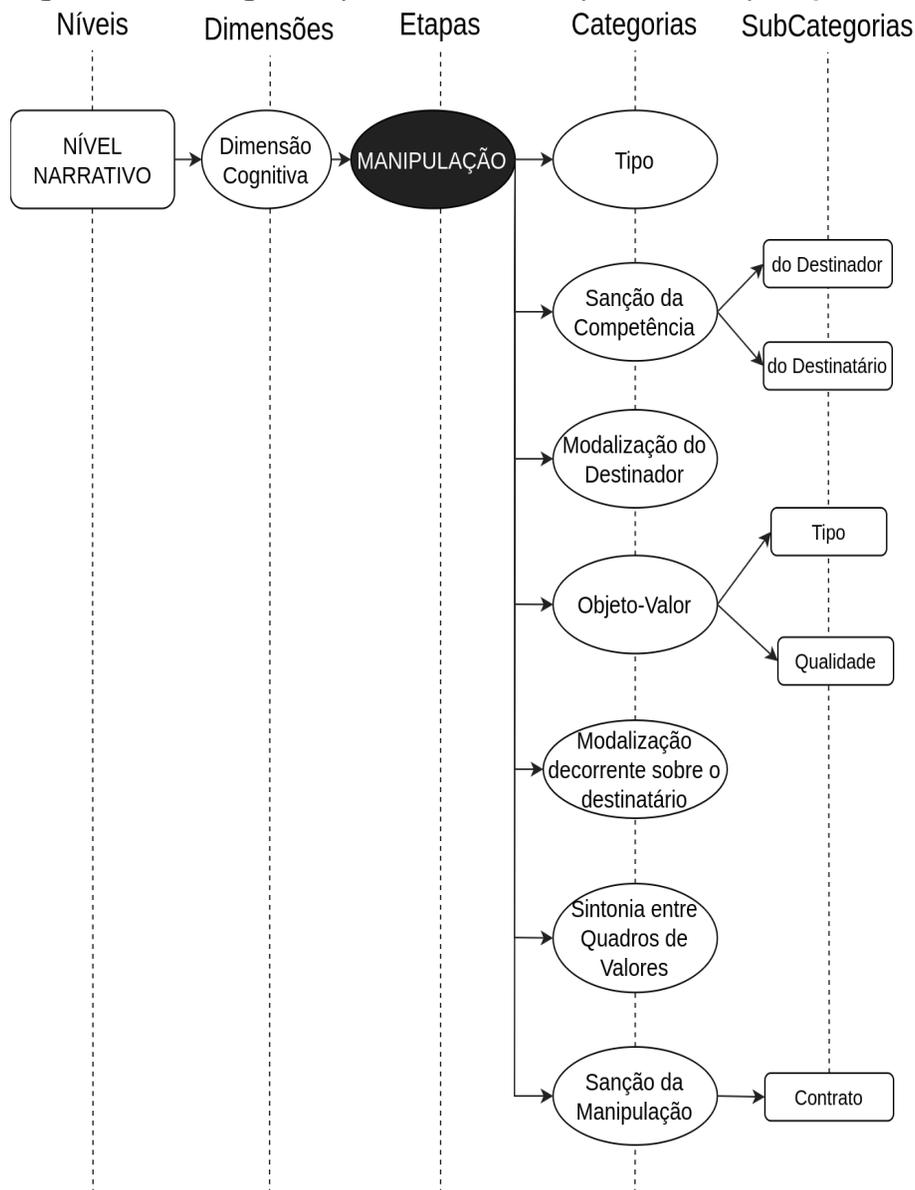
Em outras palavras, o Sujeito do Fazer é criado quando um Destinator consegue fechar um contrato com um Destinatário, contrato este que focaliza um “fazer”. É

por isso que dizemos que a marca da Manipulação é “fazer-fazer”: é papel do Destinator fazer o Destinatário transformar-se em Sujeito do Fazer (S2), saltando para a Dimensão Pragmática na etapa de Performance (Ação) (Figura 11).

A análise central da Manipulação focaliza os 4 tipos de Manipulação previstos pela teoria, os quais são caracterizados, no que tange ao Destinator, por sua modalização e pelo quadro de valores proposto e, no que tange ao Destinatário, por seu próprio quadro de valores e sua modalização resultante em caso de fechamento do contrato.

- O quadro de valores não compreende todo o conjunto de crenças e sabedorias de um actante, mas todas aquelas que, especificamente naquele momento (naquele texto, naquela manipulação), estão em jogo: um objeto (modal ou descritivo) e seu valor (eufórico ou disfórico).

Figura 12: *Categorias fechadas da Etapa de Manipulação.*



Elaboração Própria.

- A Sanção da Manipulação acontece em virtude da última questão em aberto entre o Destinatário e o contrato: há sintonia entre o quadro de valores do primeiro e o quadro que sustenta o contrato proposto (sintonia entre quadros de valores). Somente se houver sintonia, a sanção da manipulação, positiva, leva ao fechamento do contrato; caso contrário, ele é rejeitado.
 - A qualidade é a primeira pista sobre o quadro de valores. Não é uma terminologia exatamente semiótica, mas ajuda na análise.

Dito de outra forma, o Destinator constrói uma proposição para conseguir atingir uma meta, que é fazer o destinatário fazer uma transformação. Esta proposta, no modo do /parecer/, pode partir de uma avaliação positiva de sua própria competência ou de uma avaliação, também no modo do /parecer/, negativa ou positiva da competência do Destinatário. A esta avaliação damos o nome de Sanção da Competência (Beividas; 2019) (Figura 12).

Porque no nível do parecer? Porque não importa se é verdadeira ou mentirosa a competência do destinator e

do destinatário e porque a sintonia de valores entre a proposta do Destinator deve coincidir com a do Destinatário, mas não necessita de qualquer coincidência com o quadro de valores do Destinatário.

Os quatro tipos de manipulação já estão definidos nessa avaliação inicial:

- será Sedução se presumir uma avaliação positiva da competência do Destinatário;
- será Tentação ou Intimidação se presumir uma avaliação positiva da competência do Destinator;
- será Provocação se presumir uma avaliação negativa da competência do Destinatário.

O tipo de Manipulação define (e é definido por):

- Modalização do Destinator:
 - pelo /saber/, no caso da Sedução e da Provocação;
 - pelo /poder/, no caso da Intimidação e da Tentação;
- Sobremodalização fórica e tipo de Objeto-valor em jogo:

- Sedução {eufórico; modal};
- Provocação {disfórico; modal};
- Tentação {eufórico; descritivo};
- Intimidação {disfórico; descritivo};
- A modalização decorrente da manipulação, sobre o Destinatário, em caso de fechamento do contrato proposto, permite sua passagem para a Dimensão Pragmática como S2:
 - pelo /querer/, nos casos de Ov eufórico, ou seja, na Tentação e na Sedução;
 - pelo /dever/, quando o Ov é disfórico, ou seja, na Intimidação e na Provocação.

Os Quadros 3 a 6 (páginas 97 a 100) sintetizam estas vinculações (Tópico Vínculos Obrigatórios), decorrentes da teoria que funda tal classificação.

A Etapa da Manipulação contém somente categorias fechadas. Sua análise, no entanto, é tão bem amarrada que basta definir parte dessas categorias e suas subcategorias para que se tenha acesso ao quadro completo.

Observe que, como a Manipulação depende de avaliações recíprocas entre destinador e destinatário, a sanção aparece internamente a esta etapa, apesar de ser originalmente uma Etapa por si só, logicamente ulterior à Ação no Percurso Narrativo padrão. A abordagem aqui adotada busca seguir a formulação proposta por Bevidas (2019).

Finalmente, o fechamento do contrato depende da sintonia entre o quadro de valores proposto pelo Destinador (não necessariamente o dele próprio, mas o que ele crê ser o do Destinatário¹⁵) e o do próprio Destinatário propriamente dito: se o quadro de valores proposto e o efetivo forem iguais, a decorrência natural é o fechamento do contrato e a consequente modalização do Destinatário pelo querer ou pelo dever; caso contrário, o contrato não é fechado, e a respectiva Ação não acontece. A esta avaliação, decisiva para o andamento da Narrativa e feita pelo Destinatário da Manipulação, chamamos de Sanção da Manipulação (Bevidas, 2019).

15 O que está de acordo com o Esquema de Comunicação proposto por Ignácio Assis Silva (1972), recuperado por Barros (2002) e retrabalhado, com vistas à interdisciplinaridade, por Matte (2014).

No entanto, o Destinatário pode ter uma relação polêmica com o objeto, com saberes e/ou crenças incompatíveis entre si, de modo que ele pode, diante do contrato proposto, precisar decidir qual dos dois quadros é prioritário ou preponderante para ele. É interessante, neste caso, deixar um comentário a respeito da polêmica e deixá-la marcada quando aparecer.

a) Vínculos Obrigatórios

Vínculos obrigatórios são, no escopo do presente trabalho, relações do tipo se isso, aquilo. Eles foram, no desenvolvimento inicial da Árvore, considerados elementos que, num software de análise semiótica, poderiam ser dados automaticamente.

Por exemplo, sempre que marcássemos a opção modal para o tipo de objeto envolvido no contrato de manipulação proposto, a modalização prevista para o Destinador seria saber, e vice-versa, de modo que, ao escolher uma dessas opções, o programa marcaria a outra.

O Quadro 3 apresenta a totalidade dos vínculos obrigatórios no que tange à Etapa da Manipulação. Note que os vínculos obrigatórios são sempre recíprocos. As categorias da Sanção (da competência e da manipulação) e a da Sintonia não fazem parte da função que define os tipos de manipulação, motivo pelo qual não fazem parte do Quadro 3.

Quadro 3: Vínculos obrigatórios na sanção da competência.

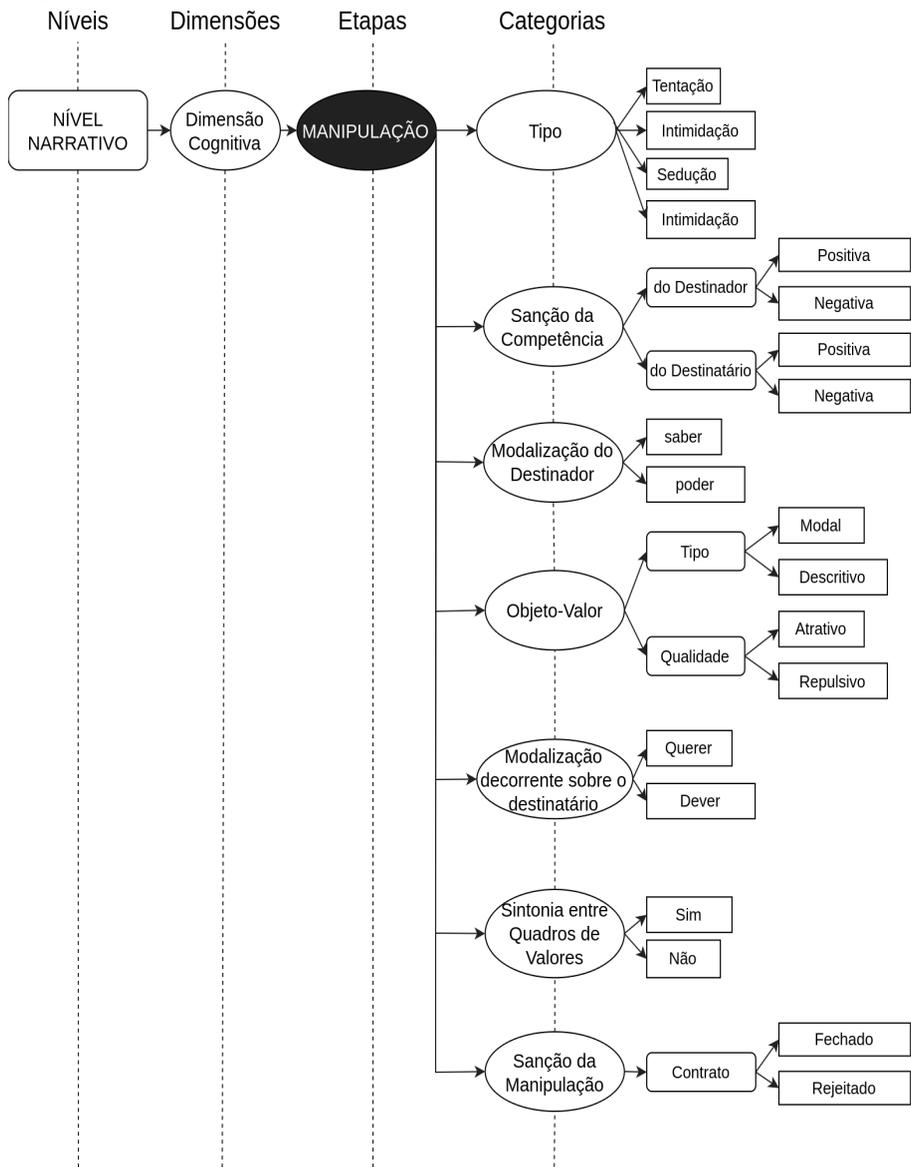
Vínculo obrigatório	Modalização D ^{or}	Tipo Ov
Sanção da Competência: D ^{or}	Poder	Descritivo
Sanção da Competência: D ^{ário}	Saber	Modal

Elaboração Própria.

A função dos tipos de manipulação, portanto, é:

$\text{tipo} = \text{comp.} + \text{mod D}^{\text{or}} + \text{Ov}(\text{foria} + \text{tipo}) + \text{mod dec D}^{\text{ário}}$	
<p>comp. = competência (positiva ou negativa) mod Dor = modalização do Destinator (saber ou poder) Ov = Objeto-valor</p>	<p>Ov Foria = foria (eufórico ou disfórico) Ov tipo = tipo (modal ou descritivo) mod dec Dário = modalização decorrente no Destinatário (querer ou dever)</p>

Figura 13: Ramo completo da Etapa da Manipulação.



Elaboração Própria.

A Figura 13 traz o desenho da Etapa da Manipulação na Árvore.

Deve-se destacar alguns outros vínculos importantes que podem ser, inclusive, importantes para análises em que a pressuposição deva ser acionada por falta de elementos no texto:

A) Modalização decorrente no Destinatário (Quadro 4):

- querer :: objeto eufórico;
- dever :: objeto disfórico.

Quadro 4: Modalização decorrente no Destinatário: vínculos obrigatórios.

	Modalização D ^{ário}	Valor Ov
Modalização Decorrente no Destinatário	Querer	Eufórico
	Dever	Disfórico

Elaboração Própria.

B) Sanção da competência (Quadro 5) recai sobre:

- o Destinatário :: objeto modal;
- o Destinador :: objeto descritivo.

Quadro 5: Sanção da Competência: vínculos obrigatórios, tanto para o destinador quanto para o destinatário.

Do Destinador ou do Destinatário	Modalização	Tipo Ov
Sanção da Competência	Poder	Descritivo
	Saber	Modal

Elaboração Própria.

C) Modalização necessária ao Destinador (Quadro 6):

- saber :: objeto modal;
- poder :: objeto descritivo.

Quadro 6: Modalização necessária ao Destinador, vínculos obrigatórios.

	Modalização	Tipo Ov
Modalização necessária ao Destinador	Poder	Descritivo
	Saber	Modal

Elaboração Própria.

3.4. Dimensão Cognitiva: Sanção

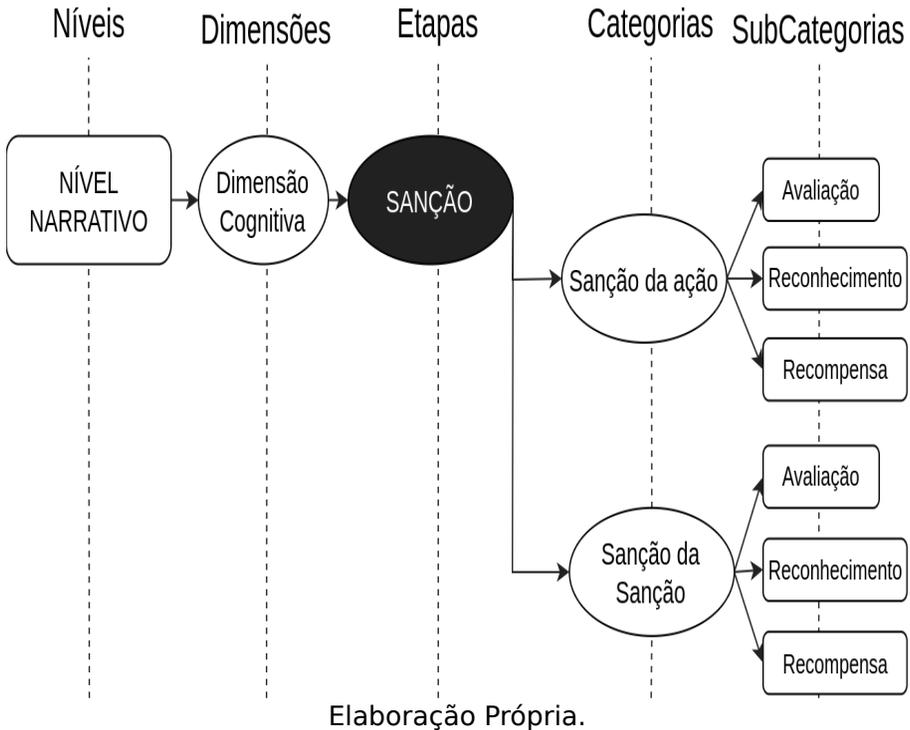
A Dimensão Cognitiva, como já especificamos, trata da relação entre sujeitos, no caso o Destinador (D^{or}) e o Destinatário (D^{ário}). Essa nomenclatura, igual à usada na etapa de Manipulação, pode provocar certa confusão, já que esses papéis actanciais são diferentes no seu

“fazer” (o primeiro faz, enquanto o segundo avalia o fazer), mas implicam sempre uma relação desigual entre sujeitos, em que um convence/avalia o outro. Por este motivo, a Semiótica usa, na Sanção, o sufixo “julgador” para o Destinador (Destinador-julgador) e “julgado” para o Destinatário (Destinatário-Julgado).

As duas primeiras categorias de Sanção pertencem à etapa de Manipulação, motivo pelo qual tratamos delas no tópico correspondente. As outras duas categorias de Sanção, da Ação e da Sanção, fazem parte da Dimensão Cognitiva quando esta sucede a etapa Ação, da Dimensão Pragmática. São avaliações feitas, respectivamente, pelo Destinador (da manipulação) sobre o fazer de S2 (ação) e pelo Destinatário (da manipulação) sobre o cumprimento ou não do contrato pelo Destinador (da manipulação).

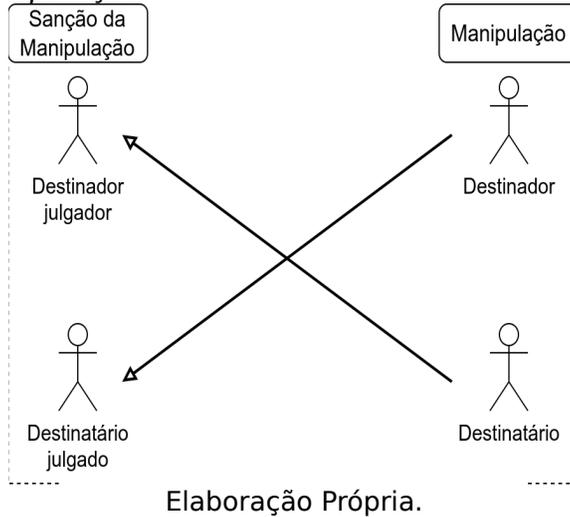
Ambas as categorias de análise da Sanção possuem as mesmas três subcategorias: avaliação, reconhecimento e recompensa. A Figura 14 apresenta a hierarquia de categorias desta etapa de Sanção.

Figura 14: Etapa da Sanção e suas categorias de análise.



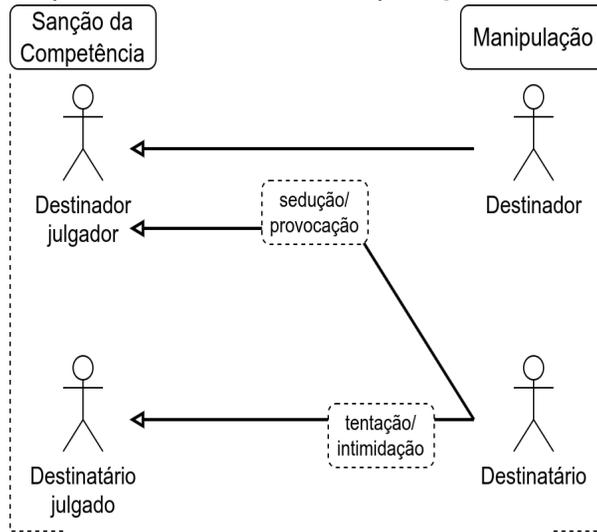
Nas Figuras de 15 a 18 apresentamos essa mudança de papéis que não é uma troca, apenas revela o sincretismo lógico (sem definir o sincretismo com atores do Nível Discursivo). Ou seja, aqui não importa se o Destinador é Fulano, Beltrano ou Ciclano, importa a relação entre papéis, de natureza lógica.

Figura 15: Actantes na Sanção da Manipulação e na Manipulação estrito senso.



A Sanção da Manipulação acontece logo no início desse percurso, quando o D^{ário} da Manipulação avalia o quadro de valores em que esta foi formulada, a fim de verificar se tal quadro está ou não de acordo com seus próprios valores. Nesse momento, ele ocupa o papel de Destinador-julgador, enquanto o D^{or} da Manipulação ocupa o papel de Destinatário-julgado (Figura 15).

Figura 16: Relação entre os actantes da Sanção da Competência e os da Manipulação.

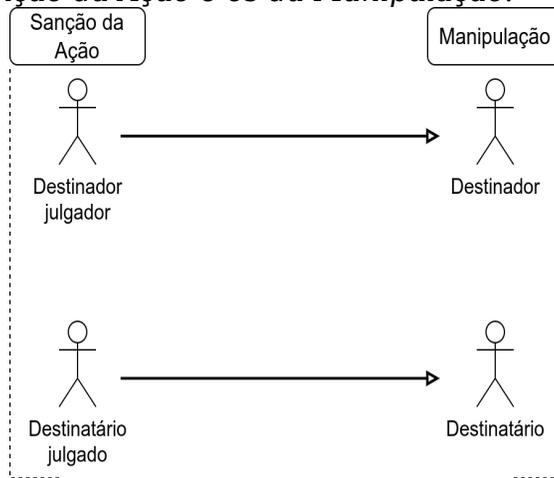


Elaboração Própria.

É interessante que o D^{ário} da Manipulação, conforme o tipo desta, pode ser o Destinatário-julgado da Sanção da Competência (Figura 16), no caso da tentação e da intimidação, enquanto, na sedução e na provocação, o Destinador da Manipulação, convergindo para o papel do Destinador-julgador da Sanção da Competência.

Na Figura 17 vê-se a relação clássica: o D^{or}-juulgador da Sanção da Competência é o Destinator da Manipulação, enquanto o D^{ário}-juulgado da Sanção da Ação é o Destinatário da Manipulação.

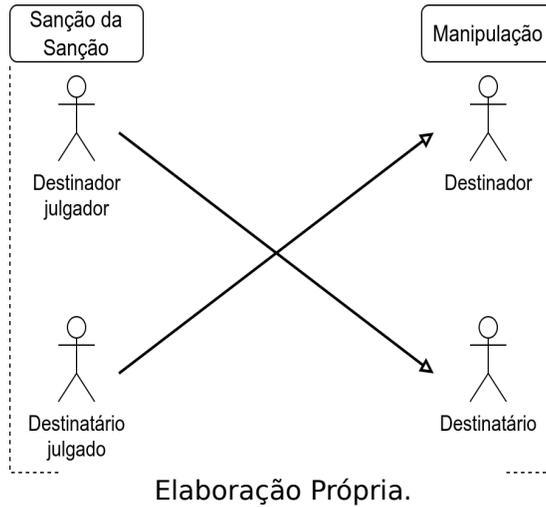
Figura 17: Relação entre os actantes da Sanção da Ação e os da Manipulação.



Elaboração Própria.

A Sanção da Sanção é realizada pelo Destinatário da Manipulação, de modo que há uma inversão de papéis também nessa fase, como se pode ver na Figura 18.

Figura 18: Relação entre os actantes da Sanção da Sanção e os da Manipulação.



Na etapa da Sanção, de que trata o presente tópico, devemos, portanto, destacar o julgamento da performance e o da própria Sanção:

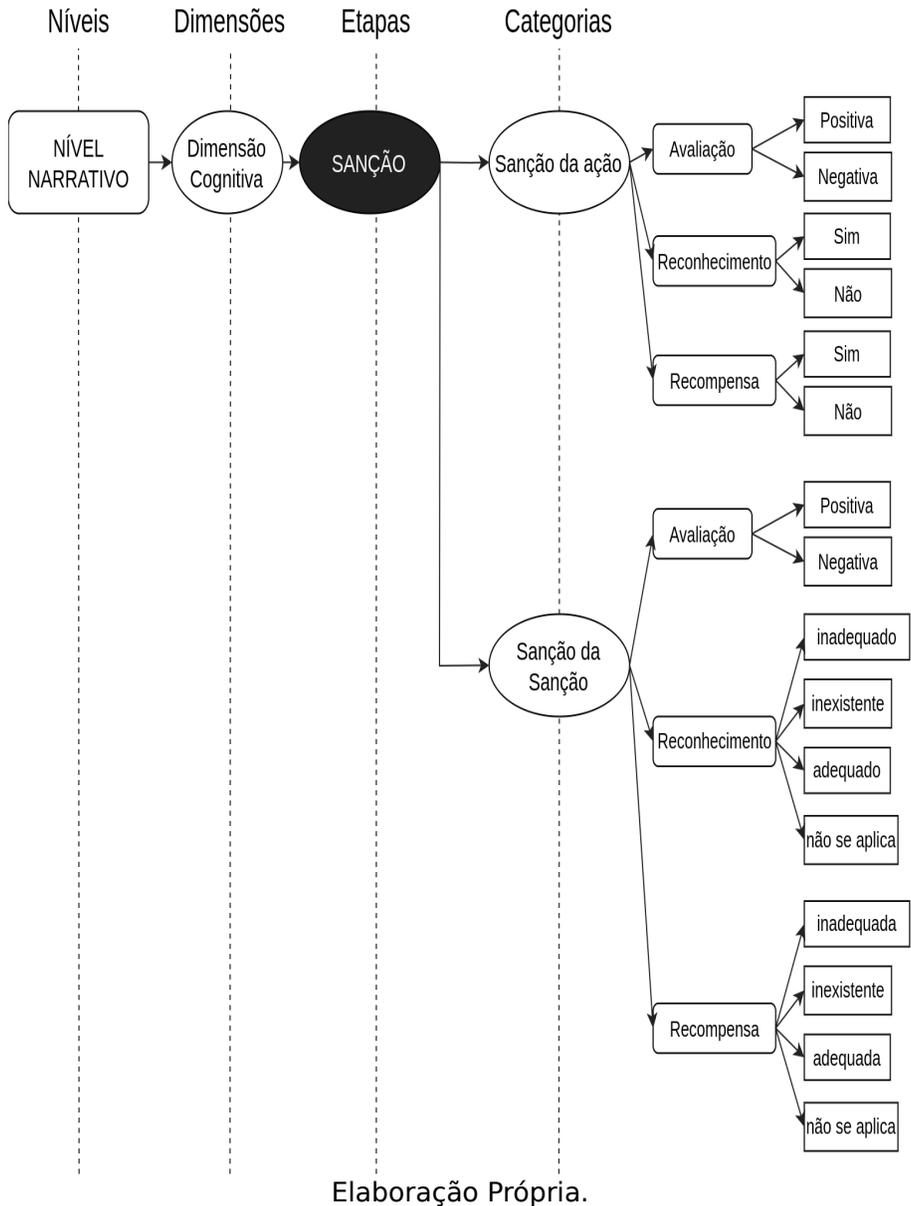
- Primeiro, o Destinador^{julgador}_{destinadorManip} julga se o Destinatário^{julgado}_{destinatárioManip} cumpriu o contrato, realizando a Performance acordada na Manipulação;
 - Caso positivo, deve reconhecer e/ou recompensar o Destinatário^{julgado}_{destinatárioManip}

por sua ação, cumprindo sua própria parte do contrato.

- Em seguida, o Destinator^{jugador}_{destinatárioManip} avalia se o Destinatário^{jugado}_{destinadorManip} lhe conferiu o devido reconhecimento e/ou recompensa, de acordo com o contrato fechado na Manipulação.
 - Esta é a fase final da Narrativa; que pode dar lugar a novo percurso, especialmente no caso da Sanção da Sanção ser negativa (quando o Destinatário^{jugado}_{destinadorManip} não cumpriu o contrato).

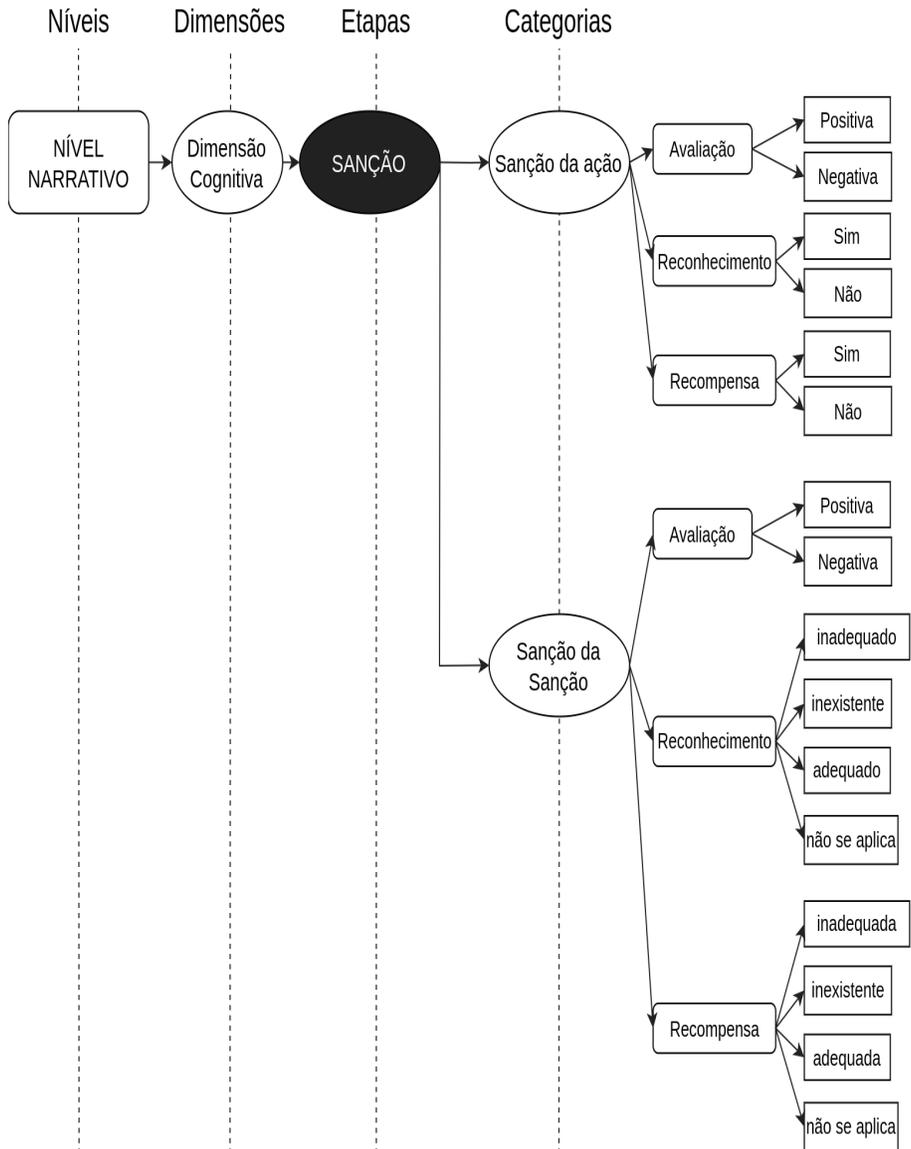
Se a análise da Etapa de Manipulação já foi feita, a resposta quanto ao tipo de Manipulação elucidada, por exemplo, se é esperado um reconhecimento ou uma recompensa. Segundo este esquema de análise da Sanção, as respostas previstas para cada categoria nesta etapa são aquelas representadas no ramo da Figura 20 (abaixo):

Figura 19: Ramo completo da Etapa da Sanção, Nível Narrativo.



- Sanção da Ação: a) Avaliação: positiva ou negativa; b) Reconhecimento: sim ou não; c) Recompensa: sim ou não;
- Sanção da Sanção: a) Avaliação: positiva ou negativa; b) Reconhecimento: inadequado, inexistente, adequado ou não se aplica; c) Recompensa: inadequada, inexistente, adequada ou não se aplica.

Figura 20: Ramo completo da Etapa da Sanção, Nível Narrativo.



Elaboração Própria.

a) A consequência da Sanção da Sanção

O Nível Narrativo é o nível das categorias fechadas por excelência, em virtude de sua organização lógica, autocentrada e, embora menos abstrata que no Nível Fundamental, é muito mais abstrata do que se nos apresenta a organização interna no Nível Discursivo.

Tudo, neste nível, gira em torno de pressupostos e pressuponentes, ou seja, em torno de relações de pressuposição que dão um norte para a leitura proposta ao Enunciatório. Em virtude de tais pressuposições, é possível omitir informações, as quais continuam passíveis de apreensão, dada sua previsibilidade.

Somente encontramos, neste nível de análise, uma categoria que permanece aberta: na Dimensão Cognitiva, na etapa de Sanção, a categoria “Sanção da Sanção”. Trata-se da avaliação feita pelo Destinatário da etapa de Manipulação sobre o cumprimento ou não do contrato então acordado com ele pelo Destinador (naquela etapa): o contrato previa um prêmio (na Manipulação por Tentação), a isenção de castigo (na Manipulação por Intimidação), a ausência de depreciação de sua imagem (na Manipulação por

Provocação) ou o reconhecimento da mesma (na Manipulação por Sedução), qualquer um destes prêmios é devido pelo Destinator da Manipulação ao Destinatário da Manipulação, e todos são previstos para serem conferidos na etapa de Sanção.

Na sanção da sanção, este Destinatário da Manipulação assume o papel de Destinator-julgador, podendo:

- sancionar positivamente a atuação do Destinatário^{JULGADO}_{DestinatorManip}, ao verificar que este cumpriu o contrato satisfatoriamente - ou de forma minimamente satisfatória, encontrando-se uma *negação do descumprimento* que tende a *cumprimento* do contrato e, assim, sancionando-o não-negativamente¹⁶;
- sancionar negativamente a atuação do Destinatário^{JULGADO}_{DestinatorManip}, ao verificar que este não cumpriu o contrato - ou pelo menos não de forma minimamente satisfatória, *negação do cumprimento do contrato* tendendo a *descumprimento* e, assim, sancionando-o não positivamente¹⁷.

16 Adendo baseado no Quadrado Semiótico.

17 Idem.

Acontece que a Sanção da Sanção é o momento finalíssimo do Programa Narrativo. Caso essa sanção se apresente totalmente positiva, é previsível que dela não decorra nenhuma outra investida narrativa, ou seja, que ela marque o fim da sequência: o príncipe salvou a princesa (Ação), por isso o rei lhe deu a mão da filha em casamento (Sanção da Ação) e os dois viveram felizes para sempre (Sanção positiva da Sanção, final da história).

Caso seja parcialmente positiva (não negativa), é possível que também marque o final da sequência, mas não necessariamente: se, além da mão da princesa em casamento, o rei prometeu um reino para o pretendente, mas deu só a princesa, ficando o reino apenas como promessa caso o rei morra antes que o príncipe, podemos ter várias possíveis consequências, a se destacarem duas. Na primeira, no quadro de valores do príncipe o reino não é prioridade, mas a princesa sim, de modo que ele considerará que o contrato foi cumprido de forma satisfatória e pode ser feliz para sempre, sem que a não doação do reino lhe cause qualquer sentimento de falta.

Na segunda, porém, o reino figura entre os maiores valores positivos para o príncipe, e sua não doação pelo rei induz a uma sensação da sanção negativa, pois insatisfatória. Nesse contexto, o desfecho, mesmo quando o texto não envereda por aí, fica em aberto, podendo-se deduzir o engendramento passional de uma decepção (contra o rei), ou uma frustração (por não ter alcançado o que pretendia), ou uma revolta (contra o sistema que permitiu ao rei agir desse modo), ou um percurso de vingança (contra o rei).

Se fossem somente estas as possibilidades, facilmente poderíamos fechar a categoria, mas as opções não se restringem a estas. Por exemplo, a depender da disposição do sujeito, uma decepção poderia gerar uma depressão, que poderia ter diferentes desfechos. Trata-se, portanto, de uma categoria aberta, não a Sanção da Sanção em si, mas seu desfecho.

3.5. Papéis actanciais e atores

É importante frisar que o Nível Narrativo, como apontamos desde o início do capítulo, é um nível cuja

natureza é lógica; isso significa que as estruturas narrativas são caixinhas vazias definidas por sua relação com as outras, independente de como serão recobertas pelo Nível Discursivo.

Assim, por exemplo, não necessariamente o papel actancial Destinatário da Manipulação será ocupado no texto em foco sempre pelo mesmo ator que o Sujeito do fazer da Ação. Isso vale para todos os papéis actanciais. Essa relação entre atores e papéis actanciais é um dos aspectos que devemos observar na análise, pois pode ser responsável por algum efeito de sentido que não seria explicado de outra forma.

Capítulo 4. Nível Discursivo

4.1. Dimensão Sintática: Etapa da Veridicção

Veridicção é exatamente o que diz a palavra: dicção = dizer, veri = verdadeiro.

Um dos mais importantes princípios epistemológicos da Semiótica Greimasiana sustenta que a verdade – e mesmo o mundo natural como o concebemos – é uma construção da linguagem. É notório como *saber* sobre uma verdade ontológica não garante, de forma alguma, conseguir “fazer o outro saber”, pois a construção da verdade depende de inúmeros fatores que podem

facilmente mudar do Enunciatório para o Enunciador, cunhados por saberes, crenças, princípios, ou seja, pelo(s) quadro(s) de valores em jogo no texto.

Por este motivo, estudar a veridicção é buscar a forma pela qual a verdade foi construída em cada texto.

Ousaria dizer até que a carne do mundo, como ouvi do saudoso professor e semioticista Ignácio Assis Silva, só pode ser percebida, captada, tocada e compreendida por meio da Linguagem.

a) Adendo sobre mundo ontológico e a Fonética

Sílaba: no mundo ontológico, o que a define é a transição, não uma estabilidade como nos diz a fonologia.

Como pesquisadora em fonética acústica e semiótica, pude observar que o fonema também é um recorte da realidade, jamais fiel a ela: entre o que podemos delimitar como início e fim de uma vogal, por mais que gostemos de acreditar no contrário, o que o define é uma transição, não uma estabilidade. Na Língua

Portuguesa, nossa percepção declara como início do segmento a vogal, e como final, a consoante, o que provoca uma afetação forte da configuração vocálica da vogal em seu início, tal como também afeta a consoante em si, mas, mesmo no final, seja porque vem outra consoante, seja por ser final da produção oral em questão, esse elemento, consoante ou silêncio, também afeta a produção do som. Quanto mais rápido falamos, menor a possibilidade de se encontrar qualquer estabilidade em qualquer parte dos segmentos de fala.

Mesmo assim, se dissermos “Fui pra casa mais cedo.” ou “Fui pra casa.”, perceberemos a palavra “casa” como um elemento idêntico entre as duas frases – embora na fala nunca seja idêntico, nem de um locutor para outro, nem de uma emissão para outra do mesmo locutor. Se uma criança falar as duas frases, eu perceberei a mesma palavra “casa” do que se fosse falada por um baixo profundo, no entanto, o meu ouvido percebe diferentemente os comprimentos de onda de um ou outro falante, assim como a criança perceberá mais nitidamente os sons mais agudos do que eu. E lá está ela, a palavra “casa”, aparentemente estável, mas acusticamente diferente.

Compreendemos a fala porque sabemos disso: sabemos que o que vale na acústica da fala não são transições estanques entre estabilidades (o que, aliás, nem seríamos capazes de produzir): o que vale são as relações entre os focos ou as metas que temos para os segmentos. Sabemos que as transições nos contam sobre o que virá depois, por isso entendemos até falas truncadas ou muito rápidas. Sabemos que o /a/ inicial de “casa” é completamente diferente do /a/ final da mesma palavra, e que a configuração formântica da vogal /a/ inicial varia proporcionalmente em falas mais agudas e mais graves. Não fosse assim, só seríamos capazes de aprender a falar depois que nosso aparelho vocal fosse maduro, ou adulto.

A Semiótica pauta a noção de verdade nessa premissa, segundo a qual, como diz o *Dicionário de Semiótica I*,

“o mundo natural é uma linguagem figurativa, cujas figuras – que encontramos no plano do conteúdo das línguas naturais – são feitas das ‘qualidades sensíveis’ do mundo e agem diretamente – sem mediação linguística – sobre o homem” (Greimas; Courtés, s/d, p. 292).

Se o mundo natural pré-existe à linguagem, quanto mais imersos estamos na linguagem (não somente

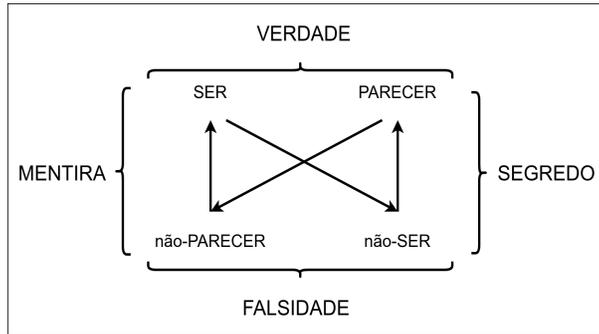
línguas naturais, mas também todas as outras linguagens, inclusive a corporal, que é também cultural), mais eficientemente nossa percepção desse mundo é moldada àquilo que se pode classificar linguisticamente. Um olhar cabisbaixo pode ser sinal de respeito em uma cultura e raiva em outra.

Portanto não teria sentido, no escopo teórico da Semiótica, julgar que a análise da veridicção desvenda a verdade, mas, sim, que procura mostrar como o texto analisado constrói a sua verdade.

b) Não é quadrado semiótico

A famosa figura (disponível no *Dicionário de Semiótica I*, supracitado, na página 488) que esquematiza a veridicção como relação entre manifestação (parecer) e imanência (ser) não é um quadrado semiótico, embora tenha emprestado deste os termos contraditórios (Figura 21).

Figura 21: Quadro de relações entre ser e parecer (imanência e manifestação) criando uma "posição veridictória", ou seja, uma categoria modal, passível de sanção.



Fonte: Greimas, COURTÉS, s/d, pp. 487-488.

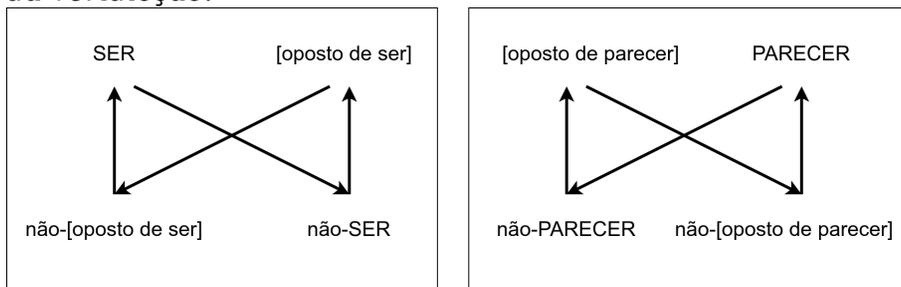
Caso você leia o tópico do Dicionário indicado na legenda da Figura 21, observará que os autores usaram, na época, a expressão “quadrado semiótico” para indicar o esquema, mas ser não é oposto de parecer, não-ser e não-parecer não são termos contraditórios, não-ser não implica parecer e tampouco não-parecer implica ser. O próprio esquema mostra isso:

- a conjunção de {ser; parecer} produz o efeito de sentido de verdade → se fosse quadrado semiótico, teríamos aqui um termo complexo;

- a conjunção de {não-ser; não-parecer} produz o efeito de sentido de falsidade → se fosse quadrado semiótico, este seria o termo neutro;
- a conjunção de {não-ser; parecer} produz o efeito de sentido de mentira → que termo seria este no quadrado? Talvez um amálgama de não-B e A?
- a conjunção de {ser; não-parecer} produz o efeito de sentido de segredo → e este? Amálgama de não-A e B?

Ao levantar esta questão, não estamos rediscutindo a teoria nem trazendo uma questão nova para o debate, apenas tomando partido, um oposto àquele de quem segue a orientação original da teoria, pois defendemos que o esquema de Veridicção não é um Quadrado Semiótico, sendo, no máximo, o produto da junção de dois quadrados, um do ser e outro do parecer (Figura 22) (Cf. Casquilho, 2013). É, de fato, a posição mais comum na atualidade.

Figura 22: Quadrados semióticos do /ser/ e do /parecer/ que estariam teoricamente na base da construção esquemática da veridicção.



Elaboração Própria.

c) A função {ser} + {parecer}

Aqui adotamos a proposta de classificação que, a nosso ver, é mais adequada à compreensão do esquema veridictório, como uma função $F = \{\text{modo de imanência}\} + \{\text{modo de manifestação}\}$, na qual o modo de imanência pode ser preenchido com /ser/ ou /não ser/ e, o de manifestação, com /parecer/ ou /não parecer (Quadro 7).

Quadro 7: Função da Veridicção conforme a Soma dos Funtivos Imanência e Manifestação.

Veridicção	Modo de Imanência	Modo de Manifestação
Verdade	Ser	Parecer
Segredo	Ser	Não-parecer
Mentira	Não-ser	Parecer
Falsidade	Não-Ser	Não-Parecer

Elaboração Própria.

Esse Quadro 7, no entanto, é insuficiente para definir como se analisa a Veridicção no texto. Além disso, é preciso considerar, para a análise, as seguintes questões:

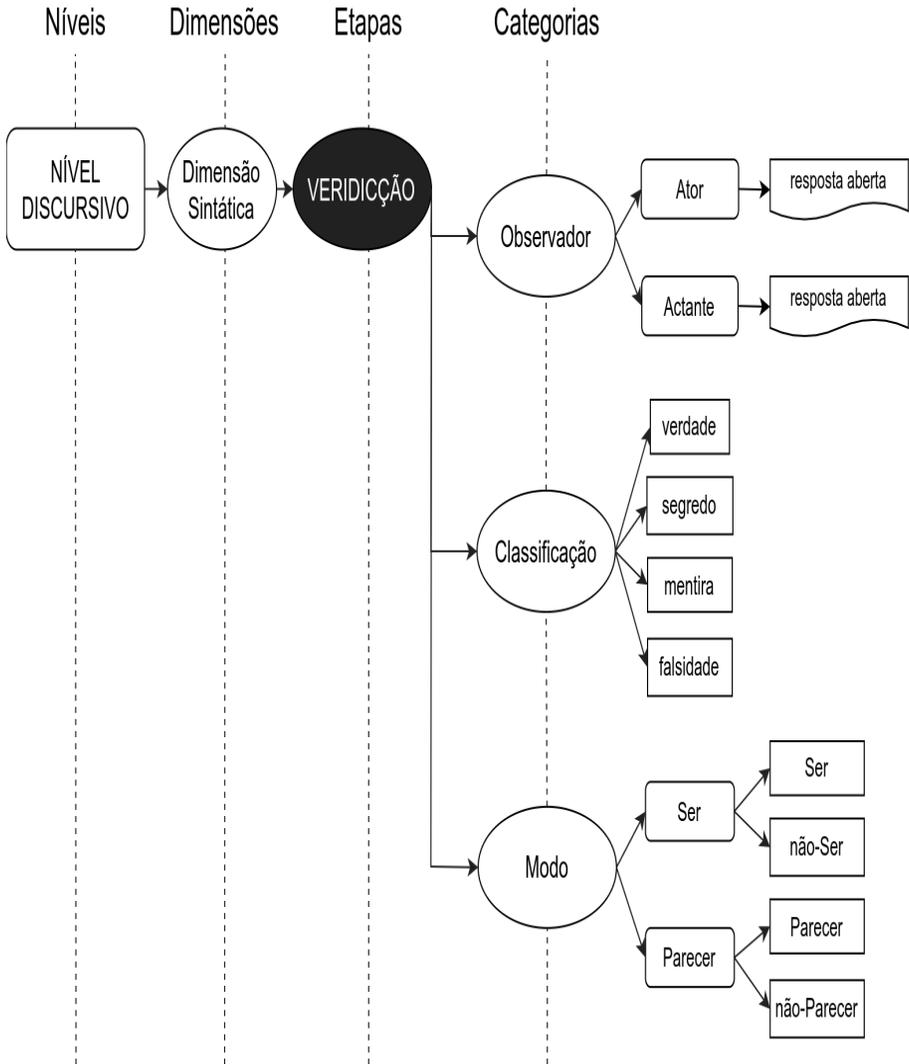
- Veridicção é um efeito de sentido produzido no Nível Discursivo, naquilo que se pode chamar de “ponto de vista do texto”, ou seja, é enunciado, é dito.
- Veridicção refere-se ao ponto de vista que o Enunciador aplica ao texto (não necessariamente o dele próprio, que é, para este fim, praticamente irrelevante) em um dado momento, podendo variar de uma parte a outra do texto.
- Cabe refletir, na hora da classificação, que construção veridictória está montada pelo

“narrador” para o narratário, ou melhor: qual posição actancial ou enunciativa é ocupada pelo observador cujo ponto de vista determina a veridicção no texto.

Observe que há duas categorias abertas na análise desta Etapa, além do comentário opcional: a indicação do observador como ator do Nível Discursivo e/ou ocupando um papel (actante) do Nível Narrativo.

Basicamente precisamos determinar: quem é o ator que ocupa o papel de observador? É verdade, segredo, mentira ou falsidade? O modo do Ser e o do Parecer estão, cada um, na posição dos contrários ou dos subcontrários nesse duplo quadrado semiótico? As categorias para esta etapa estão representadas na Figura 23, com as respostas em ramificações finais para as categorias fechadas.

Figura 23: Ramo completo de categorias da Etapa de Verificação, do Nível Discursivo.



Elaboração Própria.

4.2. Dimensão Sintática: Etapa da Debreagem

A Debreagem é um processo extremamente importante para a compreensão dos conceitos de enunciado, enunciação, texto e mesmo do lugar do Percurso Gerativo do Sentido. Recorremos, embora apenas de forma preliminar, à leitura que Fiorin (2001) faz dos postulados greimasianos, a fim de propor uma abordagem completa a essa parte densa da teoria, de forma a que pudéssemos, neste livro, fornecer ao leitor uma apreensão do todo, sem alcançar todo o detalhamento possível mas de forma suficiente para nortear tanto as primeiras incursões do Analista quanto aprofundamentos teóricos posteriores.

a) Quadro teórico: Enunciação

A análise da debreagem requer uma boa consciência das relações entre imanência e manifestação, bem como entre os planos do Conteúdo e da Expressão, nos limites entre o dito e o “ditador” (a fala e o falante). Ou

seja, a Enunciação é a “instância de instauração do sujeito (da enunciação)” (Greimas; Courtés, s/d, p. 147), ou seja, é anterior mas totalmente dependente da própria existência do E^{dor}, tal como o enunciado é igualmente dependente mas posterior. É um jogo de pressupostos e pressuposições que não aparece no texto, senão pelas pistas que o analista pode, durante as análises, perceber como indicativas do atores da Enunciação.

O que há do texto nesse “antes”, no status de “anterior” que comentamos acima? Somente a imanência, a possibilidade de junção de forma e conteúdo e, sem relação direta entre os termos, o Plano da Expressão e o Plano do Conteúdo.

Em suma, não é o corpo “biológico”, como se sabe, que interessa à semiótica, pois, conforme Greimas e Fontanille (1993, p. 16), “o ‘ser’ do mundo e do sujeito não diz respeito à semiótica, mas à ontologia; ele é, para usar outro jargão, a ‘manifestante’ de uma ‘manifestada’ que entrevemos”. Isto bastaria para nos afastar de um realismo de base experientialista, próprio de algumas correntes das ciências cognitivas. (Saraiva; Leite, 2017, p. 147)

Assim, compreende-se a *imanência* como um nível pressuposto e potencial, no qual encontra-se o percurso

gerativo como possibilidade integral, e a *manifestação* como um nível já presentificado, textualizado, pois compreende a junção de um Plano da Expressão ao do Conteúdo. O Enunciador é responsável pela semiose, que é própria textualização, a manifestação do discurso que, em imanência, ainda não é, pois ainda pode ser tudo e qualquer coisa.

Greimas e Courtés (s/d, p. 147) vão referir a enunciação como um “lugar imaginário, que confere ao sujeito o estatuto ilusório do ser”. Sem compreender essa separação entre o dito e o “ditador”, ou seja, entre o enunciado e o enunciador/enunciatário, mas também entre o enunciador/enunciatário e os atores ontológicos¹⁸ que assumem este papel, é impossível realizar uma análise correta da Debreagem. Por exemplo, a Ana¹⁹ que escreve estas linhas, pode-se assim dizer, no momento da escrita, assume o papel de

18 A ontologia refere-se aqui ao Mundo Natural, aquele que é o “lugar de elaboração e de exercício de múltiplas semióticas” (Greimas, COURTÉS, s/d, p. 292). É esse mundo no qual nascemos e que, a partir da aquisição das linguagens, passamos a perceber sempre de forma mediada por elas, o que não significa que não tenha existência fora delas.

19 É interessante notar que “Ana que escreve estas linhas” não é nem a pessoa de carne e osso, nem o Enunciador, mas um ator construído pelo discurso para referir uma ocupação de forma figurativa desse lugar de Enunciador.

Enunciador e povoa o de Enunciatário com todas as imagens e traços de quem pretende que as leia, mas não é o Enunciador: quando você lê estas linhas, o Enunciador permanece pressuposto por elas, carrega suas marcas, mas não coincide com a Ana. Não fosse assim, não poderíamos citar a fala de ninguém ou fingir ser outra pessoa: se você ler para um grupo as linhas aqui escritas, nem você, nem a Ana serão os Enunciadores.

É o que nos dizem Saraiva e Leite:

O sujeito-enunciador não equivale ao autor empírico real, que não pertence ao texto. Com efeito, a operação de projeção do eu da instância enunciativa no enunciado constrói o que em semiótica chama-se a enunciação enunciada, uma simulação da instância enunciativa, ou seja, uma simulação da enunciação propriamente dita, que, por seu turno, não abandona jamais seu estatuto de pressuposto. (Saraiva; Leite, 2017, p. 73)

O enunciado é, portanto, um fruto da semiose e, assim, a enunciação que o produz é sempre anterior e pressuposta (Greimas; Cortez, s/d), mas permanece no texto na forma de marcas mais ou menos evidentes sobre quem são Enunciador (E^{dor}) e Enunciatário (E^{ário}). O Sujeito da Enunciação recobre estes dois papéis, já

que um cria o outro, um não existe sem o outro (Greimas, COURTÉS, s/d, p.150). Quanto mais evidentes e específicas as pistas sobre o Sujeito da Enunciação, mais restrito o público que compreenderá, de fato, a mensagem, de modo que a forma genérica das marcas deixadas no discurso pela Enunciação faz parte das estratégias discursivas. Visto de outra perspectiva, a da recepção, quanto menos específicas forem as marcas da Enunciação quanto ao Enunciatário, maior a probabilidade de qualquer leitor identificar-se com esse papel e manter com o texto uma relação fiduciária, seja pela concordância, seja pela discordância de seu conteúdo. Assim, a decisão depende do contexto em que ocorre, possuindo vantagens tanto pelo excesso quanto pela falta de indícios.

b) Formas de enunciação

Uma das abordagens mais encontrada em análises semióticas a respeito do Nível Discursivo e da Enunciação são as duas formas pelas quais o Enunciado a apresenta. Como dito acima, enunciado é texto, é o produto da semiose. Correndo o risco do repetitivo,

devemos frisar que o Enunciador (E^{dor}) e o Enunciatário ($E^{ário}$) existem no momento da enunciação e que mesmo numa conversa falada (ao vivo, em tempo real etc), em que facilmente identificaríamos o falante com o enunciador e o ouvinte como enunciatário, a semiótica previne esta mistura ao manter a regra da não coincidência: a enunciação está sempre pressuposta pelo enunciado, de modo que seus atores também. Cabe notar também que a forma de apresentação semiótica da Enunciação possui grande relação com outras teorias de análise do texto e do discurso, e até mesmo na gramática, que a nomeará conforme o discurso apresente-se em primeira ou terceira pessoa.

Ao enunciar, o Enunciador promove uma embreagem. O que significa isso? Embrear é engrenar, colocar um motor para funcionar. Ou seja, refere-se a engatar o processo de produção de efeitos de sentido, ligar a semiose (que, reiteramos, é um processo). A debreagem, “que é a expulsão da instância da enunciação, de termos categóricos que servem de suporte ao enunciado” (Greimas; Courtez s/d, p. 95), é sempre enunciva, ou seja, sempre representa o descolamento do E^{dor} do Enunciado, dado basicamente

pelo uso da terceira pessoa, e precede o processo de embreagem, que é

(...) “o efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão de certos termos da categoria de pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. (Greimas; Courtez s/d, p. 140)

A debreagem é anterior à embreagem porque pode ser definida

(...) “como a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta para fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados à sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso”. (Greimas; Courtez s/d, p. 95)

É, portanto, a debreagem quem institui a pessoa e seus espaço e tempo do texto. Em relação ao Sujeito da Enunciação, se tomado como um eu/aqui/agora,

“A **debreagem actancial** consistirá, portanto, num primeiro momento, em disjuntar do sujeito da enunciação e em projetar no enunciado um *não-eu*; a **debreagem temporal**, em postular um *não-agora* distinto do tempo da enunciação; a **debreagem espacial**, em opor ao lugar da enunciação um *não-aqui*”. (Greimas; Courtez s/d, p. 95) (destaques originais dos autores)

A apresentação do enunciado terá portanto duas formas:

- a) A primeira é fruto da debreagem e nomeada como *enunciva* por instituir esses *não-eu* (ele), *não-agora* (então), *não-aqui* (lá). Possui o caráter de um dito genérico (enunciado em terceira pessoa), de certa forma isentando o enunciador do enunciado (dizendo algo sem especificar a fonte da informação ou dizendo algo sobre outro) por jogar para fora da Enunciação as instâncias de pessoa, espaço e tempo que simulam uma não-enunciação.
- b) A segunda é fruto da embreagem, ou, segundo Barros, uma reembreagem, já que rejeita o descolamento da enunciação nas categorias de pessoa, espaço e tempo, ao instituir um eu/aqui/agora que simula a presença do Sujeito da Enunciação dentro do próprio enunciado. Nesse caso, temos uma enunciação enunciada, cujo enunciado será chamado de *enunciativo*.

c) Debreagem propriamente dita

Nota-se, a partir do exposto nos subtópicos anteriores, que nem Enunciador nem Enunciatário estão contidos no texto. Pergunta que não quer calar: se digo “eu”, esse “eu” não está contido no texto?

É aqui que entra a debreagem. Esse “eu” é um ator do discurso, não o enunciador, nem a pessoa que profere as palavras ou gesticula em LIBRAS, por exemplo. Caso fossem a mesma coisa, seria impossível a qualquer pessoa citar outra em primeira pessoa: “Daí ela disse: eu, ein? Jamais pintaria o cabelo de verde, ia parecer um repolho”.

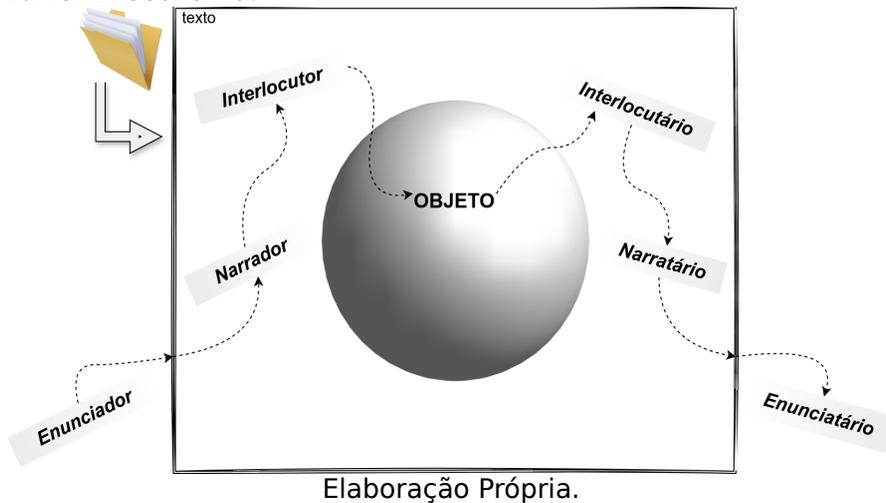
Ao colocar em sua própria boca as palavras de outrem, o Enunciador cria o papel de narrador/narratário e de interlocutor/interlocutário. O “eu” que repete a frase do “repolho” é o narrador, que não é o mesmo “eu” que “jamais pintaria o cabelo de verde”.

Gostamos de descrever esse mecanismo como “dar a voz a alguém”. O que está pressuposto é que o Enunciador “dá a voz” ao narrador, um ator do Nível Discursivo. O ator Ana Matte pode facilmente enunciar

a frase do repolho sem jamais ter vivido tal situação, simplesmente porque o ator interlocutor não precisa coincidir com o ator narrador.

d) Camadas de vozes

Figura 24: Camadas de "vozes" do discurso: graus de debragem. O pergaminho representa os limites do texto: observe que o narrador é interno, portanto é um ator do Nível Discursivo.



Barros (1988, p. 75) desenha essas relações como camadas em torno do objeto. Na Figura 24 buscamos mostrar, usando uma folha de papel esquemática para

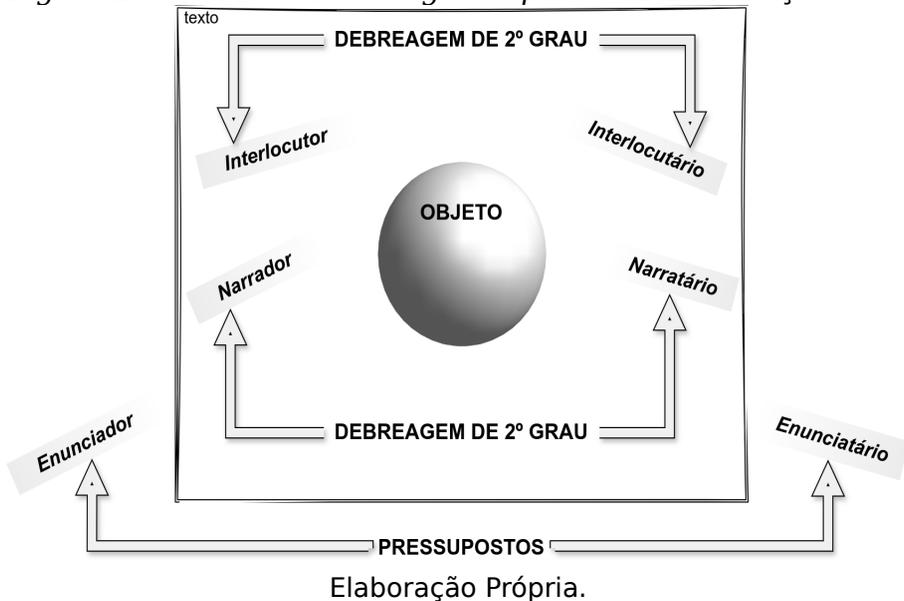
representar o limite entre o dentro do discurso e o fora do discurso, como se relacionam essas camadas, lembrando que, especialmente, mas não exclusivamente, os atores interlocutor/interlocutário podem ser multiplicados como alguém que cita alguém que cita alguém etc.

Assim, de citação em citação, podemos ver na figura 24 uma sequência de fora para dentro do texto (enunciador, narrador, interlocutor) e de dentro para fora do texto (interlocutário, narratário, enunciatário).

A debreagem, ícone da própria ideia de meta-linguagem, é essa criação de uma instância simulada de interação, na qual o dito simula e refere o próprio dito, uma camada ou grau cada vez mais interno ao texto, sendo a instância da enunciação externa a ele e somente apreensível pelas marcas que deixa no enunciado: não poderia ser de outra forma, visto que, mesmo em interações face a face, a instância da enunciação permanece pressuposta. No momento em que algo é dito, a enunciação já ficou no passado.

A Figura 25 mostra os mesmos elementos da Figura 24, desta vez destacando o grau em que se encontram os atores: enunciador/enunciatário são pressupostos, na debreagem de 1º grau encontram-se narrador/narratário e interlocutor/interlocutário a partir do 2º grau.

Figura 25: Graus de Debreagem a partir da Enunciação.



Não há limite para a debreagem: sempre é possível criar uma nova ordem de debreagem (debreagens de terceiro e quarto graus, e assim por diante),

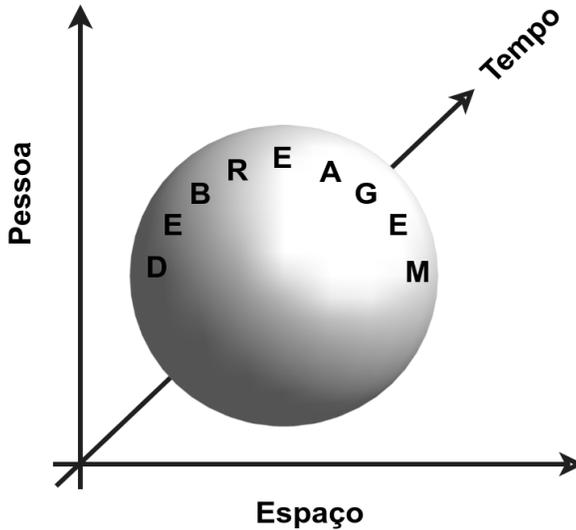
adicionando uma camada mais interna, o que não significa que um número excessivo de debreagens não possa acontecer sem causar uma boa confusão. Em geral, o que vemos é a enunciação pressuposta, a debreagem de primeiro grau (narrador/narratário) e a de segundo grau (interlocutor/interlocutário) (Figura 25).

Embora as Figuras 24 e 25 sejam capazes de mostrar as camadas de debragem em termos de interioridade (debreagens de mais altos graus) e exterioridade (enunciação pressuposta), suas imagens são bidimensionais e, por esse motivo, não permitem perceber que não se tratam de camadas de círculos, mas de camadas esféricas, visto estarmos tratando de uma organização tridimensional chamada Debreagem: pessoa, espaço e tempo, o que buscamos sintetizar na Figura 26.

Como nos ensina Fiorin (2001, p. 41), referindo-se a Benveniste, “O *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo que é constitutiva da Pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis

eu/tu". E completa: "A categoria de pessoa é essencial para que a linguagem se torne discurso".

Figura 26: As três instâncias da Debreagem: pessoa, espaço e tempo.



Elaboração Própria.

A linguagem, do mesmo modo, é um produto de nossa humanidade e, por isso mesmo, antropomórfica. O Nível Narrativo é exemplar disso: não importa que se fale da vida de uma árvore ou de uma celebridade, a Narrativa é sempre baseada na relação do sujeito com objetos e outros sujeitos.

e) Debreagem Enunciativa e Enunciva

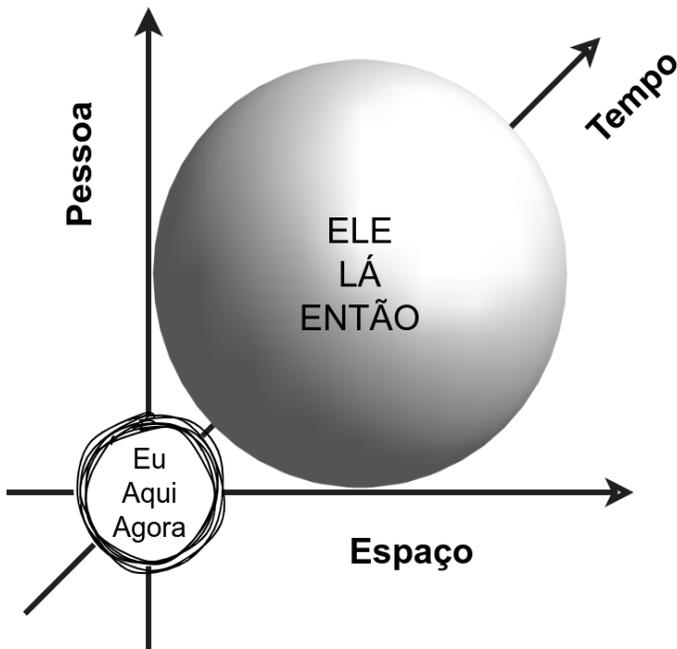
Esse antropomorfismo é também antropocêntrico: tudo tem como referência um “eu”, explícito ou não. Explicitar esse “eu” cria o que chamamos de Debragem Enunciativa, pois o “eu” que remete ao Enunciador está enunciado. Quando não o explicitamos, a Debreagem é Enunciva: se, por um lado, ela é mais objetiva, menos pessoal, criando uma distância entre o falante e o falado, por outro lado, ela é mais rigorosa em relação à Enunciação, visto que a Enunciação não está simulada no enunciado, mas assume que o precede, que está pressuposta.

Por esse motivo, a Debreagem Enunciativa pode ser chamada de embreagem - ou mais estritamente, reembreagem - pois ela simula trazer para dentro do discurso o que, pela própria existência do enunciado, já não está mais, já foi: o enunciado só existe como tal por ser fruto de um processo prévio de enunciação. Um exame mais apurado da relação entre debreagem (dar a voz) e embreagem (efeito “produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância

do enunciado”) pode ser encontrado em Fiorin (2001, pp. 48-51). Voltando à Figura 26, notamos que uma das 3 instâncias da Debreagem é a Pessoa, sendo a segunda o Espaço, e a terceira, o Tempo:

“Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência” (FIORIN, 2001, p. 42).

Figura 27: Enunciação e sua tridimensionalidade.



Elaboração Própria.

Existem duas arqui-enunciações, como vimos: a enunciação enunciada ou enunciativa e a enunciação enunciva, correspondendo a dois modos gerais de debreagem, a primeira referente ao *eu/aqui/agora* e a segunda referente ao *ele/lá/então* (Figura 27, acima).

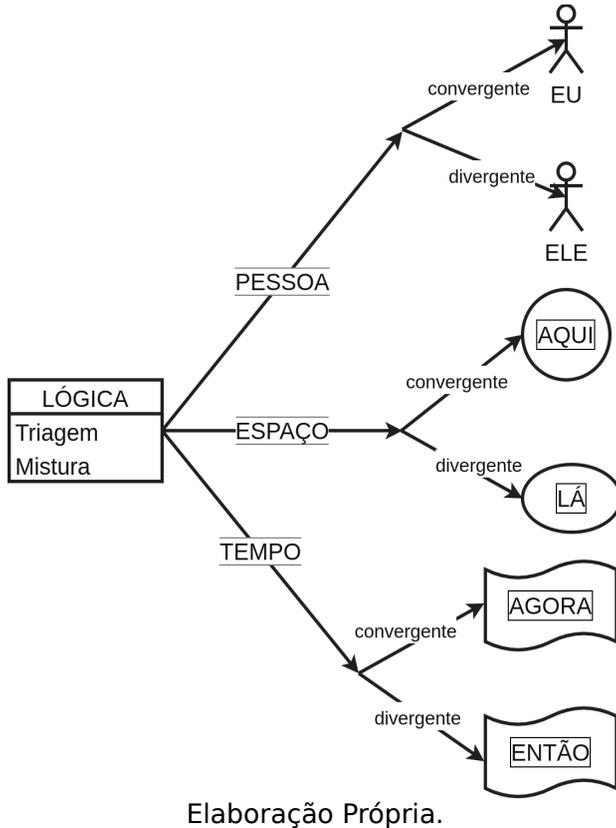
f) Debreagem, aspectualização e tensividade

Durante nossos estudos sobre categorias fechadas, observamos que existe uma forte correlação entre cada um dos referentes da enunciação, que é um “enunciado cuja função-predicado é denominada de *intencionalidade*, e cujo objeto é o enunciado-discurso” (Greimas, COURTÉS, s/d, p.147). Observe a Figura 27: *eu/aqui/agora* são um ponto, não qualquer ponto, mas o ponto de origem da debreagem de pessoa, espaço e tempo, e, como tal, incoativo para todo *ele/lá/então* possíveis e imagináveis. Uma debreagem, a enunciativa, é pontual, concentrada, a outra, a enunciva, é espalhada, difusa. Na esteira da Tensividade (Zilberberg; Fontanille, 2001, p. 33), podemos dizer que a debreagem enunciativa é da

ordem da triagem, enquanto a enunciativa é da ordem da mistura: na primeira, define-se *pessoa/espaco/tempo* pela exclusão de tudo que não é *eu/aqui/agora*, já na segunda, pela abrangência desse todo que foi excluído, o *ele/lá/então*. Assim, julgamos apropriado definir a debreagem enunciativa como concentrada e a debreagem enunciativa como difusa.

Se recorremos à obra integral de Fiorin (2001), encontramos uma enorme variedade de estratégias na criação de efeitos de sentido a partir da relação entre o enuncivo e o enunciativo em cada uma das três dimensões de *pessoa/espaco/tempo*, bem como entre elas. Nesse momento de lançamento da *Árvore de Categorias de Análise Semiótica*, julgamos apropriado deixar essa classificação aberta, além de reservar um campo de comentário para cada instância: *pessoa, tempo e espaco*.

Figura 28: Esquema da tela de análise da etapa Debreagem do Módulo de Semiótica.



A ramificação correspondente à Debreagem, esquematizada na Figura 28, não possui nenhuma vinculação obrigatória durante a fase de análise, mas os dados coletados vão permitir a classificação dos resultados. Considerando-se, como explicado acima, as

Lógicas da Triagem e da Mistura (descritas à página 217), apontamos eu/aqui/agora como concentrados e ele/lá/então como difusos.

- Essa classificação será retomada na aspectualização, com a relação entre a lógica da debreagem e a dinâmica da aspectualização, respectivamente: a lógica concentrada ou difusa correspondem à dinâmica convergente ou divergente.

Assim, as categorias da Etapa de Debreagem são aquelas representadas nas Figuras 29 e 30. Observe que a primeira categoria define a lógica (da triagem ou da mistura), enquanto as outras três analisam cada uma das instâncias da Debreagem (pessoa, espaço e tempo), conforme a referência (respectivamente eu/ele, aqui/lá e agora/então) e o Grau de Debreagem no trecho analisado (pressuposta ou de primeiro, segundo ou outro grau).

Além disso, devemos indicar para cada instância a lógica (difusa ou concentrada), pois não necessariamente cada instância segue a mesma lógica das outras, o que pode produzir diferentes efeitos de sentido no texto.

Figura 29: Início do ramo de categorias da etapa Debreamagem do Nível Discursivo.

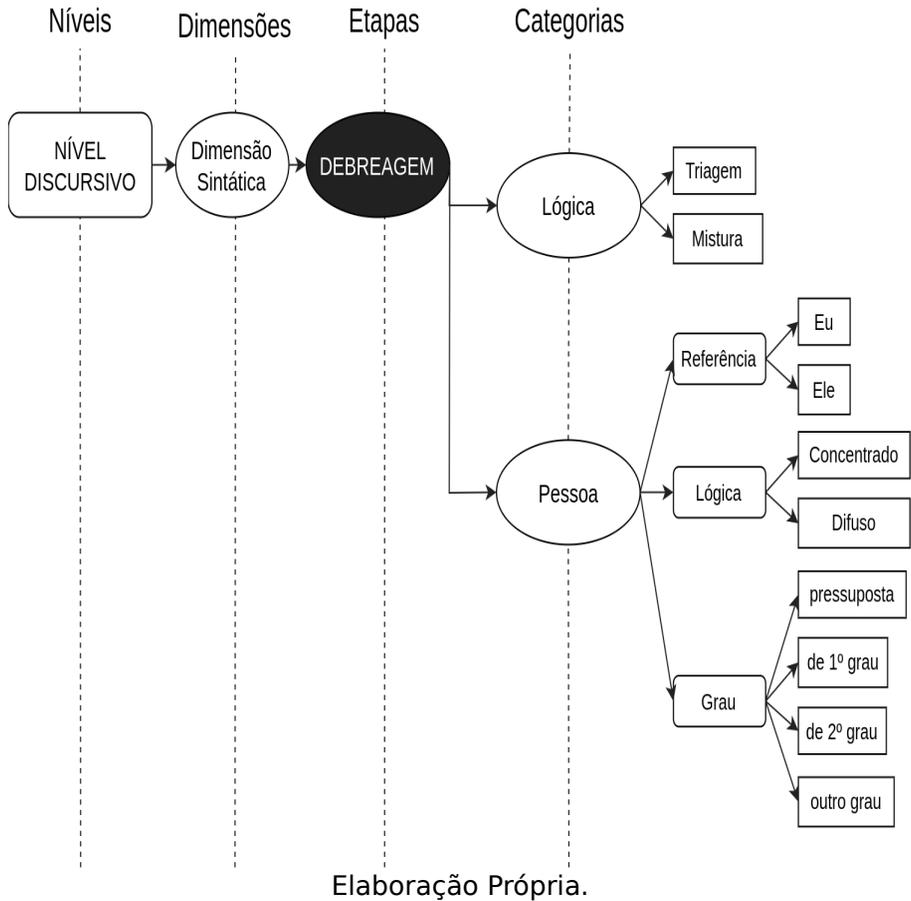
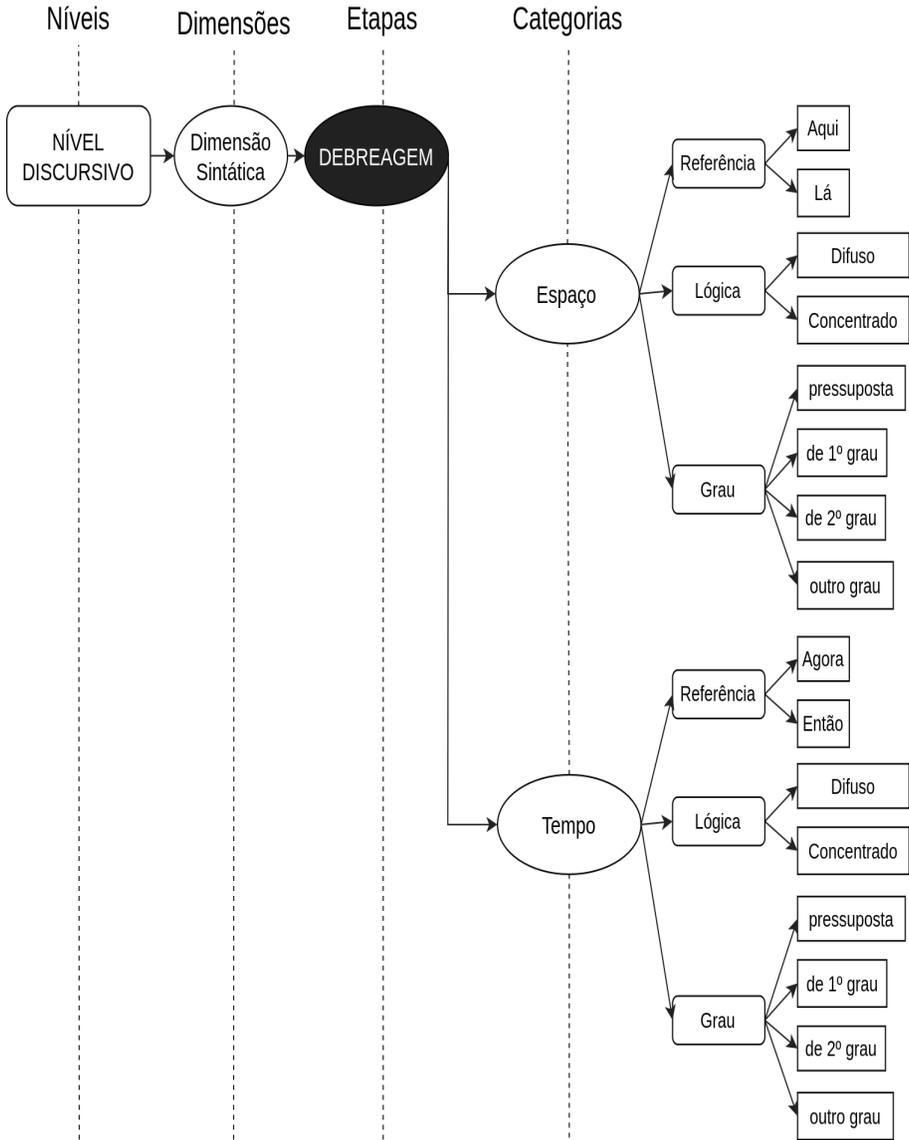


Figura 30: Final do ramo de categorias da etapa Debreagem do Nível Discursivo.



Elaboração Própria.

4.3. Categorias Abertas, definição: Atores

As categorias abertas são aquelas cuja análise é específica do texto, podendo ter inúmeras respostas diferentes.

Por exemplo, os atores do Nível Discursivo são, por assim dizer, os protagonistas do texto, os personagens: no texto *Um apólogo* (Assis, 1984), são atores a linha, a agulha, a costureira, a baronesa, o alfinete, um professor, seus alunos e o narrador. Este último, que narra em terceira pessoa quase o tempo todo, embora pareça ausente, mostra-se presente por meio do juízo de valores que dá o tom ao texto e, no final, apresenta-se como espectador da história, contando em primeira pessoa o que lhe dissera um professor.

Desse modo, ao analisar o texto, a categoria “atores” vai ser preenchida por estes termos, muitas vezes mais de um na mesma frase ou trecho. Usando um excerto do texto *Um apólogo*, o trecho inicial, teremos os atores Linha, Agulha e Alfinete, distribuídos como no Quadro 8.

É importante notar que a análise refere-se ao Nível Discursivo, o mais concreto de todos, de modo que tratamos Atores como figuras que aparecem no texto. Nesse caso, por que “Deus” não entra na lista de atores? Porque “cada qual tem o ar que Deus lhe deu” é uma expressão idiomática que significa que cada um é o que é e não há necessidade de justificar isso. Ou seja, Deus não é um personagem, é parte da expressão.

Quadro 8: Atores do trecho inicial do texto “Um apólogo”, dividido em parágrafos.

Parágrafo	Trecho	Ator
1	Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:	Agulha; Linha
2	— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?	Agulha
3	— Deixe-me, senhora.	Linha
4	— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.	Agulha
5	— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.	Linha; Agulha; Alfinete

Elaboração Própria. Trechos: Assis, 1984.

A apresentação do texto na divisão, por exemplo, no Quadro 8 foi feita por parágrafos e no Quadro 9 por sentenças. No entanto, não é obrigatório seguir nenhum destes exemplos, a divisão depende do analista.

A título de sugestão, no sentido de buscar padronizar estas respostas, especialmente em textos maiores ou em muitos textos:

- a) quando não há referência direta sobre outro ator na “fala” de um, somente este um é citado e
- b) quando se trata de debreagem citando a “fala” de um dos atores, este sempre entra na lista de atores.

Assim, compreendemos que o Nível Discursivo precisa permitir categorias abertas de análise, para que o analista retire diretamente do texto os termos a serem preenchidos como resultado da análise. Poucos elementos deste nível, portanto, serão tratados como categorias fechadas.

Quadro 9: Atores por sentença no início do texto “Um apólogo”.

Sen- tença	Texto	Ator
1	Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:	Agulha; Linha
2	— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cousa neste mundo?	Agulha
3	— Deixe-me, senhora.	Linha
4	— Que a deixe?	Agulha
5	Que a deixe, por quê?	Agulha
6	Porque lhe digo que está com um ar in-suportável?	Agulha
7	Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.	Agulha
8	— Que cabeça, senhora?	Linha
9	A senhora não é alfinete, é agulha.	Linha; Agulha; Alfinete
10	Agulha não tem cabeça.	Linha; Agulha
11	Que lhe importa o meu ar?	Linha
12	Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.	Linha
13	Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.	Linha

Elaboração Própria.

As categorias abertas são propostas como células vazias para preenchimento direto pelo Analista. No entanto, o preenchimento livre pode levar a equívocos. A título de exemplo, observemos que, na sentença 1 do Quadro 8, o ator “Linha” é textualizado como “novo de linha”. Se deixássemos para a sentença 1 a expressão “novo de

linha” e, em outras sentenças, digitássemos “Linha”, pode-se correr o risco de não fazer o vínculo necessário entre eles.

A única categoria da etapa Ator, do Nível Discursivo, é a categoria aberta Atores, de modo que o Analista poderá escolher, por exemplo, distribuir os atores (1, 2, 3 ...) em diferentes colunas para proceder à sua análise, se julgar necessário.

4.4. Dimensão Sintática: Aspectualização

A aspectualização tem papel muito importante no estudo das Paixões e da Tensividade, pois traz a continuidade para o seio da análise do Percurso Gerativo do Sentido. Refere-se ao modo de transformação que afeta a pessoa, o tempo e o espaço no Nível Discursivo e tem como referente a Debreagem destas 3 categorias. Aspectualização é o modo dinâmico do ser (pessoa), do tempo e do espaço do ponto de vista de um observador instaurado no texto.

O papel de observador foi tratado como actante (Bastide, apud. Discini, 2010, p. 7), elencando-o como papel do Nível Narrativo. Porém, Discini, em seguida, aponta também para essa perspectiva segundo a qual trata-se de um papel do Nível Discursivo, ou seja, um ator, visto ser este o foco do processo da aspectualização.

Além das referências entre as quais a aspectualização se move, a *lógica concentrada* ou *difusa* de pessoa, espaço e tempo, da Debreagem, indicam a *dinâmica* aspectual, *convergente* ou *divergente*.

Tomamos como exemplo para análise da aspectualização o poema (duas estrofes) apresentado na contracapa do livro *Ponto a Ponto*, de Ana Maria Machado²⁰. Focaremos somente o texto verbal dividido em sentenças:

1. Ponto a Ponto
2. Era uma vez uma voz.
3. Um fiozinho à-toa.
4. Fiapo de voz.
5. Voz de mulher.

20 Contra capa do livro *Ponto a ponto*, lançado em 2006 pela Companhia das Letrinhas.

6. Doce e mansa.
7. De rezar, ninar criança, muitas histórias contar.
(...)
8. Voz fraca e pequenina.
9. Voz de quem vive em surdina.
10. Um fiapo de voz que tinha todo o jeito de não ser ouvido.
11. Não chegava muito longe.
12. Ficava só ali mesmo, perto de onde ela vivia.
13. Um pontinho no mapa.

→ Usaremos a numeração das sentenças indicadas acima para orientar a análise a seguir.

Antes de descrever pessoa, tempo e espaço da Aspectualização para este texto, porém, é importante notar que o texto de Machado recorre a uma metonímia para falar de uma pessoa: a voz é seu fazer no mundo e é qualificada como se fosse a própria dona. Assim, temos uma configuração aspectual que modula esse fazer, instituindo um modo de ser, como pessoa, no tempo e no espaço, que desenha de forma indireta a dona da voz. Observe como isso se dá nesta contracapa, no que diz respeito a pessoa, espaço e tempo.

A *aspectualização de pessoa* recobre os atores com intensidades e outras qualidades dinâmicas. Um sujeito tímido, por exemplo, possui um modo de ação introvertido, de modo que a aspectualização de pessoa desse sujeito será marcada por esse fazer discreto, retraído ou minimalista (dinâmica de convergência). Seria tímida a dona da voz no texto de Ana Maria Machado?

A *aspectualização de espaço*, que é o resultado de transições espaciais na perspectiva do Observador, cria um ponto em oposição ao tudo, num regime de exclusão: o máximo fazer se dá no mínimo de espaço. A transição em foco na dinâmica do espaço no “Ponto a Ponto” é aquela que vai do espaço aqui ao espaço lá (dinâmica de divergência), embora esse espaço *lá* permaneça apenas pressuposto, pois o local privilegiado é o *aqui*.

Já a *aspectualização de tempo* é trabalhado de outro modo por Ana Maria Machado neste exemplo: a aspectualização do tempo é a forma como o tempo passa, em relação a uma referência, que, no caso desse texto, é um então localizado no passado. O observador

está colocado no agora, por pressuposição. Esse tempo debreado de maneira difusa é um tempo marcado pela constância, pela duração, sobremodalizando o espaço restrito com um tempo desacelerado e duradouro, embora esse afastamento do agora responda a uma dinâmica da divergência.

A partir de “muitas histórias a contar” (final do verso 7), observa-se a manutenção de uma “continuação da continuação”, ou seja, a voz dura e vive, sem delimitações de início nem fim, sem mudanças aspectuais do tempo. Em virtude da permanência, trata-se de uma dinâmica de convergência que se contrapõe à dinâmica de divergência dada pela negação do agora. A manutenção dessa aspectualização por 9 versos intensifica o efeito de continuação e desaceleração. Lembra-nos que a debreagem, nesta contracapa, mostrou uma lógica da triagem que, em virtude da não concomitância entre as dinâmicas, é reforçada na aspectualização.

Expressões como “fiozinho à tôa”, “fiapo de voz” e “fraca e pequenina” indicam a aspectualização da pessoa definida de forma minimalista, contraposta à

grandeza de seu fazer, marcado pela constância: “De rezar, ninar criança, muitas histórias contar”.

Essa oposição é o cerne do sentido desse texto: é o observador quem nos conta, via aspectualização, que esse fio de voz “que tinha todo o jeito de não ser ouvido”, em virtude da negação do espanto, da negação da força, da negação da pressa e da negação do próprio mundo, concentra o tempo do mundo inteiro em seu fazer quase imperceptível e, em virtude dessa intensidade advinda da temporalidade, permanece além do tempo de seu próprio fazer, na memória desse observador e de quem mais tenha sido privilegiado pelo singelo presente que a voz “doce e mansa” instaurou no passado.

Assim, já podemos responder: não se trata de um sujeito tímido: a dona da voz marca sua presença sem estardalhaço e deixa rastros por onde passa, ou melhor, nesse lugar específico “ali mesmo, perto de onde ela vivia. Um pontinho no mapa”, pelo qual passam os recebedores de sua sabedoria sutil, tal como o próprio Observador.

a) Formalização e análise

Formalizar a análise da aspectualização é um terreno ainda árido e até perigoso: como manter o sentido de continuidade numa análise cujo método requer um processo de discretização? Note que a microanálise apresentada acima utilizou recursos de linguagem poética para manter o sentido da fluência, da dinâmica, do contínuo. Essa estratégia, muito comum neste campo teórico, possui o inconveniente de calcar-se com muita força na figuratividade do texto-objeto. Assim, fica bem complicado tecer comparações entre textos e entre diferentes elementos da análise.

Cabe, entretanto, destacar alguns elementos que podem aumentar o grau de coesão dos resultados nesta análise (Quadro 10), como Observador, Referente, Eixo aspectual e Modo de transição.

Assim, buscamos aqui iniciar o tratamento da aspectualização de forma mais objetiva, a despeito das categorias abertas, a fim de deixar que o próprio analista possa trazer maiores elementos para uma formalização que não perca em conteúdo e, tampouco, em possibilidades de comparação.

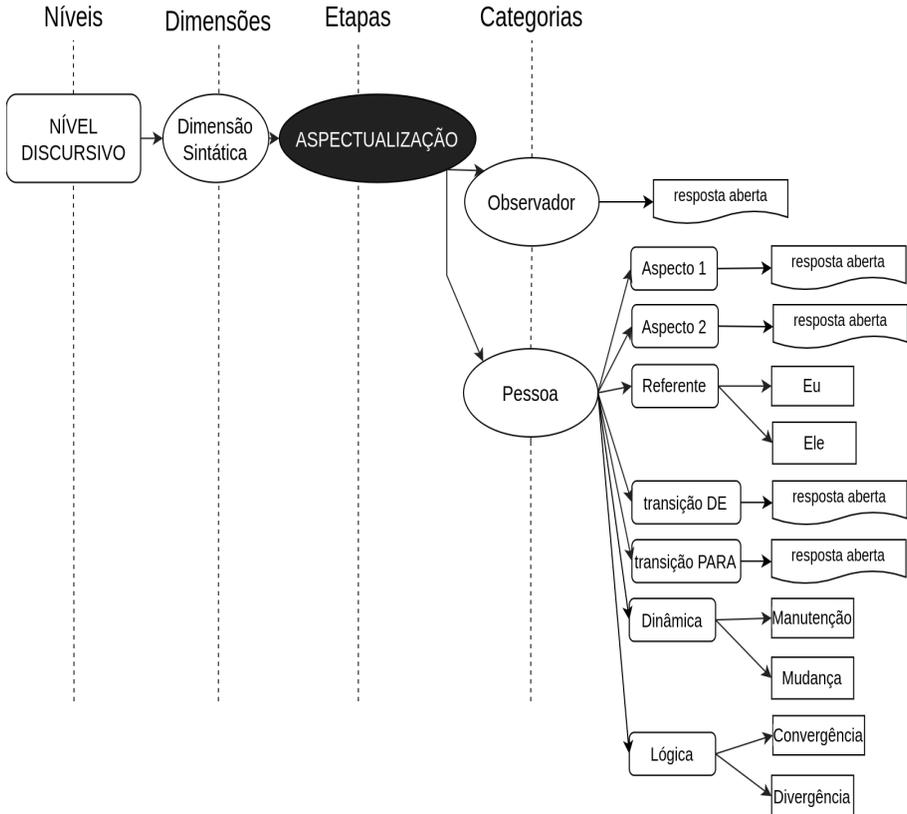
Quadro 10: Explicação das categorias para análise da Aspectualização.

	Observador	Referente	Eixo Aspectual	Modo de transição	
				De	Para
Pessoa	<i>Quando o observador estiver textualizado, é importante indicar a relação do observador com a pessoa aspectualizada.</i>	[] eu [] ele	<i>Aqui vamos colocar o eixo semântico principal de aspectualização de pessoa. Ex: presente/ausente</i>	<i>Deve indicar, sempre que possível, um dos polos de um eixo semântico abstrato e/ou conhecido</i>	<i>Idem ao lado, referindo-se, no entanto, ao outro polo eixo semântico.</i>
Espaço	<i>Qual a relação do observador com o espaço aspectualizado?</i>	[] aqui [] lá	<i>Aqui vamos colocar o eixo semântico principal de aspectualização do espaço. Ex: próximo/distante</i>	<i>Idem acima</i>	<i>Idem acima</i>
Tempo	<i>Qual a relação do observador com o tempo aspectualizado?</i>	[] agora [] então	<i>Aqui vamos colocar o eixo semântico principal de aspectualização do tempo. Ex: acelerado/desacelerado</i>	<i>Idem acima</i>	<i>Idem acima</i>

Elaboração Própria.

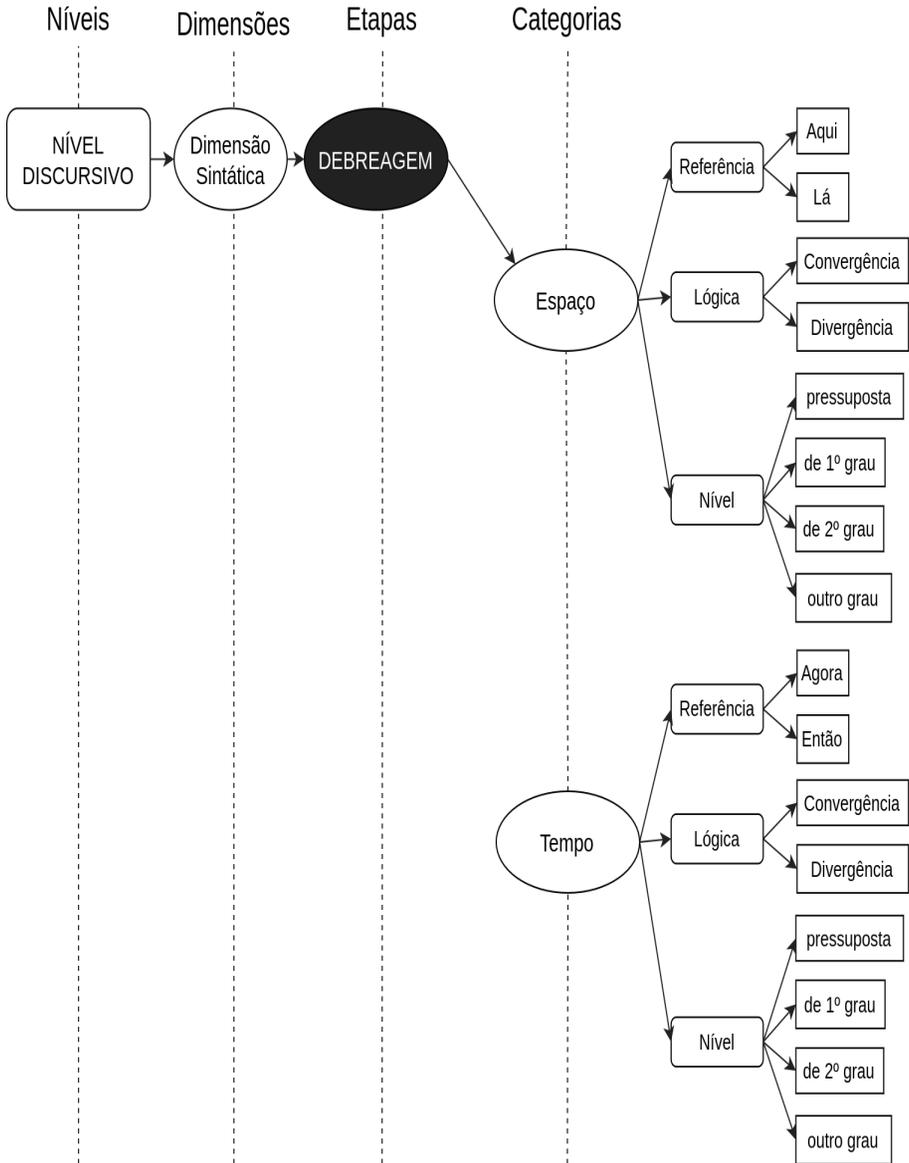
As categorias de análise em jogo nesta Etapa, apresentadas no Quadro 10, acima, são as ramificações, desenhadas nas Figuras 31 e 32.

Figura 31: Ramificação (início) das categorias referentes à etapa de Aspectualização.



Elaboração Própria.

Figura 32: Ramificação (final) das categorias referentes à etapa de Aspectualização.



Elaboração Própria.

Além dos elementos anotados pelo Analista, cabe uma nova proposta para a aspectualização, a *Permanência da Configuração Aspectual* (doravante *PCA*), a ser analisada para cada trecho, em cada instância. O PCA indica um aumento de intensidade aspectual, a qual depende do quanto a mesma aspectualização é mantida (Matte, 2002, pp. 178-183²¹); esse número pode ser obtido após a análise da Aspectualização de cada texto como um todo, considerando-se a subcategoria “Dinâmica”, para o tempo, para o espaço e para a pessoa:

- o trecho de mudança é sempre o primeiro da permanência (marcamos numericamente: 1);
- os de manutenção que o seguem (antes da próxima mudança) são contados, ou seja, marcados com uma numeração sequencial de números inteiros a partir de 2.
- além disso, note que o primeiro trecho de um texto é sempre considerado uma mudança.

21 Neste estudo de Matte, 2002, foram exploradas possibilidades de relacionar elementos do plano da expressão vocal e o conteúdo do que foi vocalizado; observou-se uma relevância importante para a produção de sentido aspectual, tensiva e passional, conforme a aspectualização variasse muito ou pouco.

Este exemplo do Quadro 11 é abstrato, portanto não faz diferença se é uma análise de pessoa, espaço ou tempo.

Quadro 11: Exemplo da contagem da Permanência da Configuração Aspectual (PCA).

Trechos	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Dinâmica	Mud	Man	Mud	Man	Man	Man	Man	Mud	Man
PCA	1	2	1	2	3	4	5	1	2

Elaboração Própria.

4.5. Dimensão Semântica: Etapa das Isotopias

a) Categorias mistas

Trabalhar com categorias fechadas naturalmente traz a baliza oposta como referencial: o que seriam categorias de análise abertas para a análise semiótica do texto? Para nós, são categorias que não possuem um número definido de respostas e, muito menos, uma metalinguagem que padronize as respostas. De modo algum essa característica possui valor negativo, pelo

contrário: as categorias abertas são aquelas que nos indicam com maior precisão a especificidade de um texto.

Notamos, no entanto, na análise da estrutura da teoria e dos passos de análise, que comumente as etapas em que aparecem as categorias abertas são mistas, possuindo também categorias fechadas. Este é o caso das isotopias. Apresentamos a seguir nossa proposta de abordagem de tais categorias.

b) Definição

Isotopia, para a Semiótica, significa mesma esfera de sentido. A semiótica adota o termo para analisar o(s) elenco(s) de palavras de um texto que, em virtude de traços semânticos recorrentes, formam um campo de sentido. É clássico o exemplo relativo a histórias de monarquias, focando a vida da realeza, de modo que o tema central seja este - realeza - e o texto venha recheado com figuras que o trazem para o plano da concretude - rei, rainha, cetro, coroa, princesa etc -. Dizemos, assim, que cada texto possui um conjunto de

termos cujos traços permitem ser agrupados sob uma égide isotópica, ou melhor, uma isotopia.

No Dicionário de Semiótica (Greimas; Courtés, s/d, p. 247-248), referindo-se a Arrivé e Rastier como autores da proposta, há uma sugestão de que esse conceito, que lida diretamente com a semiose (o Plano da Expressão manifestando o Plano do Conteúdo, poderia ser utilizado, além do Nível Discursivo do Percurso Gerativo do Sentido, também para analisar a iteratividade de unidades dadas pelo tipo de linguagem, o que, na linguagem verbal, corresponderia a unidades linguísticas, ou, como prefere Rastier (1981, p. 10), grupos de signos.

Rastier (1981), define sucintamente a proposta greimasiana das isotopias : de um lado, evoca a noção de identidade e de similaridade e, de outro, a noção de pertencimento a um campo, domínio ou lugar²². Rastier também nos conta que o conceito greimasiano de isotopias, de forma subliminar, provém de Louis Hjelmslev (1968), da oposição entre imanência e

22 Tradução livre do trecho “il évoque d’une part la notion d’identité et de similarité, d’autre part la notion d’appartenance à un cham, domaine, ou lieu” (Rastier, 1981, p. 5).

manifestação. Para as isotopias, o sentido é imanente e a isotopia pertence ao Nível Discursivo do Percorso Gerativo do Sentido, enquanto a manifestação se refere à textualização, na forma de termos e expressões encontrados ou aludidos recorrentemente no texto.

À página, 20, Rastier lista algumas propostas de seu trabalho, da qual cabe citar a de número 3 “expressão [da isotopia] pode ser constituída por unidades da expressão e/ou do conteúdo do discurso denotado”²³.

Naquilo que nos foi possível acessar, podemos afirmar que o principal trabalho com as isotopias é perceber as operações que acontecem entre elas. Dado que uma isotopia é um conjunto de temas (abstratos) e/ou figuras (concretas), temos:

- a) um termo pode funcionar como *conector de isotopias* ao revelar uma isotopia ainda não evidente na leitura do texto. Ele permite realizar passagens e redirecionar o escopo do texto para outras searas e é especialmente importante na literatura.

23 Tradução livre do trecho de Rastier (1981, p. 20): “3. Leur expression peut être constituée par des unités de l’expression et/ou du contenu du discours dénotée”.

- b) Um termo também pode desencadear isotopias por quebrar a expectativa de leitura que parecia ser a correta, mas que, no momento da quebra de isotopia, mostra-se errada, procedimento que explica, se não para todas, o efeito cômico de inúmeras piadas. É chamado de *desencadeador de isotopias*.

Além disso, e provavelmente este é o papel principal das isotopias no texto, elas dão coesão/coerência ao texto, facilitando a leitura dos pressupostos e indicando qual o foco do texto. Isotopias podem ser de dois tipos: a) com maior peso nas figuras, a figurativa é predominantemente composta por termos marcados pela concretude, com forte referência ao mundo natural, e b) com peso maior nos temas, a temático-figurativa (ou temática), aquela que possui uma quantidade de termos abstratos muito proeminente. Textos temáticos podem ser debates, reflexões, argumentações, entre outros, enquanto textos figurativos podem ser narrativas, descrições, receitas etc.

c) Densidade Isotópica

Trazemos aqui uma proposta que não pudemos, em virtude de nossa própria, à época, incipiência na pesquisa, no campo da Teoria Semiótica, desenvolver apropriadamente quando nos deparamos com a questão correspondente no final da década de 90: caso exista, de fato, qual o efeito da densidade isotópica (temática e figurativa) na construção do sentido no texto?

Trata-se de entender por que uma mesma coisa, dita de forma principalmente temática (como em: “O formato esférico dos planetas não é aceito sem restrições por uma pequena parcela da população leiga, acarretando uma visão antropocêntrica e mítica do universo.”), pode ter outro significado se dita de uma forma principalmente figurativa (como em: “Nem todas as pessoas concordam que a Terra é redonda, como se pode ver quando se procuram, na internet, vídeos ou outras publicações daqueles que defendem o terraplanismo, do que decorre uma visão do universo centralizada no ser humano e uma visão mítica do que seriam os astros que observamos naquilo que, para

eles, é o firmamento, ou seja, uma camada superior à nossa que sustentaria os astros.”).

Uma observação interessante é que, se buscamos o sentido da palavra *firmamento* num dicionário qualquer, a ideia de sustentação aparece como se fosse independente da ideia de céu, do que podemos (?) concluir que o dicionário não é adepto do terraplanismo.

A proposta da *densidade isotópica* trabalha com a textualização, de modo que uma boa estratégia para tratar deste tema é buscar unidades ou grupos significativos que sejam emblemáticos das isotopias que apareçam no texto a ser analisado. Importante ressaltar que as unidades do Plano do Conteúdo são semas, não termos (grosseiramente falando, ideias, não palavras).

Rastier (1981, p. 25) critica analisar as Isotopias pela probabilidade de aparição de letras (ou sons), argumentando que “A informação contida no sinal é bem distinta do conteúdo semântico”, no que concordamos com ele.

No Volume II da presente série, no item *a. Isotopia, grupo AH. Palavras*, retomamos uma definição de palavras significativas, utilizada por nós de forma empírica desde 2011 e publicada pela primeira vez no relatório final da pesquisa sobre o software iniciada em 2016²⁴: verbos (exceto auxiliares), substantivos e adjetivos.

Sugerimos o seguinte trajeto para trabalhar com as isotopias :

1) A partir da leitura do texto, elencar as principais isotopias em jogo, com foco em temas e figuras. Isso nos daria, num primeiro momento, para as frases usadas como exemplo acima, os seguintes conjuntos:

- Frase 1) “O formato esférico dos planetas não é aceito sem restrições por uma pequena parcela da população leiga, acarretando uma visão antropocêntrica e mítica do universo.”

→ temas {forma; conhecimento; crença; formação acadêmica; homem; astronomia};

24 Relatório final do projeto “Algoritmo semiótico para detecção de quadros de valores”, processo PPM00260-16, entregue em abril de 2021.

- figuras {formato; esfera; planeta; aceitar; população; universo} ;
- isotopia(s) principal(is) {astronomia; conhecimento; crença}.

Figura 33: Levantamento de dados isotópicos da Frase 1, apresentados numa tabela ainda sem tratamento.

FRASE 1		
TEMAS	FIGURAS	ISOTOPIAS
forma	formato	astronomia
conhecimento	esfera	conhecimento
crença	planeta	crença
formação acadêmica	aceitar	
homem	população	
astronomia	universo	

Elaboração Própria

- Frase 2) “Nem todas as pessoas concordam que a Terra é redonda, como se pode ver quando se procuram, na internet, vídeos ou outras publicações daqueles que defendem o terraplanismo, do que decorre uma visão do universo centralizada no ser humano e uma visão mítica do que seriam os astros que observamos naquilo que, para eles, é o firmamento, ou seja, uma camada superior à nossa que sustentaria os astros.” (Figura 34)
- temas {julgamento; conhecimento; crença; superioridade; terraplanismo; astronomia};
- figuras {pessoas; Terra; redonda; visão; vídeo; publicação; internet; universo; ser humano; mítica; astros; firmamento; camada; superior; sustentar} ;
- isotopias principais {astronomia; antropocentrismo; misticismo; conhecimento}

Figura 34: Levantamento de dados isotópicos da Frase 2, apresentados numa tabela ainda sem tratamento.

FRASE 2		
TEMAS	FIGURAS	ISOTOPIAS
juízo	indivíduos	cosmologia
conhecimento	Terra	conhecimento
crença	redonda	crença
superioridade	visão	cosmologia
geocentrismo	plano	antropocentrismo
cosmologia	publicação	misticismo
	internet	conhecimento
	universo	
	ser humano	
	mítica	
	estrelas	
	firmamento	
	camada	
	superior	
	sustentar	

Elaboração Própria

2) Estas isotopias principais são tomadas como categorias abertas da configuração isotópica. Para cada trecho, vamos designar quais as isotopias principais que estão ali textualizadas. No caso dos dois textos, temos somente uma sentença em cada, ou seja, um trecho, de modo que nossa análise será feita integralmente em um único campo (Quadro 12).

Quadro 12: Exemplo – passo 2.

trechos	Categoria: Isotopias
O formato esférico dos planetas não é aceito sem restrições por uma pequena parcela da população leiga, acarretando uma visão antropocêntrica e mítica do universo.	astronomia; conhecimento; crença
Nem todas as pessoas concordam que a Terra é redonda, como se pode ver quando se procuram, na internet, vídeos ou outras publicações daqueles que defendem o terraplanismo, do que decorre uma visão do universo centralizada no ser humano e uma visão mítica do que seriam os astros que observamos naquilo que, para eles, é o firmamento, ou seja, uma camada superior à nossa que sustentaria os astros.	astronomia; antropocentrismo; misticismo; conhecimento

Elaboração Própria.

3) Feito isso, vamos elencar as palavras textualizadas para temas e figuras, o que fizemos no primeiro momento (partindo das palavras, chegamos às isotopias), mas agora temos a oportunidade de repensar a primeira leitura, refinando-a ao percorrer o caminho contrário (partindo das isotopias, chegamos às palavras, moldadas para temas pela abstração - como realeza - e figuras pela concretização - rei) (Quadro 13). Essa reflexão levou a diminuir o número de isotopias, usando como parâmetro a premissa de que, quanto menos e mais abrangentes os termos que for possível elencar nesta lista, melhores os resultados. Note também que repeti a categoria Isotopias, para visualizar a análise anterior enquanto realizaria a atual.

<i>Quadro 13: Exemplo – passo 3.</i>	Categ. Iso-topias	Categoria: Temas	Categoria: Figuras	
<p>O formato esférico dos planetas não é aceito sem restrições por uma pequena parcela da população leiga, acarretando uma visão antropocêntrica e mítica do universo. (palavras significativas: formato, esférico, planetas, aceito, restrições, pequena, parcela, população, leiga, acarretando, visão, antropocêntrica, mítica, universo).</p>	<p>astronomia conhecimento</p>	<p>aceitação restrição tamanho astronomia antropocentrismo misticismo mundo</p>	<p>esfera planeta pequeno população leigo universo</p>	
<p>Nem todas as pessoas concordam que a Terra é redonda, como se pode ver quando se procuram, na internet, vídeos ou outras publicações daqueles que defendem o terraplanismo, do que decorre uma visão do universo centralizada no ser humano e uma visão mítica do que seriam os astros que observamos naquilo que, para eles, é o firmamento, ou seja, uma camada superior à nossa que sustentaria os astros. (palavras significativas: pessoas, concordam, Terra, redonda, ver, procura, vídeos, publicações, internet, defendem, terraplanismo, decorre, visão, universo, centralizada, ser humano, visão, mítica, astros, observamos, firmamento, camada, superior, sustentaria, astros).</p>	<p>astronomia antropocentrismo conhecimento</p>	<p>concordar publicar procurar defender difusão terraplanismo antropocentrismo misticismo superioridade observar</p>	<p>persona Terra redondo vídeo publicação internet visão universo centralizada</p>	<p>ser humano astro firmamento camada sustentar</p>

Elaboração Própria.

4) O passo seguinte seria vincular palavras e isotopias. Esta fase permite realizar uma segunda revisão das escolhas feitas nas fases anteriores; além da premissa de que quanto menos isotopias - e mais abrangentes -, melhor, devemos considerar que todos os termos elencados para temas e figuras devem, necessariamente, pertencer a uma das isotopias elencadas:

➤ Frase 1

→ {astronomia^{.tema}[astronomia; mundo; tamanho].^{.figura}[esfera; planeta; pequeno; universo]};

→ {conhecimento^{.tema}[aceitação; restrição; antropocentrismo; misticismo].^{.figura}[leigo; população]};

➤ Frase 2

→ {astronomia.^{.tema}[terraplanismo].^{.figura}[Terra; redonda; astros; firmamento; camada]};

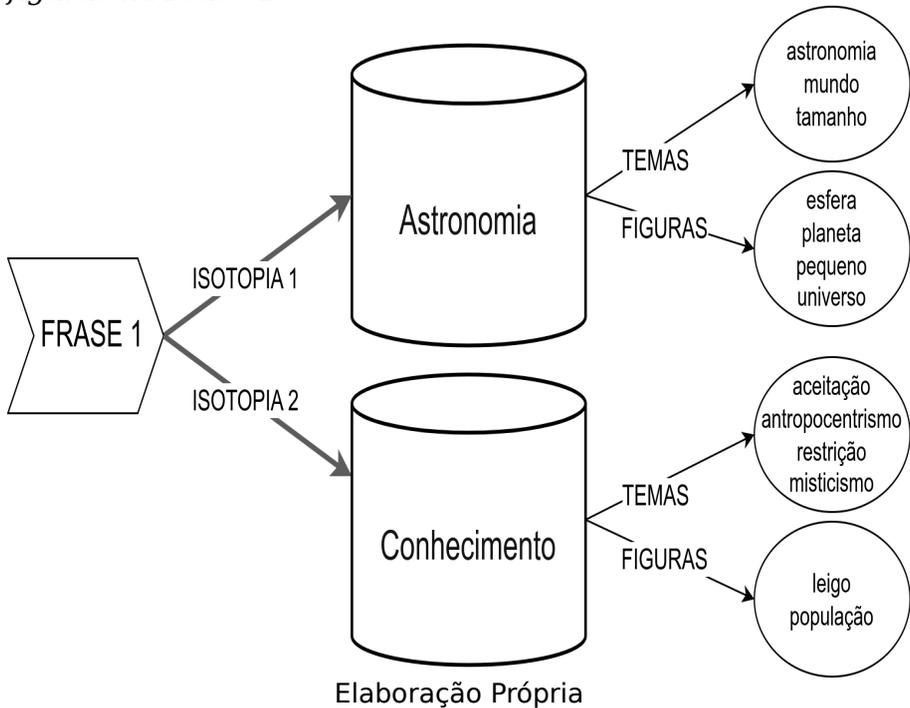
→ {antropocentrismo^{.tema}[terraplanismo; antropocentrismo; superioridade]};

centralizada].^{figura}[pessoa; universo; ser humano; camada; sustentar; astros];

→ {conhecimento.^{tema}[concordar; defender; difusão; publicar; procurar; terraplanismo; misticismo; observar].^{figura}[vídeos; publicações; internet; visão].

- Figura 35.

Figura 35: Vínculo entre as isotopias e respectivos temas e figuras na Frase 1.



Ao realizar este vínculo, permitimos que a leitura de diferentes textualizações aponte para uma ou mais isotopias, o que poderá ser recuperado na análise final. Esse passo também é útil para reconhecer quebras e encadeamentos de isotopias.

Fórmula

Embora seja uma abordagem ainda muito incipiente, julgamos pertinente propor aqui uma fórmula por nós criada para calcular o índice de densidade isotópica, que, ao menos por enquanto, será calculado da seguinte forma, para cada sentença:

- n_{Palavras} = número de palavras significativas na sentença, ou seja, verbos, substantivos e adjetivos.
 - n_{Palavras} , portanto, é, na maioria dos casos, menor que o número total de palavras no trecho.
 - Esse número é importante para a noção de densidade isotópica porque a ideia de densidade compreende uma relação, ou seja, trata-se de um número relativo, e não

absoluto, no caso relativo ao número de palavras com sentido próprio.

- Estamos chamando de palavras significativas, no momento, verbos, substantivos e adjetivos somente. Pode-se prever mudanças futuras nessa contagem, advindas, por exemplo, de estudos com foco em frequência de palavras.
- nTema = número de palavras ou expressões temáticas (contar a repetição) relacionadas pelo analista a uma ou mais isotopias.
 - As expressões/palavras que são elencadas pelo analista como temáticas não necessariamente estarão textualizadas, dado o grau de abstração inerente ao tema,
- nFigura = número de palavras ou expressões figurativas (contar a repetição) relacionadas pelo analista a uma ou mais isotopias.
 - As figuras comportam-se de forma bem diversa se comparadas com os temas: buscamos sempre palavras e expressões

textualizadas para elencar os elementos figurativos de um texto.

- nIsotopia = número de isotopias vinculadas ao trecho pelo analista.
 - Como dito acima, o número de isotopias deve ser o menor possível, sempre buscando-se aquelas mais abstratas e abrangentes.
 - Os textos temáticos seriam os que possuem número superior de temas sobre figuras, e vice-versa.
- Dtem = densidade temática = $nTema / (nIsotopia * nPalavras)$
 - o cálculo da densidade temática considera que o número de “palavras-temáticas” divide-se entre as isotopias, por isso quanto maior o número de isotopias, menor a densidade temática.
 - Como nTema e nIsotopia são números absolutos (de temas e de isotopias, respectivamente), a densidade deve sempre

considerar nPalavras, o resultado permite, assim, comparações entre trechos e/ou textos.

- Dfig = densidade figurativa = $nFigura/(nIsotopia*nPalavras)$.
 - A lógica é a mesma usada para a Dtem, apenas substituindo-se nTema por nFigura.
- Disot = densidade isotópica = $(Dfig/Dtem)*nIsotopia$
 - A densidade isópica considera que um número relativamente maior de figuras sobre palavras-temáticas tem como efeito de sentido fazer crescer o apelo da isotopia, de modo que devemos notar, na presente abordagem, uma premissa segundo a qual textos figurativos seriam mais salientes ou com efeito de sentido mais saliente e palpável.
 - O número de isotopias aqui aparece multiplicando, e não dividindo, de forma a restaurar, como um modulador, a mistura de figuras e temas em cada texto.

No caso das frases exemplo teríamos, então o quadro representado no Quadro 14.

Quadro 14: Exemplo de cálculo das densidades temáticas, figurativas e isotópicas com base nas Frases 1 e 2.

	nTema	nFigura	nIsotopia	nPalavra	Dtem	Dfig	Dfig/Dtem	Disot
Frase 1	7	6	2	14	0,25	0,21	0,86	1,71
Frase 2	13	15	3	25	0,17	0,20	1,15	3,46

Elaboração Própria (2020).

Os números a que chegamos com estas fórmulas retornaram os valores esperados:

- a Densidade Isotópica da Frase 2 recebeu o dobro do valor da Densidade Isotópica da Frase 1;
- O número de palavras permitiu relativizar o número absoluto de figuras, temas, palavras e isotopias;
- A Densidade Temática é significativamente maior na Frase 1 que na 2;
- A Densidade Figurativa é maior que a Temática na frase 2 e maior na frase 2.

Em suma, nota-se maior concentração de temas na primeira frase, que possui estilo acadêmico, do que na segunda, cujo estilo aponta para notícias informais. Do mesmo modo, a densidade isotópica do segundo texto é muito maior, mesmo com o maior espalhamento isotópico decorrente do maior número de isotopias, resultado cuja discussão poderíamos aprofundar em outro momento.

d) Fases da análise das isotopias

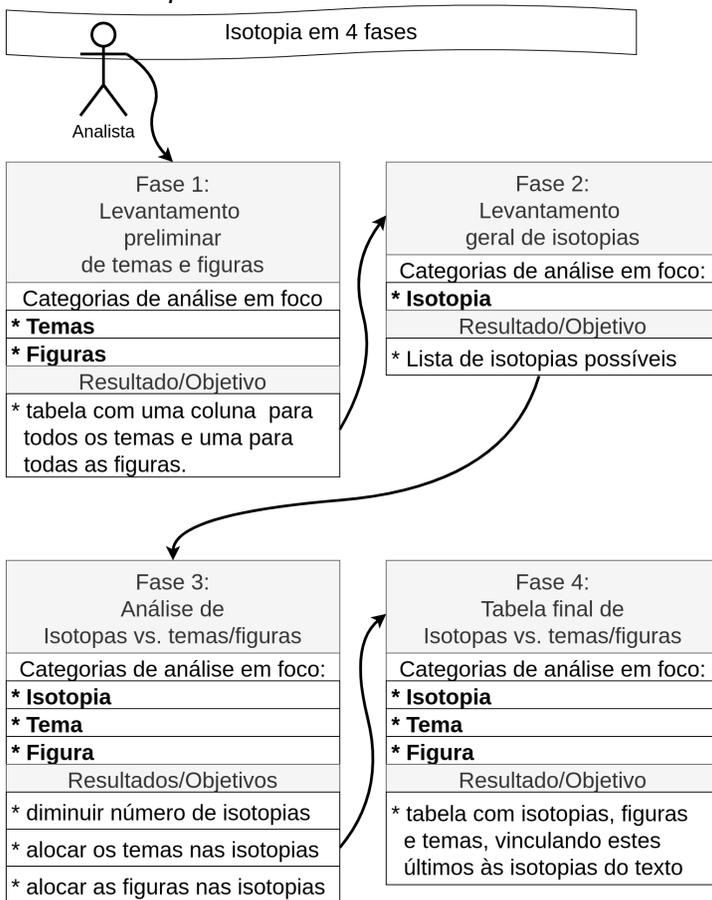
Com base neste esboço teórico, propomos uma sequência de fases para a análise das isotopias (Figura 36, p. 188):

- a) *Levantamento preliminar de temas e figuras*: Na fase 1, temos uma análise preliminar, ainda ligeira, que é um levantamento de temas e figuras em cada sentença. Essas categorias serão revistas em fase ulterior, de modo que não é necessário um rigor extremo, buscando-se, antes, maior agilidade no processo.

- b) *Levantamento geral de Isotopias*: Na fase 2, a única categoria em foco chama-se Isotopia. O analista não deve, neste momento, preocupar-se com os temas e figuras elencados: se houver discordância, no passo seguinte será possível rever todas as 3 categorias de análise em conjunto, mas, em função justamente da não visualização de temas e figuras elencados no passo 1, nos permitimos perceber isotopias não percebidas ou concatenar duas percebidas em separado.
- c) *Análise comparativa da relação entre isotopias e respectivos temas e figuras*: Na fase 3, contrapomos as respostas dos passos anteriores, para ajustes. Durante essa revisão, é importante:
- a) diminuir o número de isotopias ao mínimo, buscando-se nomenclaturas abrangentes o suficiente;
 - b) verificar se as categorias de Temas e Figuras não deixaram nenhum termo de fora, buscando-se o máximo de inclusões.

- Aqui o Analista também tem a opção de deixar comentários livres e opcionais sobre a análise das sentenças no que tange às isotopias.

Figura 36: Desenho com as fases de análise propostas para a Etapa das Isotopias.

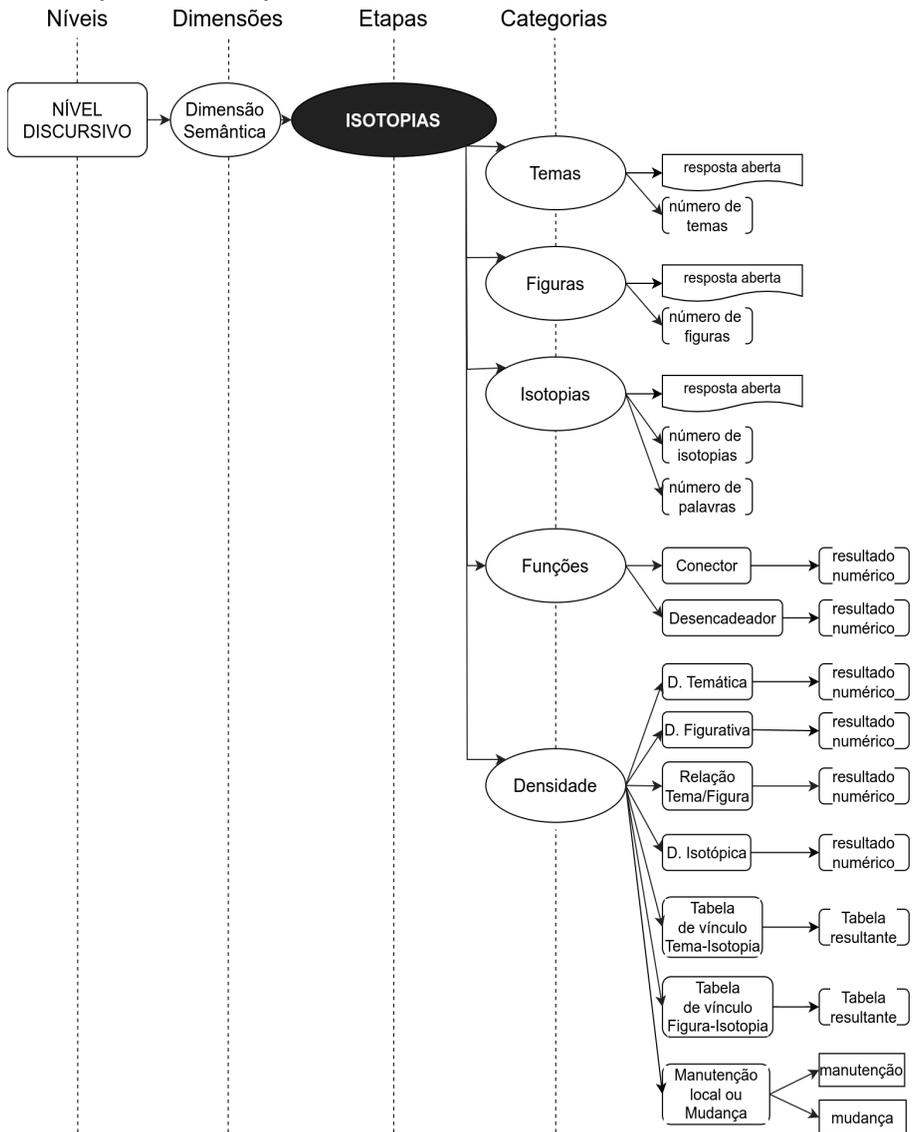


Fonte: a Autora.

d) *Tabela final com os vínculos entre isotopias e seus temas e figuras*: Finalmente, na fase 4 da análise da Categoria Isotopia, vinculamos os temas e as figuras às respectivas isotopias. Caso, eventualmente, algum termo ficar sem vinculação, o analista decide se o termo será eliminado da análise na categoria tema ou figura (conforme apareça) ou se deseja refazer a análise do vínculo antes de continuar.

Na Figura 37 apresentamos todas as categorias envolvidas na análise das Isotopias, com todas as respectivas respostas no desenho da árvore.

Figura 37: Ramificação completa de categorias analisadas na etapa de Isotopias.



Elaboração Própria.

Capítulo 5. Nível Fundamental

5.1. Quadrado Semiótico - Dimensão Discreta

A primeira abordagem, amplamente difundida, do Nível Fundamental, é descontínua, ou seja, discreta, formada por posições extremas e intermediárias do eixo semântico que fundamenta o texto como um todo.

As categorias abertas são muito importantes para a análise semiótica e dão resultados melhores dependendo do tempo de prática de análise e leitura de análises de outros semioticistas. A maioria fica no Nível Discursivo, pois, como se trata da superfície do discurso, sua complexidade não permite que se tenha

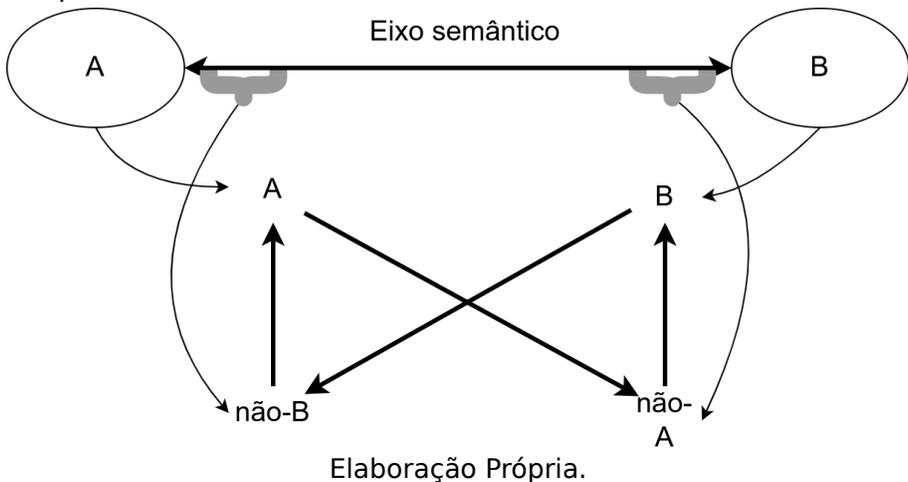
um número limitado e manipulável de opções de resposta para a análise.

Mas a primeira delas surge no Nível Fundamental: trata-se dos dois termos extremos do eixo semântico fundamental. A Semiótica adota a posição hjelmsleviana segundo a qual é reservado “o termo relação para o contraste e dá(-se) o nome de correlação à relação de oposição”, que é “unicamente discriminatória”. O eixo semântico de base de um texto será definido como a relação de exclusão recíproca (ou isto, ou aquilo) entre duas unidades compatíveis semanticamente entre si (Greimas, COURTÉS, s/d, p. 317-318). Ou seja, os extremos opostos constituem uma oposição forte e, dessa forma, são os termos contrários do quadrado.

O Quadrado Semiótico busca ressaltar a importância da proximidade de cada extremo do eixo semântico, ou seja, proximidade dos contrários, estabelecendo dois novos pontos numa gradação metodológica sobre o eixo semântico contínuo, os quais possuem duas qualidades notáveis:

- a proximidade do ponto indica uma tendência ao termo para o qual aponta, de modo que esse processo foi chamado de *implicação*;
- para situar-se como um “quase oposto”, o ponto precisou negar o extremo de origem, processo a que chamou-se de *negação* (Figura 38).

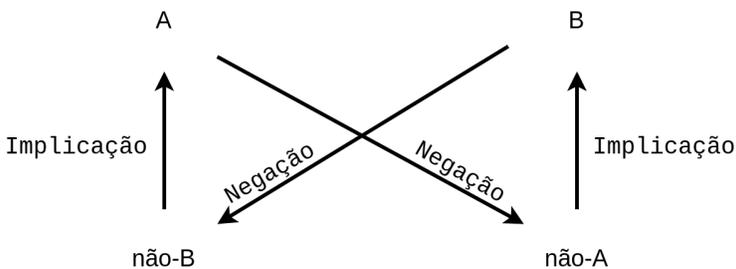
Figura 38: A figura mostra os extremos do eixo semântico posicionados no eixo dos contrários no quadrado, o qual indica também posições próximas ao extremo oposto ocupando o eixo dos subcontrários.



Esses pontos, por serem criados pela negação, são denominados com o prefixo “não-”. A forma de quadrado desenha o eixo dos contrários na linha

horizontal superior e, dado serem fruto dos contrários, ao criar os termos subcontrários na distância da origem e proximidade do alvo, desenha o eixo dos subcontrários na linha inferior do quadrado, o que permite a visualização da gradação, embora não exclua a premissa de que o eixo semântico é contínuo e a linguagem pode marcar inúmeros pontos nesse contínuo conforme as necessidades do uso.

Figura 39: O quadrado mostra, considerando-se os extremos A vs. B, a criação de não-B e não-A pela negação, colocando-os numa posição que implica o extremo ao qual se opõe.



Elaboração Própria.

É necessário, portanto, para dar conta do eixo de sentido do texto como um todo, o eixo semântico fundamental, como requer a análise deste nível, dar preferência a termos que:

- a) sejam abrangentes, permitindo classificar diferentes palavras textualizadas no excerto em análise (por exemplo, prefere-se claridade/escurecimento no lugar de branco/preto (Figura 40, à página 201));
- b) sejam abstratos (por exemplo, prefere-se claridade/escurecimento no lugar de dia/noite (Figura 40, à página 201));
- c) busque-se sua simplicidade isotópica, evitando termos que sejam resultado da composição de dois ou mais outros termos mais simples (por exemplo, prefere-se claridade/escurecimento no lugar de iluminado²⁵/obscurecido²⁶ (Figura 40, à página 201));
- d) a oposição não seja marcada por uma operação de contrariedade (prefere-se claridade/escurecimento no lugar de iluminado/desiluminado (Figura 40, à página 201)).

Essas características muitas vezes nos levam a criar eixos semânticos usando termos de “oposições

25 Iluminado: que é afetado visualmente pela presença de luz.

26 Obscurecido: de que se retirou a possibilidade de visualização.

universais”, como vida/morte, natureza/cultura. Acontece que, tomando-se como premissa básica para a análise semiótica que o sentido acontece sempre no texto, podendo as mesmas palavras, por exemplo, ter um sentido completamente diverso em outro texto, a ideia de universal, a nosso ver, carece de maior sustentação. Haverá textos em que simplesmente não existe, no caso do texto verbal, uma palavra da língua para definir o extremo oposto. Em outros, o texto não textualiza nenhuma vez palavras que possam ser usadas para este fim. Ainda em outros haverá em que a oposição aparece textualizada, mas com palavras complexas que precisarão ser depuradas pelo analista.

Embora até gostássemos de poder propor uma lista limitada de opções, que, teoricamente, os assim chamados universais poderiam eventualmente propiciar, o resultado será mais preciso se deixarmos que o texto indique os termos, sendo o termo 1 totalmente aberto e o termo 2 dependente deste, pois necessariamente será seu contrário: 1 e 2 são opostos.

A partir deste eixo semântico e sua modalização fórica (qual dos dois extremos possui valor positivo?), todos

os outros termos, percursos e operações do Nível Fundamental Discreto (baseado no Quadrado Semiótico) são dele derivados, de modo que esta primeira categoria deverá receber um tratamento especial.

Basicamente, o Quadrado Semiótico é um esquema de relações:

- O Termo A é oposto ao Termo B:
 - A vs. B (contrários);
- O Termo não-A (subcontrário) nega o Termo A :
 - $A \rightarrow \text{não A}$ (negação);
- O Termo não-A tende ao Termo B:
 - $\text{não-A} \rightarrow B$ (implicação);
- O Termo não-B nega o Termo B:
 - $B \rightarrow \text{não-B}$ (negação);
- O Termo não-B tende ao Termo A:
 - $\text{não-B} \rightarrow A$ (implicação).

Além disso, o Quadrado prevê duas outras posições:

- uma na qual encontramos tanto A quanto B. Esse termo, que é A e B ao mesmo tempo (não a soma, mas uma identidade complexa), é conhecido como *Termo Complexo* e definido pelo encontro dos termos contrários;
- outra diametralmente oposta, na qual a identidade é dada pelo encontro dos subcontrários não-A e não-B, chamada de *Termo Neutro*;

A análise da etapa “Quadrado Semiótico”, que deve ser sempre feita pela observação do texto como um todo, deve ser feita em dois passos:

- 1) O primeiro é feito após a leitura do texto, tendo-se definido o eixo semântico e seus termos e nomes opcionais, bem como a foria. Trata-se, portanto, do registro desta análise geral discreta do Nível Fundamental e corresponde à edição dos elementos das categorias correspondentes a esta etapa:
 - Termo A: sugerimos, para agilizar as leituras das análises, que seja sempre o extremo *eufórico* do eixo semântico de base (termo A =

termo eufórico). Como exemplo, se definir como Termo A a palavra “claridade”, o “Termo não-A” será a negação deste: “não-claridade”;

- Termo B: trata-se do termo extremo oposto ao Termo A, portanto é o termo disfórico. Por exemplo, escolhendo-se como Termo B a palavra “escuridão”, conseqüentemente, o “Termo não-B”, sua negação, será “não-escuridão”;

2) O segundo passo é a busca por nomes para os termos derivados e, inclusive, nomes complementares que auxiliem a especificar melhor a oposição fundamental:

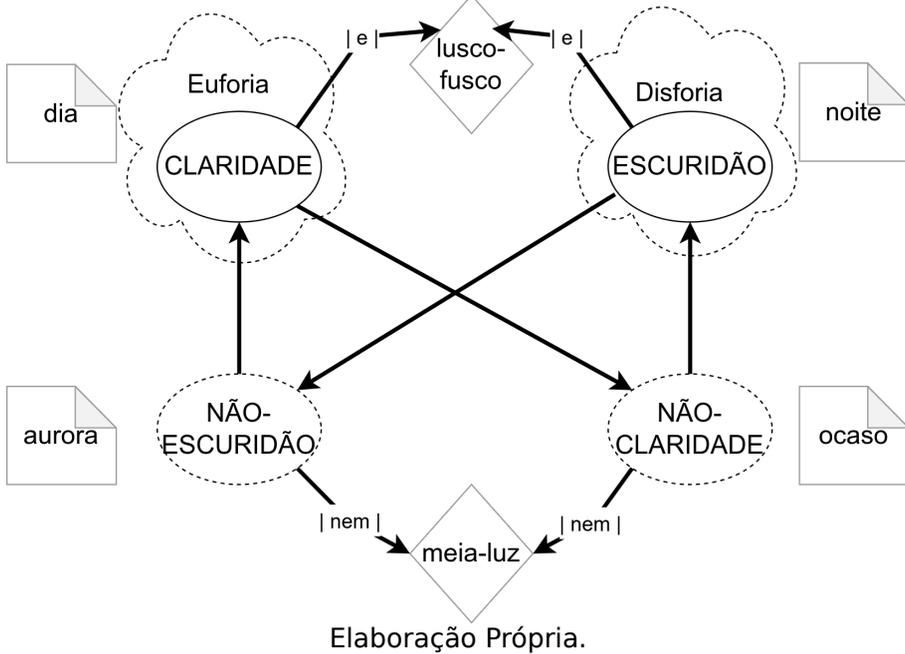
- Os termos A e B podem receber nomenclaturas secundárias, complementares, que extrapolam o eixo semântico, mas auxiliam na compreensão do sistema representado pelo Quadrado Semiótico. Por exemplo, se o texto usa as figuras do dia e da noite como textualização de claridade e escuridão, respectivamente, pode-se optar por colocar como nomenclatura complementar “dia” para

o termo A, “noite” para o termo B, “ocaso” para não-A e “aurora” para não-B (Figura 40, à página);

- Os termos neutro (nem A, nem B) e complexo (A e B) podem ou não receber denominações, já que não é sempre que esta classificação é necessária à análise do texto. Se não definirmos nomes para eles, basta, se necessário, referir-se às palavras correspondentes “neutro” e “complexo”. Conforme a necessidade da análise, inclusive, pode-se julgar pertinente nomear somente um destes dois termos. No exemplo, escolheu-se as expressões “meia-luz” e “lusco-fusco” para o neutro e o complexo, respectivamente (Figura 40).

A análise do Nível Fundamental, repito, deve ser feita considerando-se o texto como um todo, pois sua sintaxe espalha-se no texto. Em geral, podemos detectar um ou dois percursos (do termo A para o B passando por não-A e vice-versa) que sublinham o texto inteiro.

Figura 40: Organização do Quadrado Semiótico com o exemplo claridade vs. escuridão.



No entanto, o Quadrado Semiótico, por ser uma dimensão discreta do Nível Fundamental, dá margem a notar pequenas oscilações no decorrer do texto, principalmente em textos mais longos. O Analista pode abster-se de anotar tais oscilações, mantendo-se firme na proposta teórica deste nível de análise, ou anotá-las todas, para verificar os efeitos de sentido causados por elas, especialmente se o *corpus* for extenso o suficiente

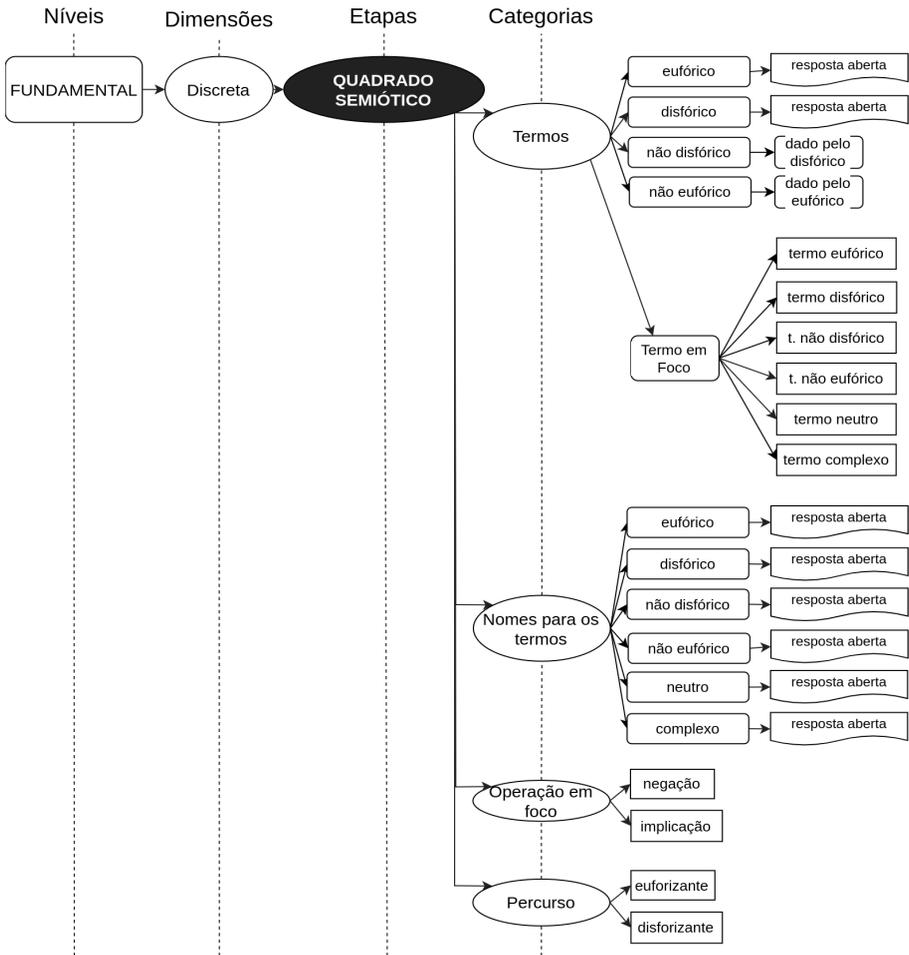
para gerar comparações das oscilações discretas do Fundamental com elementos dos Níveis mais superficiais e complexos.

É importante lembrar que cada texto trabalha o Percurso Gerativo do Sentido de forma particular, de modo que seus elementos terão pesos diferenciados em diferentes textos. Em virtude desse fator, e da base calcada em pressupostos e pressuposições, a análise pode deixar trechos sem análise de elementos não notados e até mesmo desconsiderar a análise de algum dos níveis, quando este parece não essencial para a compreensão da semiose em dado texto.

O Nível Fundamental está presente em todo o texto, orientando sua leitura e a apreensão dos níveis superiores, motivo pelo qual recomendamos que o Analista, nesta etapa, observe trecho a trecho a propriedade do eixo semântico para o texto em análise, sendo ou não importante para sua análise as oscilações, ou seja, o registro do movimento do Nível Fundamental trecho a trecho. A Figura 41 apresenta, em forma de árvore, as categorias abertas da etapa

Quadrado Semiótico, a Dimensão Discreta do Nível Fundamental.

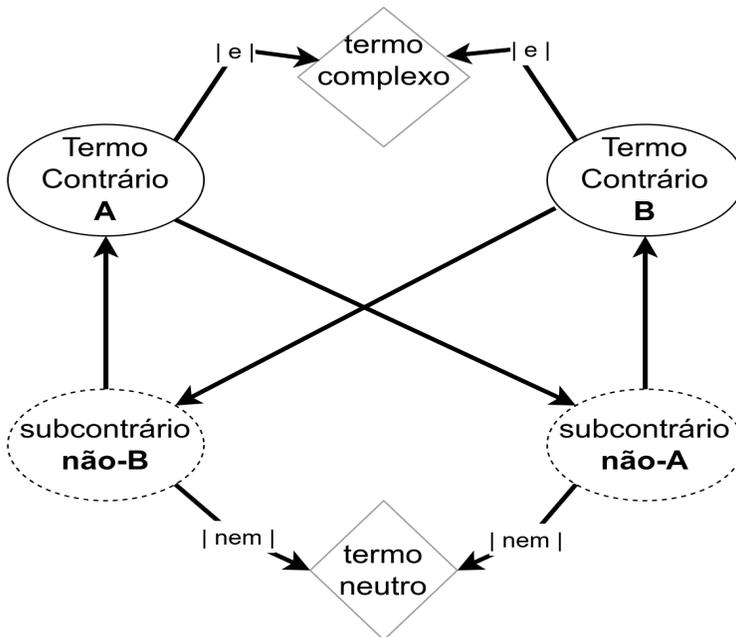
Figura 41: Ramo completo de categorias da etapa Quadrado Semiótico. Dimensão Discreta do Nível Fundamental.



Elaboração Própria.

Observe que os termos não-eufórico e não-disfórico (subcontrários) podem ser obtidos diretamente a partir dos contrários, sem necessidade de outra análise, mas todos os termos, incluindo neutro e complexo, podem receber uma nomenclatura especial, caso o Analista julgue conveniente. É importante também notar qual é a direção do texto em foco, no Nível Fundamental: euforizante ou disforizante.

Figura 42: Base para a montagem do quadrado semiótico, apresentando a oposição A versus B como extremos do eixo semântico fundamental.



Elaboração Própria.

A Figura 42 mostra o quadrado de forma abstrata, com a oposição entre A e B, em que a negação produz os termos subcontrários não-A e não-B, os quais implicam, cada qual, o termo oposto àquele que foi negado na respectiva operação.

5.2. Tensividade - Dimensão Contínua

Mais uma vez vejo-me na posição de falar de Tensividade (Zilberberg; Fontanille, 2001) em uma aula (ou melhor, capítulo)...

Missão impossível: a tensividade pode até ser a parte da semiótica mais explorada atualmente – pelo menos no Brasil – mas é, também, a mais incipiente. Este texto restringe-se, portanto, a apresentar sumariamente o tema, a fim de explicar a forma como foi pensado para alocação na Árvore das Categorias de Análise Semióticas.

Com base na Semiótica das Paixões, que retomou a continuidade como assunto semiótico, a Tensividade traz para o Nível Fundamental a verdadeira “fábrica de perfumes” do texto, permitindo ao Analista tocar a

essência da motivação e da criação do Sujeito/Objeto, bem como sua relação com os valores (Greimas; Fontanille, 1993, p. 21-22).

E são exatamente os valores sua principal moeda de troca: do que são feitos os valores? Como explicar os quadros de valores que regem todos os Níveis do Percurso Gerativo do Sentido em um texto?

a) Quadrado tensivo?

O “horizonte tensivo” surge já nas primeiras páginas do livro *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille, 1993, pp. 23-24). O termo neutro (e aqui estamos nos referindo ao Quadrado Semiótico do Nível Fundamental) é resultado de um sincretismo de dos termos contraditórios (resultantes da operação de negação), enquanto o termo complexo é o sincretismo dos contrários (os extremos do eixo semântico fundamental):

“A coabitação de duas exigências inversas, respectivamente ligadas às “forças” e às “posições”, permite compreender que, antes de toda categorização, o sentir, bombardeado entre duas

tendências, só pode engendrar instabilidade”.
(Greimas; Fontanille, 1993, p. 24)

Essa afirmação nos fez questionar o Quadrado Semiótico como esquema, como foto: não há instabilidade num esquema, mas há em posições inseridas em um processo, ou seja, o quadrado é essencialmente processual²⁷.

Assim como os termos *neutro* e *complexo* possuem a instabilidade em sua natureza, pois injungem num mesmo lugar, ao mesmo tempo, a colocação de valores antagônicos - no caso do termo *complexo* - ou de vazios antagônicos - no caso do termo *neutro* -, devemos assumir que também os subcontrários são marcados por instabilidade, pois, ao saltar para longe de um termo contrário em direção ao outro, os termos subcontrários possuem em sua constituição a presença

27 Cabe notar que o destaque para o quadrado como processo, e não como esquema do texto, vem de aulas do professor da UNESP-Araraquara Ignácio Assis Silva, in memoriam, às quais assistimos entre 1998 e 2000, na USP. A primeira versão desta proposta de leitura do processo no quadrado semiótico como um processo de atração-repulsão foi apresentada no Fórum de Atualizações em Pesquisas Semióticas (FAPS) logo após nossa conclusão do doutorado, em 2002. A presente proposta, devidamente atualizada, foi apresentada, também no FAPS, em setembro de 2019.

de ambos por repulsão a um e atração ao outro (Figura 45).

Figura 43: A operação de negação é um salto longo que exige mais energia cinética do que a operação de implicação, um deslizar entre pontos próximos entre si.

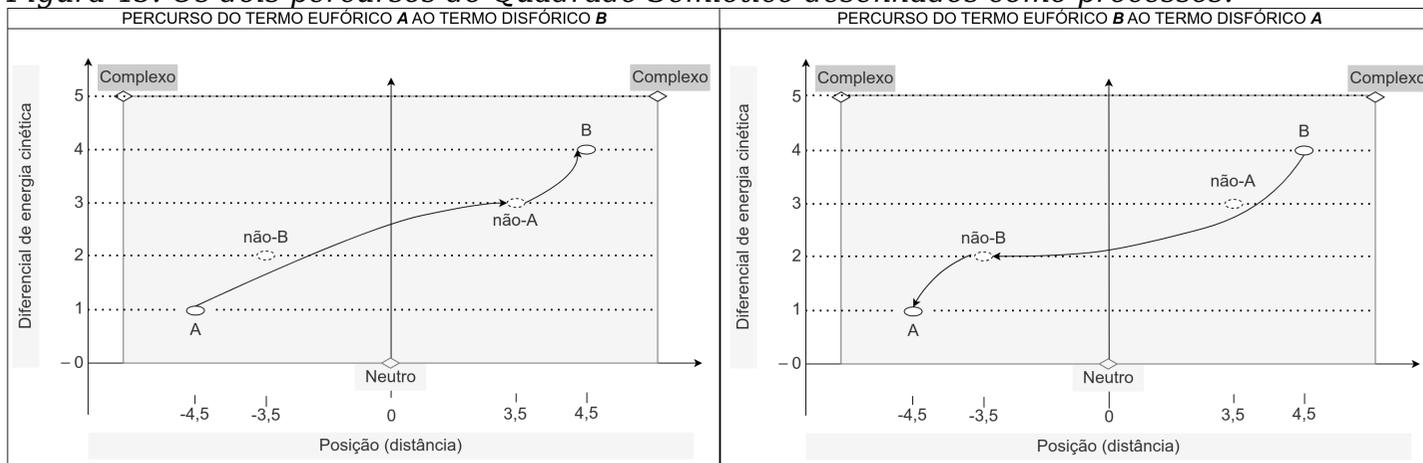


Dessa feita, já podemos compreender que a negação funcione como um salto, requerendo muita energia, enquanto a implicação funciona como um deslizar, quase sem requerer energia, quase como se simplesmente se deixasse levar: o Quadrado Semiótico revela atrações entre posições diferentes de um eixo (Lara; Matte, 2009, p. 103-106).

Essas operações reflexivas sobre o quadrado não pretendem transformá-lo em uma linha reta, mas essa é uma forma de observar as relações entre as posições dos termos, inclusive dos termos neutro e complexo (Figura 44).

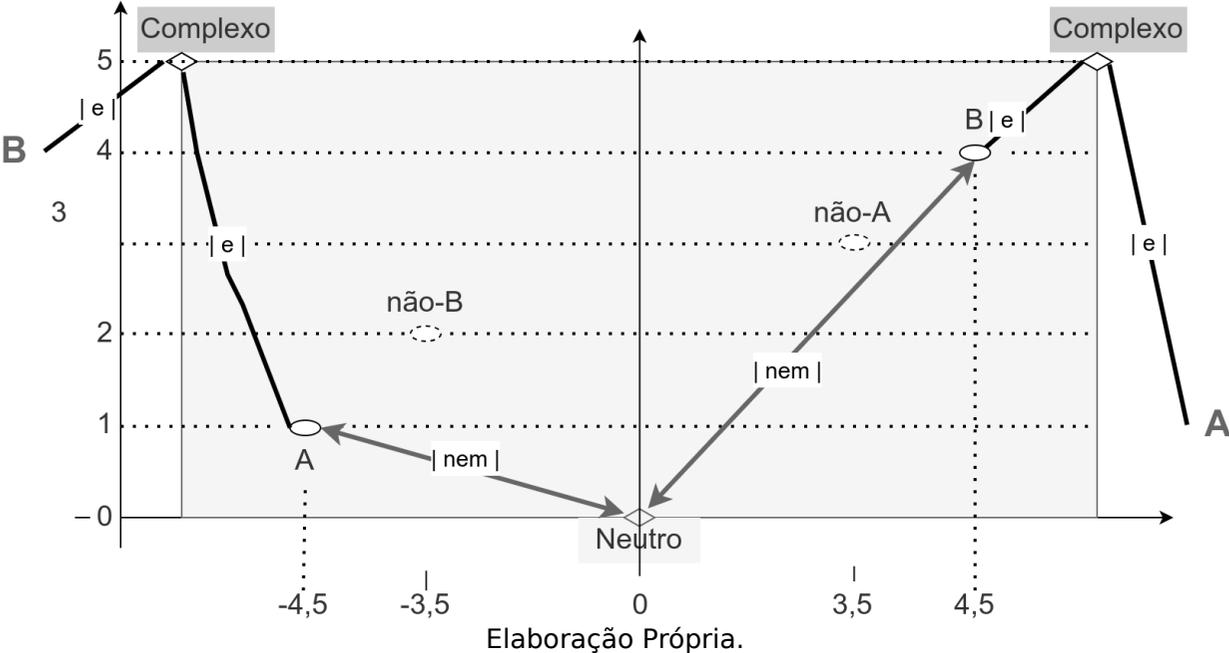
mais; outra forma de ver: quando o pêndulo sobe, começa rápido e desacelera até parar, e, quando desce, acelera até encontrar o ponto zero, quando começa seu movimento novamente (Figura 45).

Figura 45: Os dois percursos do Quadrado Semiótico desenhados como processos.



Fonte: A autora.

Figura 46: Posições relativas dos termos neutro e complexo no quadrado em linha: a energia do termo complexo é maior que a do termo contrário disfórico (B), enquanto a energia do termo neutro é menor que a do termo contrário eufórico (A).



Segundo a lógica, a qual aponta a negação como um processo de expulsão, é necessária uma grande força para provocar o afastamento do que foi negado. Assim, podemos deduzir que o termo complexo exige uma quantidade de força ainda maior para reunir em um elemento os dois termos opostos, conferindo-lhe grande instabilidade, o que faz jus à dificuldade de se encontrar nomes para os termos complexos na maioria dos eixos semânticos.

Já o termo neutro, que une duas posições instáveis (os subcontrários), carregaria, segundo esta mesma lógica, uma pseudo estabilidade, ou seja, uma estabilidade momentânea, pois trata-se, em última análise, da negação do próprio eixo de base, um lugar de suspensão. Ou seja, exigiria, nesse quadrado tomado como processo uma força maior que a necessária no processo de implicação, mas menor do que a necessária ao processo de negação.

Nossa leitura contínua do quadrado não é a única. Destacamos o artigo de Bevidas (2019) que retoma Zilberberg para fazer sua releitura:

A uma semiótica categorial, do descontínuo, ela [a tensividade] vem a acrescentar as micro-modulações do contínuo, granulação mais fina e dinâmica para as articulações sêmicas do quadrado semiótico, substituindo-as por células tensivas a formar em conjunto, uma vasta tabela foremática que se propõe mais ajustada e adequada à realidade do modo de presença dos signos da língua quando e sobretudo porque acionados em discurso, única forma de sua manifestação eficiente. (Bevidas, 2019, p. 41)

Consideramos que a proposta de Bevidas (2019) é compatível com a aqui apresentada, já que também trabalha as forças que atuam no quadrado Semiótico. O desenho difere porque, enquanto Bevidas leva a tensividade ao quadrado, levamos o quadrado à tensividade, pois partimos, nós, das operações entre as posições no quadrado e, ele, dos modelos tensivos, com resultados muito semelhantes.

Ainda em relação à compatibilidade com Bevidas (2019), defendemos que a operação de negação requer uma força, muito maior que a de implicação, para uma mudança de posição (numa mudança contínua como salto e repouso, respectivamente) e, por sua vez, Bevidas também apela à continuidade ao retomar Zilberberg para dizer que “os lugares sêmicos são menos “posições” (lógicas) do que “translações”,

fluxos, movimentações vetoriais”. Em suma, ambos apontam para uma leitura tensiva do quadrado semiótico, como inclusive se vê a seguir.

O mesmo pode ser dito quanto às análises em que Zilberberg emprega as grandezas “forte” vs. “fraco” ou “grande” vs. “pequeno” (2012, p. 27-35). Via de regra os primeiros são alocados no vértice tônico do grafo e os segundos na base átona do grafo. Isso, a meu ver, não respeita in totum os valores semânticos pregnantes aos signos da língua. O signo “forte” tem a sua tonicidade semântica como o deve ter, em igual simetria, o signo “fraco”. Este tem a pregnância tônica da fraqueza, tanto quanto o outro o tem da fortaleza. E, em muitas ocorrências discursivas é o fraco que se torna timicamente mais intenso, tonificado, como quando, por exemplo, torcemos para um time pequeno ou para o lutador de menor estatura. (Bevidas, 2019, p. 51)

b) Das paixões à Tensividade

Na busca de formalizar as forças atuantes sobre o eixo semântico de base como quadro de valores (ou quadros de valores), Greimas e Fontanille (1993, p. 24-28) trazem para o debate uma proposta segundo a qual a semiose repousa sobre uma relação entre a tensividade e a foria, e que os valores são combinações de valores mais abstratos e profundos, a que chamaram de valências: o “valor do valor”, que se deixaria entrever por meio da aspectualização que era, na época, a grande estrela da continuidade no palco da geração do sentido. Cinco anos depois, Zilberberg e Fontanille organizam em um livro, *Tensão e Significação* (ZILBERBERG, Fontanille, 2001²⁸), diversos estudos feitos acerca dessas propostas, visando a uma formalização mais didática e aplicável, centrada na relação inversa ou conversa entre duas profundidades, a extensa e a intensa, que formam um espaço no qual se desenha a valência, por meio de seu cruzamento num gráfico (eixo x para extensidade e y para intensidade).

28 O original em francês data de 1998.

O grande achado metodológico desses autores foi a proposição desse espaço articulado entre uma *profundidade extensa* e uma *profundidade intensa*, as quais criam um modelo tensivo que rege o texto. O modelo será inverso quando a relação entre as profundidades for do tipo “quanto mais extenso, menos intenso” e converso quando “quanto mais extenso, mais intenso”.

“A análise de um valor requer, por conseguinte, (i) ao menos dois gradientes que, na medida em que são orientados, funcionam para o sujeito de enunciação como profundidades, e (ii) em cada uma dessas profundidades, uma variação que é provavelmente identificável a uma variação de intensidade ou de extensidade, ou, para manter o isomorfismo entre a expressão e o conteúdo, uma variação de tonicidade.” (ZILBERBERG, Fontanille, 2001, p. 21).

A aplicação destas premissas em diferentes textos e pontos teóricos - o próprio valor, a categoria, o esquema, a presença, o devir, a práxis enunciativa, a forma de vida, a modalidade, a fidúcia, a emoção e a paixão - trouxe configurações de metalinguagem muito produtivas para a análise dos textos. Destacamos duas delas aqui, uma pequena amostra do arsenal metodológico da Semiótica Tensiva.

c) Triagem vs. mistura

A primeira delas citamos no tópico 4.2. (página 128): ao tratar da *valência*, e mais especificamente da questão relativa ao conceito de quantidade, Zilberberg e Fontanille (2001, p. 33) propõem duas lógicas opostas: a lógica da *triagem* e a lógica da *mistura*. Reproduzimos no Quadro 15 sua proposta.

Quadro 15: As quatro figuras de quantidade.

	Triagem	Mistura
Tônica	unidade/nulidade	universalidade
Átona	totalidade	diversidade

Fonte: Zilberberg e Fontanille (2001, reprodução do quadro disponibilizado pelos autores na página 33).

- A *triagem* é o operador de um regime de exclusão, compondo uma relação inversa cujos limites são:
 - o exclusivo (menos que é mais);
 - o excluído (mais que é menos);
- A *mistura* é o operador de um regime de participação, uma relação conversa entre os limites:
 - igual (mais que é mais)

- desigual (menos que é menos).

Algumas características importantes de tais lógicas podem ser observadas no Quadro 16.

Quadro 16: Características relativas aos regimes da Triagem e da Mistura.

	Triagem	Mistura
Programa de base	Descontínuo	Contínuo
Circulação de bens	<ul style="list-style-type: none"> • Restrita • Desacelerada 	<ul style="list-style-type: none"> • Favorecida • Acelerada
Tonicidade	Varia entre mais ou menos drástica	Varia entre mais ou menos homogênea
Objetos²⁹	<ul style="list-style-type: none"> • A) Incompatíveis • não-B) Separados 	<ul style="list-style-type: none"> • B) Adequado • não-A) Compatível

Elaboração Própria.

d) Valores de universo vs. valores de absoluto

Ao discutir a questão do conceito de *valor*, os autores Zilbererg e Fontanille propõem a distinção entre *valores de universo* e *valores de absoluto*. No eixo da extensidade, aplica-se a profundidade extensa da triagem (-) e da mistura (+), enquanto, no eixo da

²⁹ Usamos a indicação A, não-A, B e não-B para remeter às posições em que cada termo aparece no quadrado semiótico (Zilberberg; Fontanille, 2001, p. 37).

intensidade, a profundidade intensa opõe a abertura (+) ao fechamento (-).

Os *valores de universo* são concordantes, num modelo tensivo converso: quanto mais misturado (+ extenso), mais aberto (+ intenso), arranjados em um conjunto no qual aberto coincide com livre, fechado com exclusivo, puro com incompleto e misturado com completo.

Já os *valores de absoluto* são configurações tensivas em modelo inverso, dissidentes: quanto mais misturado (+ extenso), mais fechado (- intenso) (ZILBERBERG, Fontanille, 2001, pp. 52-53). Por outro lado, colocando-se os dois tipos de valores como profundidades, temos, em relação inversa, os valores de absoluto no eixo da intensidade, visto que privilegiam um “único tônico”, e os valores de universo no eixo da extensidade, pois privilegiam a “totalidade átona”³⁰.

e) Modos de presença

A proposta que buscamos elaborar para análise da tensividade, embora incipiente, parte da observação de

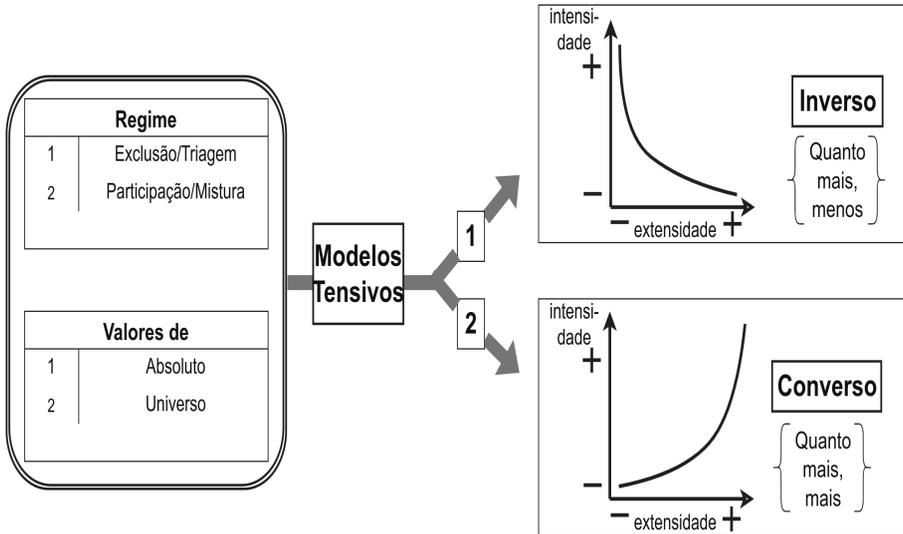
30 Cf. ZILBERBERG, Fontanille, 2001, p. 46-47.

componentes da continuidade do texto a fim de identificar o modelo decorrente, permitindo uma reflexão sobre sua propriedade ou não.

Os valores, como antevisto por Greimas & Fontanille (1993, p. 24-28), na construção do(s) quadro(s) de valores acionados em cada texto, influenciam, por exemplo, o que é eufórico no texto em foco e qual o quadro de valores do destinador e o do destinatário numa dada manipulação, o que é essencial para compreender o fechamento ou não do contrato entre esses actantes. A construção do quadro de valores, portanto, passa pela determinação do valor do valor, explicado no início do capítulo Valência (nome do valor do valor) por Zilberberg e Fontanille (2001, p. 15-16).

Apesar da incipiência da nossa proposta, jugamos que pode ter efeito auxiliar na sistematização da análise da tensividade. A Figura 47 mostra que tanto o tipo de regime, se de exclusão ou participação, o que corresponde a triagem ou mistura, quanto o tipo de valores, de absoluto ou de universo, indicam o modelo tensivo do texto:

Figura 47: A tensividade em relação aos regimes e aos valores.



Elaboração Própria.

1. Exclusão, triagem, absoluto: modelo tensivo inverso;
2. Participação, mistura, universo: modelo tensivo converso.

Cada texto possui elementos diferenciados que permitem definir o regime e/ou os valores, de modo que é um risco afirmar, no estado atual da proposta, que seja possível definir um percurso para esta análise.

Apesar do risco, ousamos apresentar um caminho que observamos ser funcional em várias de nossas análises. Nesse caminho, o Analista vai informar, sempre que detectados, para o texto todo:

1. Regime: se triagem ou mistura, e/ou se exclusão ou participação;
2. Valores de absoluto ou de universo;
3. Profundidade Extensa: trata-se do eixo no qual os eixo de valores aciona valores extensos, como a espacialidade; informa-se então o nome do eixo da extensidade, que é o eixo x do gráfico tensivo, como se pode observar nos exemplos das Figuras 48 e 49 (abaixo)³¹;
4. Profundidade Intensa: nome do eixo da intensidade, o eixo y do gráfico tensivo, também apresentado nas Figuras 48 e 49³²;

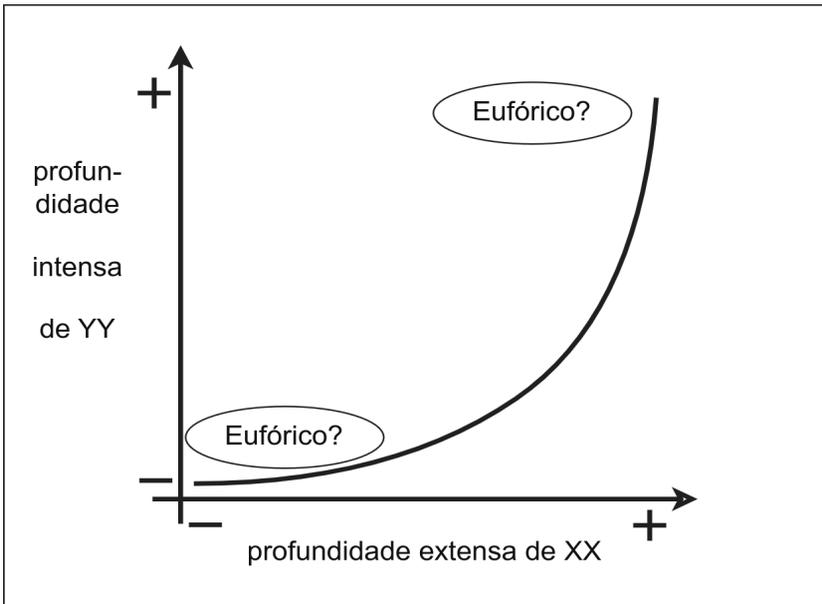
31 Para cegos, complementa o texto “gráfico do modelo x” com a informação “com profundidade extensa de y”.

32 Para cegos, complementa o texto “gráfico do modelo x” com a informação “com profundidade intensa de z”.

5. Modelo Tensivo: converso ou inverso. Ao escolher o modelo, já podemos desenhar a curva no gráfico³³;
6. Ponto de extensidade mínima: nomenclatura escolhida pelo analista, conforme o texto, para o ponto inicial do gráfico, com extensidade mínima e intensidade determinada pelo modelo, determinando sua posição no gráfico;
7. Ponto de extensidade máxima: nomenclatura escolhida pelo analista, conforme o texto, para o ponto final do gráfico, com extensidade máxima e intensidade determinada pelo modelo, determinando sua posição no gráfico;
8. Foria: indica qual ponto é eufórico no texto, se na extensidade mínima ou na máxima;
9. Além disso, o Analista pode incluir dados complementares sobre o regime, os valores, assim como outra classificação e comentário.

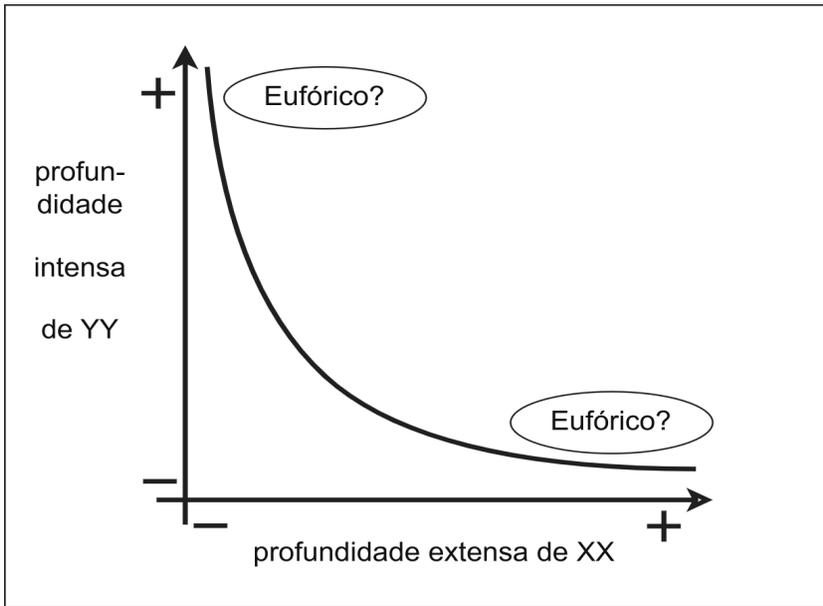
³³ Para cegos, inclui o texto ALT “gráfico do modelo x”, substituindo x pelo modelo selecionado.

Figura 48: Exemplo de modelo converso. Regime de mistura/inclusão. Valores de universo. Sobre a Foria, como este gráfico é uma abstração, ou seja, não possui um texto em foco, não podemos definir se a euforia está no ponto mínimo ou máximo da extensidade.



Elaboração Própria.

Figura 49: Exemplo de modelo inverso. Regime de triagem/exclusão. Valores de absoluto. Sobre a Foria, como no gráfico, dado não ser este senão uma representação abstrata, sem texto em foco, a euforia pode estar tanto no ponto mínimo quanto no máximo da extensidade.

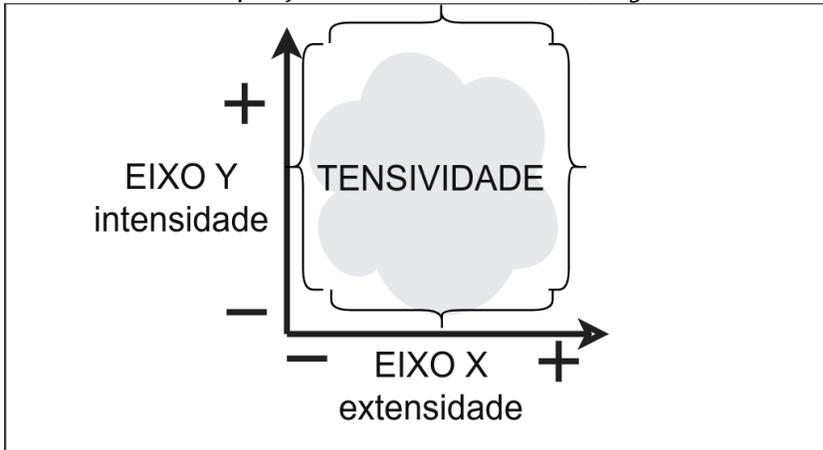


Elaboração Própria.

A tensividade é um espaço bidimensional que, por princípio, contempla a totalidade de valores do(s) quadro(s) presentes no texto. Para fins de análise, no entanto, a totalidade não ajuda, pois o importante para a análise são aqueles valores relativos compreendidos pelas valências as quais, em virtude de seus campos

semânticos, acolhem todos os valores importantes para a construção do sentido no texto (Figura 50).

Figura 50: Representação do espaço bidirecional onde reside a tensividade no texto, num gráfico em que o eixo x acolhe a profundidade extensa e, o y, a intensa.



Elaboração Própria.

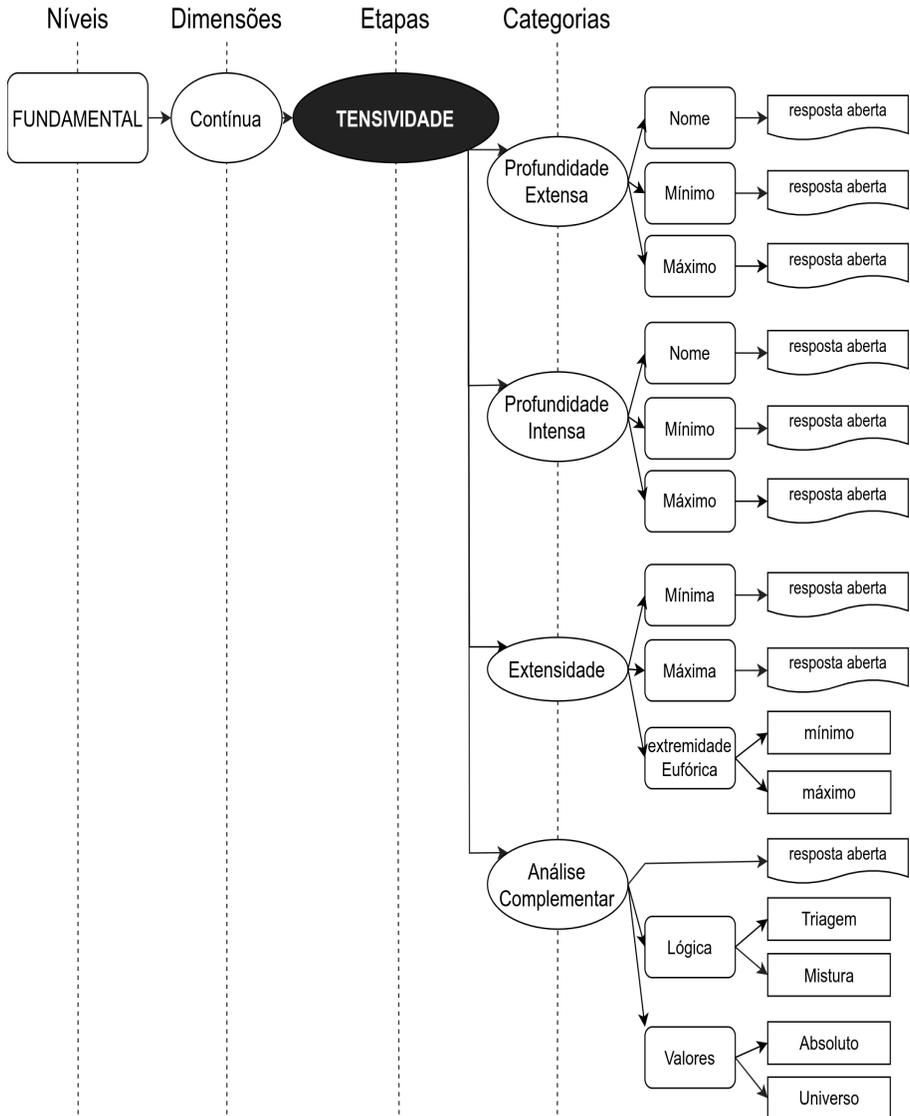
Em outras palavras, como o próprio nome diz, analisar é excluir os excedentes, cortar o que não é importante para o processo. Esse corte é também relevante na hora de especificar os valores que aparecerão na descrição ou no gráfico do modelo tensivo: embora a tensividade conceitualmente abrange uma grande quantidade de valores, ela não é produtiva e, portanto,

salvo raríssimas exceções, vamos destacar somente aqueles necessários para a condução da análise.

Na árvore de categorias de análise da Etapa Tensividade, conforme a abordagem que estamos apresentando, temos o grupo de categorias representado na Figura 51, sejam elas:

- *profundidade extensa* (respostas abertas):
 - nome;
 - mínimo;
 - máximo;
 - mínima (resposta aberta);
 - máximo (resposta aberta);
 - extremidade eufórica: mínima ou máxima;
- *profundidade intensa* (respostas abertas):
 - nome;
 - mínimo;
 - máximo;
- *análise complementar*:
 - lógica: triagem ou mistura;
 - valores: de absoluto ou de universo.
- *extensidade*:

Figura 51: Ramificação completa das categorias da etapa de análise da Tensividade.



Elaboração Própria.

Capítulo 6. Interníveis

6.1. Tipologia da Ação - Interníveis: Dimensão Narrativo- Discursiva

Uma categoria de análise do *Nível Narrativo* destacou-se durante nossas análises: aquilo que estamos chamando de Etapa da “Tipologia da Ação”: trata-se de uma classificação que remonta às primeiras investidas da Semiótica Francesa, relacionando atores do *Nível Discursivo* com os papéis actanciais ocupados por eles. A importância dessa classificação, referente ao caráter polêmico da narrativa, ou polêmica da narrativa, deveras simples não é, como pode parecer, deixar claro o sincretismo de papéis. A Tipologia da Ação é

importante para evidenciar a polêmica da narrativa, a qual pode ser de grande relevância na construção do sentido em um texto. Na árvore, incluímos uma classificação que pode dar boas pistas sobre a construção de efeitos de sentido:

Todos os papéis actanciais do Nível Narrativo podem ser ocupados por um, por muitos ou por atores alternados do Nível Discursivo. A contrapartida é igualmente verdadeira: nenhuma regra narrativa define quantos ou quais atores vão ocupar cada papel actancial. Não poderia ser de outra forma: o Nível Discursivo é mais complexo do que o Nível Narrativo, possuindo muito mais diversidade de elementos do que este último. Podemos ocupar um Sujeito de Estado (S1) com “João”, “João e Maria” ou mesmo “filhos”, e isso não afetará a análise do Nível Narrativo. No entanto, se o conjunto “João e Maria” for sujeito do fazer (S2) e de estado (S1) ao mesmo tempo, o efeito de sentido de auto afetamento interfere na compreensão do texto.

Conforme Barros (1988, p.26), trata-se de conjugar dois diferentes critérios: o primeiro depende da identidade do *ator* que, na função em foco, ocupa os *papéis*

actanciais de sujeito do fazer (S2) e sujeito de estado (S1), podendo ser transitiva (S1 <> S2) ou reflexiva (S1 = S2); o segundo depende do tipo de transformação realizada por S2 no Programa Narrativo em foco, que pode ser de *aquisição* (ganho: disjunção para conjunção) ou de *privação* (perda: conjunção para disjunção). O resultado dessa relação nos fornece 4 tipos de ação: doação, espoliação, apropriação e renúncia.

Após analisar os atores e os actantes, temos todas as informações necessárias para calcular o tipo da Ação. O analista o faz quase automaticamente, bastando observar os dados já analisados.

De um lado, trata-se de classificar a relação entre atores e actantes, conforme haja sincretismo de papéis ou se, pelo contrário, cada actante corresponde a um ator (ou conjunto de atores) diferente. Para saber se a transformação é aquisição ou privação, observa-se a direção da transformação, o que, junto com a análise da relação actante/ator, já é suficiente para realizar a classificação da tipologia:

- aquisição com $S1=S2 \Rightarrow$ apropriação
- privação com $S1<>S2 \Rightarrow$ espoliação
- privação com $S1=S2 \Rightarrow$ renúncia
- aquisição com $S1<>S2 \Rightarrow$ doação

São, de fato, duas regras:

1. A primeira verifica se é aquisição ou privação. Vem do Nível Narrativo → Dimensão Pragmática → Etapa da Ação → *Tipo de transformação*.
2. A segunda verifica se os atores que ocupam o papel de S1 e S2 são o mesmo ou se são diferentes. A resposta vem da comparação entre os *actantes* do Narrativo coletados na → Dimensão Pragmática → Etapa da Ação e os *atores* do Discursivo → Dimensão Semântica → Ator.

A partir do exposto, podemos montar a classificação expressa no Quadro 17.

Quadro 17: Classificação da tipologia da Ação conforme o sincretismo ou não de papéis (vertical) e o tipo de transformação (horizontal).

	Aquisição	Privação
S1=S2 reflexiva	Apropriação	Renúncia
S1<>S2 transitiva	Doação	Espoliação

Elaboração Própria.

Uma boa forma de registrar a análise dessa fase é indicar, para cada trecho, junto aos 3 primeiros registros recuperados da Dimensão Pragmática e da Categoria do Ator, o Tipo da Ação:

Tipo de transformação (recuperar da análise da ação)

Ator que ocupa S1 (um, vários, grupo etc)

Ator que ocupa S2 (um, vários, grupo etc)

Tipo da Ação (aquisição, privação)

a) Polêmica do ponto de vista

Como dito acima, a importância dessa tipologia é fazer emergir a polêmica que toda transformação de estado tem como pressuposta (Barros, 1988, p. 26). Conforme Barros, a polêmica reside no fato de que, para toda

aquisição há uma privação. Propõe-se aqui considerar também as diferenças entre dois tipos de polêmicas, que diferem entre si por ser uma voluntária/consciente (cônschia) e a outra involuntária/inconsciente (alienada). A³⁴ *polêmica cônica*, é aquela na qual S1 é voluntário na transformação, ou consciente dela, e a *polêmica alienada*, aquela na qual S1 é constrangido à transformação, ou inconsciente da operação. A foria não está diretamente vinculada a esses nomes, pois essa relação muda conforme o texto.

NOTA: Retomando a tipologia, dado que a polêmica reside exatamente no fato de que, para cada aquisição, há uma privação, cabe destacar que o mesmo não ocorre com objetos compartilháveis, como o conhecimento, que é doado sem deixar de pertencer ao autor da doação, exceto em casos como o de segredos industriais os quais, embora ainda trabalhem com um objeto compartilhável, levam a polêmica para a Etapa da Verificação, na Dimensão Sintática do Nível Discursivo.

É por depender do ponto de vista que esta classificação traz à tona o **caráter polêmico** da Narrativa, muito produtivo em textos em que a polêmica reside na relação entre os atores e os objetos. Assim, é imprescindível, para essa etapa da análise da

34 A nomeação das duas polêmicas, cônica ou alienada, é proposta pela autora.

dimensão, que se observe, exclusivamente do ponto de vista do texto como um todo, que ator está colocado no papel de S1; caso isso não seja observado, corremos um sério risco de, num texto em que tenhamos mais de um tipo de ação no decorrer dos trechos, trocarmos aleatoriamente os atores, obtendo, com esse engano, resultados igualmente aleatórios, nada científicos, portanto.

Observe também que a palavra polêmica não possui na Semiótica o sentido coloquial que conhecemos, mas relaciona-se a ele porque um programa contrapõe-se a outro: “Para toda ação há uma reação”³⁵.

- quem me **espoliou** de algo, **apropriou-se** daquilo: polêmica alienada;
- quem me **doou** algo, **renunciou** àquilo: polêmica cônica.

Esta análise mostra a força do Nível Narrativo para análise de textos mais complexos, nos quais o sincretismo de papéis, quando o mesmo ator do Nível Discursivo ocupa mais de um papel no Narrativo, pode trazer à luz as estratégias pelas quais um sujeito faz

35 Tanto como dito popular quanto como conceito de física.

algo para si mesmo; por exemplo, a automutilação aparecendo numa pessoa que não gosta de dor é um sincretismo no qual o S1 situa-se num quadro de valores segundo o qual “dor” é ruim, enquanto S2, apesar de estar figurado pelo mesmo ator do Nível Discursivo, situa-se num quadro em que “inflingir dor” não é tão relevante quanto o castigo que o ato representa. Castigar S1 (ele próprio) não significaria um ato contra si mesmo (S2), mas uma redenção pela dor, ou seja, um ato positivo, tal como aparece em algumas religiões.

Nos textos em que a polêmica explica a produção de sentido, a detecção correta da Tipologia da ação é fundamental, pois não conseguiremos perceber a polêmica da narrativa se julgarmos que uma doação é uma apropriação, por exemplo, já que possuem opostos pertencentes a diferentes tipos de polêmica.

Isso não significa que um texto só possa conter um ou outro tipo de polêmica, nem que os opostos precisem estar textualizados.

Por um lado, quando encontramos operações de diferentes tipos de polêmicas num mesmo tempo, isso

pode tanto ser causado por estarmos falando de diferentes sujeitos e objetos, quanto pode revelar relações mais complexas, como alguém que se apropria da doação na caixa da igreja, por exemplo.

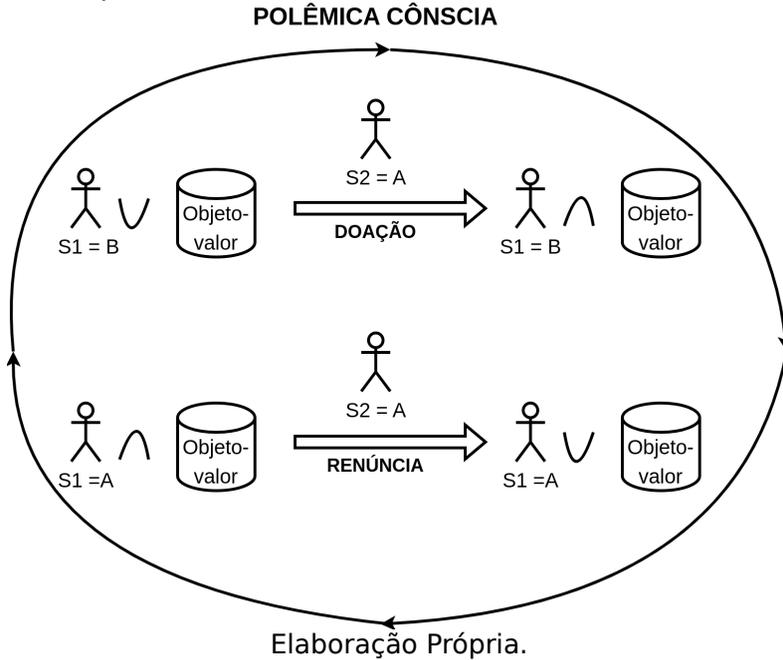
Por outro lado, considerando que toda aquisição presume uma privação concomitante, mesmo que uma delas não seja textualizada, ela está presente no texto, o que pode ser importante para uma leitura dialógica do mesmo.

b) Polêmica Cônica

Doação e renúncia são os dois tipos de ação polêmica cônica (Figura 52, abaixo) por haver em ambas o consentimento de S1, gostando disso ou não. Um bom exemplo é apresentado por Barros:

Na fala de Joana, em Gota d'água, a transformação operada é ora descrita como uma doação de valores a Jasão (aquisição transitiva), ora como a renúncia de Joana a esses valores (privação reflexiva). (Barros ,1988, p. 26).

Figura 52: Polêmica Cômica: a toda doação corresponde uma renúncia.



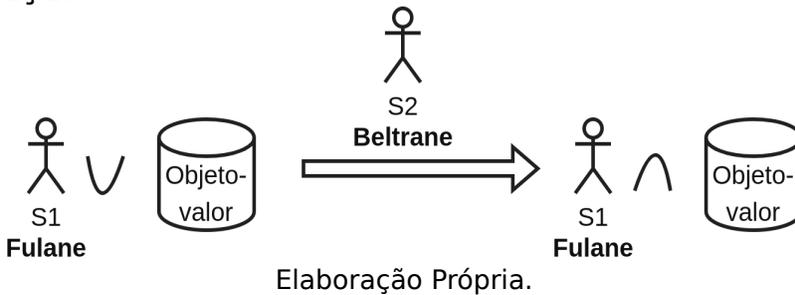
A Polêmica Cômica é geralmente encontrada em textos nos quais:

- a) S1 sabe da operação que transforma seu estado em relação ao objeto, aceitando-o, ou
- b) S1 está ativo durante a operação.

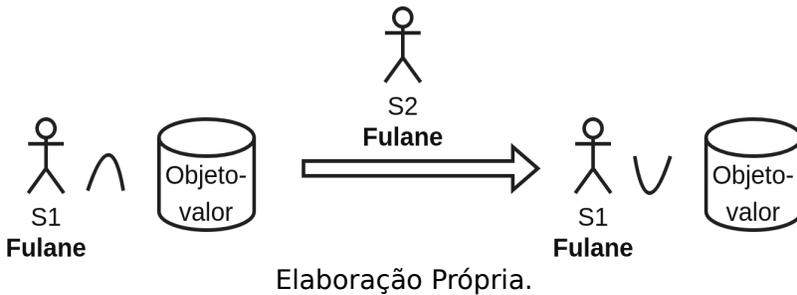
Os dois tipos de ação possíveis na polêmica cômica são descritos a seguir:

- *Doação*: o sujeito do fazer (S2) é diferente do ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de Estado e a operação é de aquisição: S1 passa de disjuncto a conjunto num processo transitivo.
 - Se Fulane ganhar um prêmio - seja concreto como uma taça, seja abstrato, como uma honra -, ela é S1, mas a transformação é de autoria de Beltrane (S2), num processo de aquisição por **doação** (Figura 53).

*Figura 53: Transformação de estado: aquisição por **Doação**.*



*Figura 54: Transformação de estado: privação por **Renúncia**.*



- Renúncia: o sujeito do fazer (S2) é o mesmo ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de estado e a operação é de privação, num processo reflexivo.
 - Se Fulane conceder um prêmio a Cicrane, Fulane ficará sem o prêmio, de modo que ela ocupa os dois papéis S2 e S1, num processo de privação por **renúncia**.

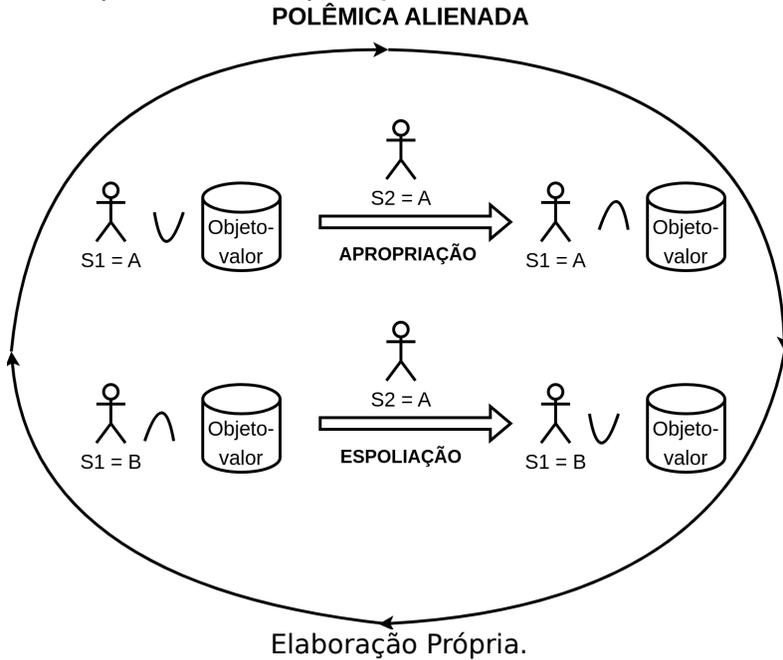
c) Polêmica Alienada

Na Polêmica Alienada (Figura 55) a aquisição e a privação independem do sujeito de estado, de certo

modo que, na transformação realizada, há uma espécie de alienação de S1 em relação à escolha entre ganhar ou perder a conjunção. Exemplos de Barros:

Bons exemplos da correlação entre os programas de apropriação e de espoliação ocorrem na literatura popular, pois quando o sujeito “príncipe” se apropria do objeto “princesa”, o sujeito “dragão” é dele espoliado; quando o Pequeno Polegar adquire a bota-de-sete-léguas, priva dela o Ogro, quando Joãozinho-do-pé-de-feijão se apodera da galinha-dos-ovos-de-ouro, o Gigante perde esse objeto-valor. (Barros, 1988, p. 27)

Figura 55: Polêmica Alienada: a toda apropriação corresponde uma espoliação.

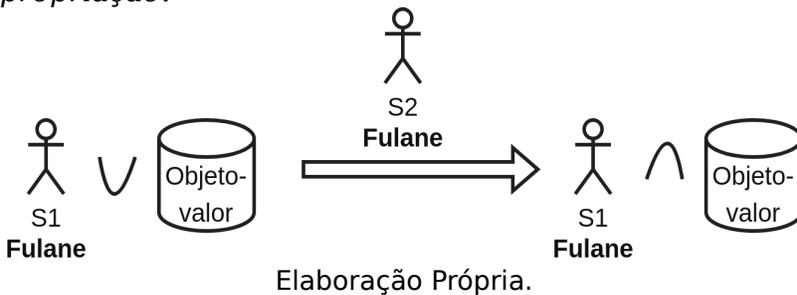


A Polêmica Alienada será geralmente encontrada em textos nos quais:

- a) não importa se S1 sabe ou não da operação que transforma seu estado em relação ao objeto, ou
- b) S1 sabe o que está acontecendo mas permanece inativo durante a operação.

Apropriação e espoliação são os dois tipos de ação na polêmica alienada, descritos a seguir.

Figura 56: Transformação de estado: aquisição por Apropriação.

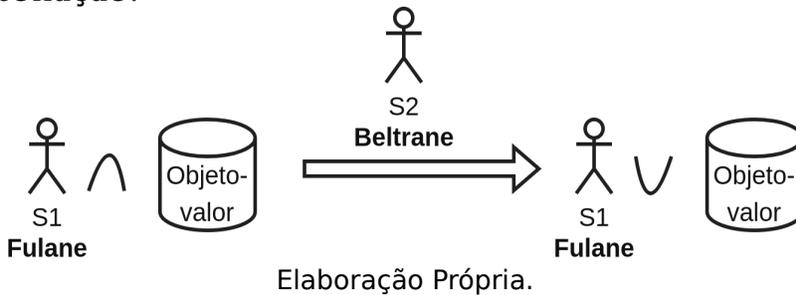


- *Apropriação*: o sujeito do fazer (S2) é o mesmo ator que ocupa o papel actancial de Sujeito de estado e a operação é de aquisição. A relação é reflexiva.
 - Se Fulane toma para si o prêmio que deseja, Fulane ocupa S1 e S2 ao mesmo tempo, num processo reflexivo de *aquisição por **apropriação***. Ela transformou sua própria disjunção com o objeto em conjunção (Figura 56).
- *Espoliação*: o ator que ocupa o papel actancial do sujeito do fazer (S2) é diferente do ator que

ocupa o papel de Sujeito de Estado e a operação é de privação. Processo transitivo.

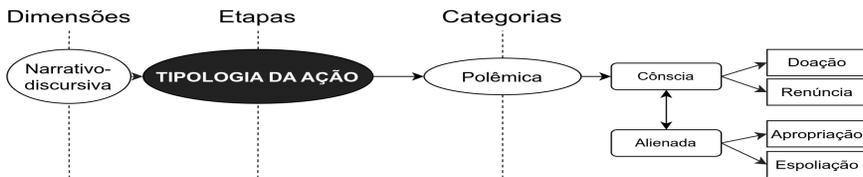
- Fulane, S1, recebeu um prêmio, do qual foi destituído por um recurso de Beltrane, S2. S1, que estava em conjunção com o prêmio, fica sem ele (disjunção). Trata-se de um processo de privação por **espoliação**.

*Figura 57: Transformação de estado: privação por **Espoliação**.*



d) Polêmica na árvore

Figura 58: Imagem do ramo do Interníveis relativo à dimensão narrativo-discursiva, cuja única ramificação é a tipologia da ação.



Fonte: a Autora.

Na Árvore de Categorias de Análise Semiótica, em virtude do tipo de ação e do sincretismo de papéis terem sido analisados em etapas anteriores, dos Níveis Narrativo e Discursivo, a Etapa de Tipologia da Ação aparece com duas categorias fechadas excludentes entre si (Figura 58), no que difere das outras etapas em que as categorias não excluem umas às outras. Aqui, a análise deverá dizer qual das duas tipologias aparece no trecho e, desta categoria, qual a resposta entre duas possíveis:

- Interníveis
 - Dimensão Narrativo-Discursiva
 - Etapa da Tipologia da ação
 - Polêmica Alienada
 - a) espoliação

- b) apropriação
- Polêmica Cônica
- a) doação
- b) renúncia

6.2. Paixões - Interníveis: todos

“A paixão, em cujo palco atores de uma mesma sociedade defendem quadros de valores culturais com diferentes moralizações dos dispositivos modais e aspectuais, é um efeito de sentido construído na linguagem”. (Matte, 2014, p. 91)

a) Dimensão Passional

A análise das Paixões em Semiótica não possui ainda uma metodologia estrita, não apenas por ser um estudo relativamente recente³⁶, mas também por sua complexidade, já que as paixões são efeito de diferentes combinações intra e inter níveis, ora simultâneas, ora em sequência. O que está em andamento são estudos diversos que buscam basear a

36 A versão original do livro que a fundou, *Semiótica das Paixões*, data de 1991. Estamos utilizando como referência a versão traduzida para o Português (Greimas; Fontanille, 1993).

abordagem das paixões nos pressupostos teóricos da teoria semiótica, da semiótica linguística à filosofia meleau-pontiana.

Por esse motivo, neste manual estou propondo um percurso de análise que nada mais é do que apenas mais uma sugestão, calcada em outras e trazendo suas próprias novidades, sem ser exaustiva nem fechada e, tampouco, um modelo.

Deixar as Paixões para o final, claro, foi uma forma de ganhar tempo para a escrita, mas também não poderia ser de outra forma, já que a análise das Paixões... deixemos falar seus autores:

“As paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares; ele exala como que um cheiro confuso, difícil de determinar. A interpretação que a Semiótica reteve é que esse perfume específico emana da *organização discursiva da(s) estrutura(s) modais*. Passando de uma metáfora à outra, poder-se-ia dizer que esse efeito de sentido provém de certo arranjo molecular: não sendo propriedade de nenhuma molécula em particular, ele *resulta de sua disposição do todo*. Uma primeira constatação impõe-se: *a sensibilização passional do discurso e sua modalização narrativa são co-ocorrentes*, não se compreendem uma sem a outra, e, no entanto, são autônomas, submissas provavelmente, ao menos em parte, a lógicas

diferentes.” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 21) (grifos da autora)

A leitura da Epistemologia das Paixões, nome do capítulo iniciado pela citação acima, é extremamente reveladora e muito importante: todo semioticista deveria, em algum momento de sua carreira, debruçar-se sobre ela e refletir sobre a práxis semiótica, baseando-se nas ideias ousadas dos autores, das quais provém, como um exemplo relevante, a Semiótica Tensiva, uma “primeira projeção do mundo enquanto tensividade fórica” levando-nos a “tentar reduzir esse hiato entre o *conhecer* e o *sentir*” (Greimas; Fontanille, 1993, pp. 21-22).

É importante notar que esse capítulo não deve ser o ponto de partida para o estudante de semiótica: fizemos questão de citá-lo por sua relevância e para deixar guardada na memória do estudante a necessidade de, um dia, voltar a ele. Se quiser estudar o livro, comece pelo capítulo 2, *A propósito da Avareza*, siga até o final e, então, volte ao início, para chegar às reflexões epistemológicas, a fim de adquirir o conhecimento necessário para compreendê-las. Antes disso, vale a pena fazer outros estudos, como o artigo de Barros (1990) *Paixões e Apaixonados* e a análise de Saudosa Maloca (TATIT, 2001), especialmente as páginas 33-36, entre vários outros.

Paixão, como veremos, também é um efeito de sentido dependente do ponto de vista de um observador interno ao texto (Discini, 2010, p.7). Trata-se, no entanto, de um observador que difere conceitualmente do observador da Aspectualização pois, enquanto este pode ser considerado apenas como uma referência, deixando para outras instâncias analíticas sua eventual participação ativa no discurso, aquele, o observador que atua nas paixões, de fato atua: é ele quem determina se é e qual é a paixão em curso no texto. Por outro lado, há uma relação entre as paixões e a própria aspectualização do ator, como nos conta, ainda Discini, com foco na tensividade:

A noção de observador como sujeito afetado diante do mundo pode respaldar investigações sobre a aspectualização do ator, visto como presença sensível. (Discini, 2010, p. 7)

No próximo tópico, a importância para as paixões dessa “presença sensível” citada por Discini pode ser explicada por Greimas e Fontanille (1993, p. 155-156), na conceituação da emoção como parte do esquema gerativo das paixões, por eles chamado de esquema patêmico.

b) Emoção e Paixão

Nossa incursão pelas paixões teve como contexto um estudo interdisciplinar entre semiótica e fonética acústica, o qual visava buscar parâmetros semióticos para a análise da inicialmente chamada de emoção na voz (Matte, 2002).

Estudos interdisciplinares comumente esbarram no problema do uso de termos cujo sentido em cada teoria é diferente, e neste não foi diferente. Palavras como “tempo” e “emoção” possuem significados até mesmo incompatíveis nessa interface teórica. Para evitar problemas, assumimos que a Semiótica trabalharia com a temporalidade, para não confundir com duração de segmento, andamento e velocidade de fala, da Fonética Acústica. Quanto às emoções, fomos buscar no supracitado Semiótica das Paixões (Greimas; Fontanille, 1993) um conceito semioticamente coerente.

O que encontramos foi a descrição de um “desenho”, que os autores humildemente chamaram de “esboço” e ao qual trataram como uma sequência, sendo importante destacar que, de fato, só tem sentido como sequência gerativa, não como sequência cronológica.

Chamaram a isso de *esquema patêmico* (Greimas; Fontanille, 1993, p. 155-156).

Acontece que esse esquema é revolucionário, do nosso ponto de vista, mexe com inúmeras noções do senso comum, que transitam no escopo teórico da Semiótica por sua nomenclatura ambígua. A primeira noção estratégica, que nos era, então, particularmente essencial à pesquisa de doutorado (Matte, 2002), é a de que *emoção* e *paixão* não são a mesma coisa. Emoção é, nas palavras dos autores, “manifestação patêmica, (...) cuja aparição no discurso assinala que a junção tímica está cumprida, dando a palavra ao corpo próprio” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 155). Já a paixão no discurso é um “encadeamento de atos patêmicos”, o qual interfere no “discurso de acolhida - a vida enquanto tal, de alguma forma - e perturbá-lo ou infletir-lo” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 50).

A Paixão é, portanto, discursiva, manifestada por meio de programas e encadeamentos, enquanto a emoção é a irrupção “do somático na superfície do discurso”, uma *perturbação perceptível*, o comportamento observável, de cuja moralização resulta a nomeação da paixão pelo

observador-moralizador (Greimas; Fontanille, 1993, pp. 154-156).

Enquanto a Paixão é um percurso, a Emoção é o conjunto de rupturas aos padrões observáveis, o qual chama a atenção do observador por sua não conformidade com o padrão cultural e socialmente aceito. Assim, o que se percebe na fala, nosso exemplo, não é a paixão, mas os distúrbios frente a padrões esperados (como duração intrínseca de segmentos da língua e velocidade de fala) que deixam entrever, pela estranheza aos padrões, a constituição semiótica do sujeito apaixonado, enfim, a emoção.

O padrão que serve de referência aos distúrbios que compõem a emoção podem tanto acontecer no Plano do Conteúdo quanto no Plano da Expressão, sendo importante essa segunda relação para análises interdisciplinares com estudos sobre o sinal, no Plano da Expressão e da textualização. Esses distúrbios podem não significar nada se aparecerem num outro quadro sócio-cultural em que os padrões os englobam. E somente darão ao sujeito o estatuto de apaixonado caso sobre este comportamento percebido seja

moralizado como anormal por um sujeito-moralizador, sujeito esse que pode ser textualizado de muitas formas diferentes, por exemplo, como a própria sociedade.

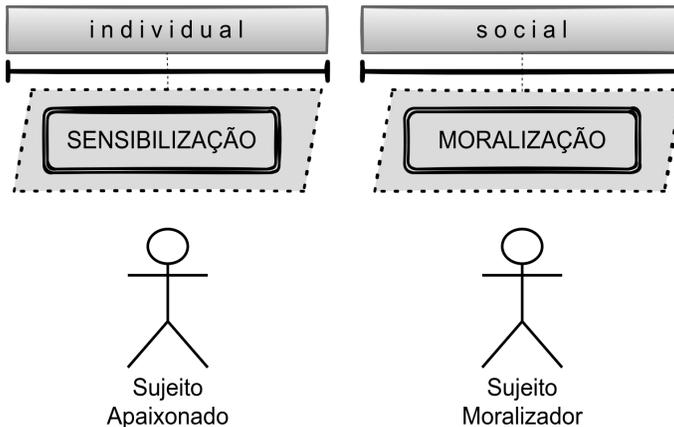
c) Esquema Patêmico

A concepção de Greimas e Fontanille (1993) para o esquema patêmico, conforme nossos estudos, é um processo gerativo da paixão. Por outro lado, as paixões podem estar conectadas a uma cadeia de paixões, chamadas de paixões complexas (Barros, 1990), que formam uma sequência, esta sim cronológica.

O esquema gerativo das Paixões envolve duas instâncias: a Individual, interoceptiva, geradora, pela Sensibilização, do Sujeito Apaixonado, e a Social, exteroceptiva, um julgamento do Sujeito Moralizador sobre o Apaixonado, via Moralização (Figura 59).

Em suma: *paixão é uma emoção que, percebida socialmente, foi moralizada, recebendo um nome.*

Figura 59: O Sujeito Apaixonado e seu processo de Sensibilização pertencem à instância Individual, enquanto o Sujeito Moralizador e o seu processo de Moralização pertencem à Instância Social.



Fonte: a autora

Ao explicar o Esquema Patêmico, os autores partem do que chamam de fim da sequência, a *Moralização*, um processo de julgamento de um sujeito social sobre o comportamento perceptível do Sujeito Apaixonado, comportamento este, como vimos, chamado de Emoção. Os elos são, portanto calcados em pressupostos: o que a moralização pressupõe? E assim por diante. No entanto, antes de chegar a este tópico sobre o esquema, os autores Greimas e Fontanille discutem os elementos constitutivos do Esquema

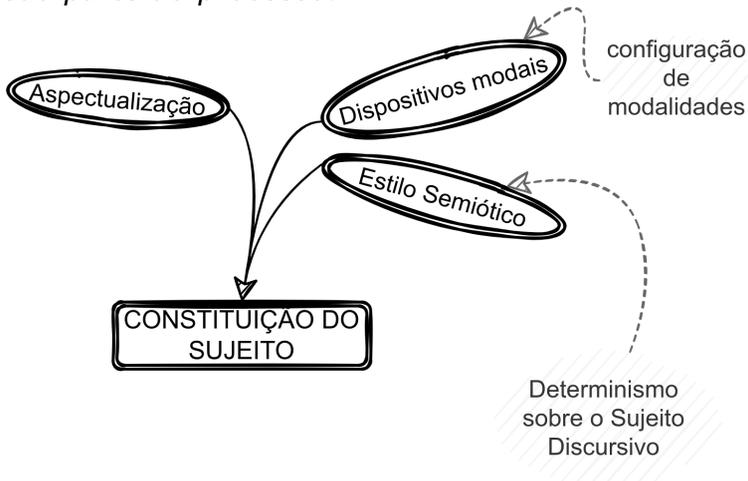
Patêmico partindo do Sujeito Discursivo, e é assim que faremos aqui.

O sujeito, em Semiótica, não carece de paixão para ser sujeito. Assim, explicam os autores, o que gera o Sujeito Apaixonado são as determinações e a atuação de elementos que afetam o Sujeito Discursivo, tirando-o do caminho esperado no jogo de pressuposições da Teoria. Basicamente, a Semiótica começou elaborando as relações e definições cujo conjunto formam uma estrutura esperada, uma estrutura padrão, e, com as Paixões, passou a analisar o que sai do padrão, já que nenhum padrão na Semiótica é uma camisa de força.

A Constituição do Sujeito Apaixonado (Figura 60) é dada sobre o Sujeito Discursivo por:

- Dispositivos Modais que o afetam;
- Aspectualização que modula seu fazer;
- Estilo Semiótico, que é um determinismo acerca do Sujeito Apaixonado, advindo de condições pressupostas.

Figura 60: Na constituição do sujeito, além da aspectualização, modalidades e estilo semiótico são parte do processo.



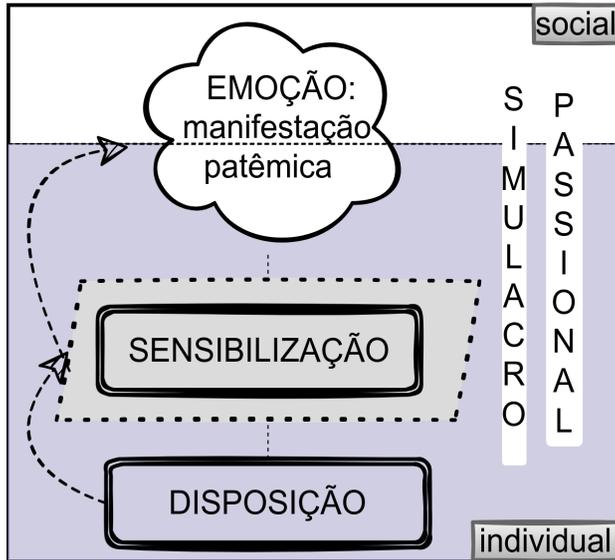
Fonte: a autora.

O estilo semiótico foi assim definido pelos autores:

“(…) no nível do discurso, uma determinação do sujeito discursivo anterior a toda competência e a toda disposição: um determinismo – social, psicológico, hereditário, metafísico, seja qual for – preside então à instauração do sujeito apaixonado.” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 155)

Observe que o trecho citado acima traz figuras do Discursivo para instaurar um actante do Narrativo no âmbito da constituição do Sujeito.

Figura 61: Parte do esquema patêmico, começando com a disposição, que já subsume o Sujeito Apaixonado, passando pela sensibilização até emergir entre o individual e o social como emoção, perceptível socialmente.



Fonte: a autora.

O Simulacro Passional é resultado da projeção do Sujeito sobre sua própria trajetória existencial e sua disposição modal (Figura 61).

Como resultado da *sensibilização*, sua disposição, formada por seu estilo semiótico, da aspectualização e de seu modo de fazer, emerge na instância social, com a irrupção corporal da emoção, a qual, como vimos, é uma perturbação corporal perceptível: “é exatamente

nesse momento preciso do percurso passional que o Sujeito que sente lembra que tem um corpo” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 155), num processo de propriocepção.

Enquanto a emoção não for perceptível ao outro, ela existe para o Sujeito, que não vai tratá-la como paixão, exceto se assumir o papel de moralizador social de si mesmo, como crítico das perturbações e sincretizando, assim os dois papéis.

A paixão só será paixão se for julgada como tal, antes disso é um modo de ser e fazer. Então podemos tomar a Figura 62 como uma elaboração visual do esboço patêmico de Greimas e Fontanille (1993).

Em outras palavras, só será paixão se houver moralização e, antes disso, além de modo de ser e fazer, geralmente não irá além de indicações aspectuais sobre esse modo.

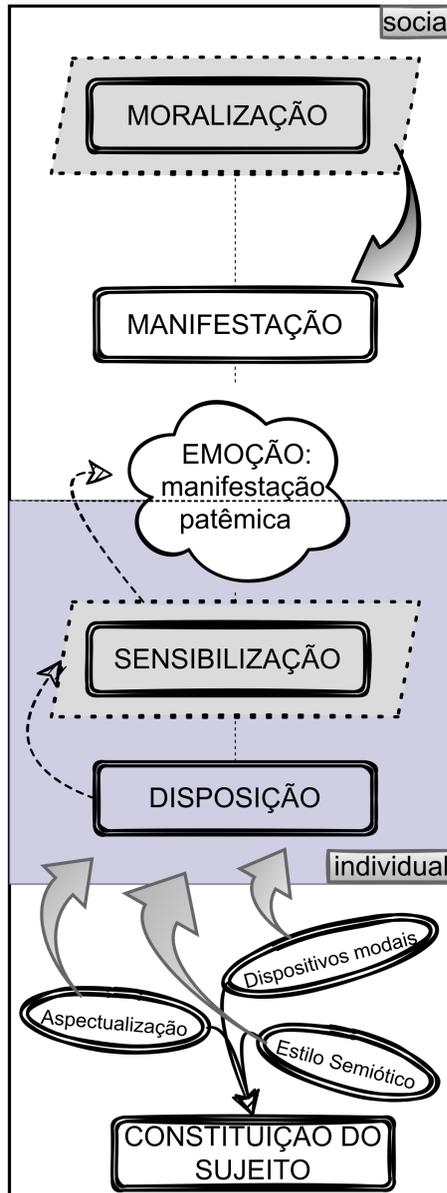
Devemos considerar que o grau de abstração do esquema que, por um lado, permite sua aplicação em inúmeras paixões mas, por outro lado, torna mais complicada sua compreensão pelos iniciantes, de modo que os próximos tópicos vão focar as categorias de

análise das paixões para aproximar a teoria de sua aplicação.

Importante observar que a moralização não considera totalmente o sujeito constituído passionalmente, mas somente o que nele foi manifestado.

O desenho do esquema patêmico (Figura 62) busca mostrar que, para o Sujeito, sua passionalização vem de sua própria constituição e leva, por meio da emoção, à manifestação daquilo que poderá, por fugir aos padrões socialmente esperados, ser moralizado como determinada paixão.

Figura 62: Esquema patêmico.



Fonte: a autora.

d) Narrativização e Discursivização

Na Árvore das Categorias de Análise Semiótica, a Dimensão Passional foi subdividida em duas etapas:

- A *Narrativização*, que traz de volta à cena as categorias narrativas relativas às modalidades, que recebem, então, um olhar diferenciado, de modo que nos permitirão, inclusive, analisar o modo de presença e, diretamente das modalidades, o efeito passional.
- A *Discursivização*, que busca nos elementos discursivos indicações para as categorias sujeito em estado de espera, imagem-fim, estado de alma, sujeito moralizador e emoção.

e) Categorias da Narrativização

Constituem o ramo da etapa de Narrativização da Dimensão Passional as categorias:

- *Tipo*: trata-se do tipo de paixão conforme sejam *simples* (uma única paixão: “gosto de você”) ou complexas (uma sequência de paixões: “estou

satisfeito com você” (esperei algo de você, confiei que faria e você fez) (Cf. Barros, 1990).

- *Modo de Presença*: organização dos processos de negação e implicação (Quadrado Semiótico) da Modalização do Sujeito em torno de sua relação com o Objeto (Tatit, 2001, p. 58).
- *Modalidade*: compreende as modalidades do ser e do fazer, a característica modal do Sujeito, o efeito modal decorrente das operações entre as modalidades do ser e do fazer e o efeito passional propriamente dito, relativo ao estado do ser no que diz respeito à Espera.

f) Sujeitos apaixonados, tipos de paixões

Falar em paixão, na semiótica, não se restringe ao campo do fascínio pela pessoa amada; tampouco, felizmente, nos dicionários de Língua Portuguesa. Mesmo assim, quando falamos em paixão, falamos de sujeitos imersos numa cultura, aos quais se infligiram afetos, dotados de diferentes graus e tipos de confiança

no outro. Também na Semiótica trata-se de uma relação entre sujeitos, e a Dimensão Cognitiva do Nível Narrativo dedica-se justamente a esse tipo de relação, de forma abstrata e lógica.

Na etapa de Manipulação, o contrato só será fechado se o Destinatário *acreditar* (confiar) que o Destinador detém um dado saber ou poder. O que acontecerá se, após fechar o contrato e cumpri-lo, o Destinatário descobrir que era mentira, que o Destinador não *pode* recompensá-lo ou não acreditava no quadro de valores em que seu *saber* era negativo ou positivo? Se espiarmos o que foi dito sobre a categoria Sanção da sanção (tópico 3.4. a) à página 111), veremos que se trata de uma categoria aberta: ela só será terminativa se a Sanção da Sanção for positiva, do tipo “viveram felizes para sempre”, ou seja, nada mais há que nos possa interessar. Deveríamos, então, tratar a Sanção da Sanção negativa como incoativa? Não necessariamente.

É o texto quem vai nos dar essa indicação do que há nessa categoria aberta. Decepção? Pode ser, inclusive poderia ser o elemento incoativo para uma revolta, num

percurso em que, saindo da paixão da decepção, passa pela paixão da aflição (da manutenção da falta que, enquanto o contrato parecia que seria cumprido, era espera, certeza de conjunção), em seguida pela paixão do desespero (por não encontrar uma solução razoável) e chega finalmente na paixão da revolta: uma paixão complexa, cuja sequência combina duas ou mais paixões simples (pois não se baseiam em percursos) e que, em muitos textos, é a grande motivadora da ação. Podemos chegar, em percurso semelhante, a uma vingança, outra paixão complexa, em que S1 revolta-se contra S2, que frustrou-o, ao não lhe propiciar o objeto desejado. A diferença básica é que a vingança é interpessoal, enquanto a revolta é social.

A verdadeira resposta às análises sempre está no texto. Mas, a essa altura, não estamos despreparados para isso: podemos lançar mão de muitos recursos semióticos obtidos durante o trabalho com o texto em etapas anteriores (considerando-se a sequência aqui proposta, no tópico 2.6, fique claro), o que auxilia grandemente a análise da paixão em jogo em determinado texto. E é bom esclarecer também que, como qualquer outro elemento semiótico de construção

do sentido, a paixão vai aparecer muito mais em um texto do que em outro, podendo ser até irrelevante sua análise em alguns casos.

g) Espera

Ser ou não ser, ter ou não ter, heis a questão. A imagem-fim que o Sujeito idealiza para si mesmo, numa real ou possível posição de Sujeito Realizado, cria uma expectativa de realização, conforme a modalidade em jogo. O Sujeito não existe se não houver objeto, mas isso não significa que o objeto não possa ser, ele mesmo, potencial, virtual, atual ou real. O modo de existência do Sujeito é sempre passional se considerarmos que ele não existe sem uma crença, seja sobre si, seja sobre o Objeto, seja sobre outro Sujeito. A modalidade do /crer/ cria o Sujeito, pois é a responsável por sua potencialização como Sujeito da Narrativa através de uma perda. Esse valor negativo, esse diferencial de tensão do Sujeito em relação a algo é que o cria, e poucos textos dedicam-se a explorar a potencialidade desse evento, que muitas vezes sequer é textualizado, provavelmente porque Sujeito,

Destinador e Destinatário – e Enunciador e Enunciatário – só aparecem se esta condição estiver presente. Não deixa de ser, no entanto, uma seara de grandes possibilidades textuais e analíticas.

A espera é fundamental para a compreensão da Paixão. Além de criar o Sujeito, ela cria uma meta, um alvo, um porvir no qual o Sujeito acredita, criando uma expectativa positiva sobre um percurso que mal começa a delinear-se quando ele é criado, mas que já pode ser previsto pelos quadrados do Modo de Existência (Figura 63, p. 275) e do Modo de Presença (Figura 64, p. 278).

h) Paixão e modalidades

As combinações de modalidades compatíveis, no Nível Narrativo, correspondem ao valor modal e revelam tendências passionais, pois informam aspectos da Disposição do Sujeito. Combinadas com o /ser/, revelam Estados de Coisas, os quais, por sua vez, subsumem Estados de Alma.

As modalidades, das quais já tratamos, no tópico sobre manipulação, compõem o conjunto $A = \{\text{querer; dever; saber; poder; crer}\}$. Os Estados de Alma (relações passionais) resultam das relações entre o conjunto A e o /ser/. A partir disso, podemos elencar 10 modos de presença:

- /crer-ser/ e /crer-não-ser/: *certeza*,
- /saber-ser/ e /saber-não-ser/: *convicção*,
- /não-crer-não-ser/ e /não-crer-ser/: *ceticismo*,
- /não-saber-ser/ e /não-saber-não-ser/: *dubiedade*,
- /dever-ser/ e /dever-não-ser/: *necessidade*,
- /não-dever-não-ser/ e /não-dever-ser/ correspondem a *prescindibilidade*,
- /querer-ser/ e /querer-não-ser/: *vontade*,
- /não-querer-não-ser/ e /não-querer-ser/: *abnegação*,
- /poder-ser/ e /poder-não-ser/: *possibilidade*,
- /não-poder-não-ser/ e /não-poder-ser/ correspondem a *impedimento*.

Quadro 18: As 7 modalidades narrativas.

	Modalidade	Característica	Efeito sobre o Sujeito	Efeito passional
1	Ser	Endotática	Realizante	Dissipa a espera
2	Querer	Endotática	Virtualizante	Cria a espera
3	Dever	Exotática	Virtualizante	Cria a espera
4	Crer	Exotática/Endotática	Potencializante	Cria o Sujeito
5	Saber	Endotática	Atualizante	Intensifica a espera
6	Poder	Exotática	Atualizante	Intensifica a espera
7	Fazer	Exotática	Realizante	Dissipa a espera

Elaboração Própria.

O quadro do Quadro 18 apresenta as sete modalidades, suas características e seus efeitos relevantes para este momento da análise das paixões e mapeando, ao alternar os fundos branco e cinza, uma divisão das modalidades conforme o efeito que causam no sujeito, com operações das quais resultam o quadrado semiótico da Figura 63 (página 275). É possível, então, observar que o efeito passional está intimamente ligado ao efeito sobre o sujeito e que é a característica endotática ou exotática que diferencia as modalidades com efeitos semelhantes.

O Efeito sobre o sujeito é o responsável pelo agrupamento e dele depende o Efeito passional, visto tratarem do mesmo processo, sob pontos de vista diferentes: o da modalização do sujeito para o fazer e o do estado passional do sujeito em relação à imagem-fim.

A coluna “característica” refere-se a uma aspectualização da pessoa, por assim dizer, já que não é uma aspectualização estrito senso, pois reside no Nível Narrativo: as modalidades são Objetos modais, objetos que afetam o sujeito habilitando a Ação, e essa característica define se é um movimento interoceptivo ou exteroceptivo:

- São *exotáticas* as modalidades que se voltam para fora de si, do sujeito com o outro. Assim, *dever* é um compromisso com outrém, *poder* é uma capacidade exterior, *fazer* é uma transformação externa e o *crer* é exotático se a crença estiver no outro.
- São *endotáticas* as modalidades que se voltam para dentro, do sujeito consigo. Assim, *querer* é um compromisso com seus próprios desejos,

saber é dado pela perícia, prática e vivência do próprio sujeito, *ser* é resultado de uma transformação interna ao sujeito e o *crer* é endotático quando a crença reside em si mesmo.

A análise deve auxiliar na observação de sentenças dedicadas a essas modalidades, evidentemente não textualizadas em todas, mas apenas em parte das sentenças de um texto. Quando o analista escolhe, por exemplo, o *saber*, estão dadas as subcategorias “característica_modal”, “efeito_no_sujeito” e “efeito_passional”.

i) Categorias da Discursivização

Recorre-se ao Discursivo para trabalhar:

- Excedente passional: amplia a observação dos elementos narrativos por meio da análise do Discursivo, mais especificamente a aspectualização.
- Atores apaixonado e moralizador: o ator apaixonado é aquele que ocupa o papel de S1, na dimensão Pragmática da Narrativa, e, na

Cognitiva, o papel de Destinatário-julgado, enquanto o ator moralizador é o que ocupa, na dimensão Cognitiva da Narrativa, o papel de Destinador-Julgador. É por esse motivo que o sincretismo de papéis não altera essa relação: o ator moralizador pode julgar seu próprio modo de agir, sendo, assim, tanto julgador quanto julgado.

j) Excedente Passional: aspectualização

Um dos subtópicos desenvolvidos no capítulo I do Semiótica das Paixões (Greimas; Fontanille, 1993, p. 62-63) é aquele em que o ponto de vista modal para o estudo das Paixões é questionado: segundo os autores, sozinho ele não explica o fenômeno passional:

“(...) tudo se passa como se, nesse caso, o excedente modal permitisse prever a aparição concomitante do querer e do poder e garantisse de algum modo a passagem ao ato.

A configuração passional compreenderia, na medida em que a observação que precede é generalizável, um princípio regente, parcialmente independente das modalizações propriamente ditas, e em particular das modalizações do fazer. Esse princípio, ao menos no

exemplo escolhido, manifestar-se-ia sob a forma de aspectualização e remeteria, no nível das modulações tensivas, a um “estilo semiótico” específico. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 62-63)

Após aprofundar o debate a respeito dessas suas próprias afirmações, os autores assumem que a *disposição* do sujeito apaixonado é composta de seu estilo semiótico, da programação discursiva e da aspectualização.

Podemos afirmar que a aspectualização, em especial a de pessoa, é indicativa do conjunto de elementos que constroem o efeito passional no texto, pois ela traz uma continuidade inerente ao Nível Fundamental, quando apela à tensividade, a qual ainda não chega a seu estado atual, mas apresenta as bases históricas de sua formulação, sendo então denominada pelos autores de tensividade fórica.

Durante muitos anos a foria foi tratada como um elemento descontínuo, visto ser trabalhado conforme a dinâmica do Quadrado Semiótico. Todas as categorias de análise standard podem ser analisadas dessa forma discreta, descontínua, exceto a aspectualização. As propostas descontínuas são o ponto de partida e

abrangem diversos aspectos da análise das paixões, como discutido a seguir.

k) Imagem-fim

A Imagem-fim é uma projeção do actante no Nível Narrativo que corresponde, no quadrado semiótico dos modos de existência do sujeito, à posição de sujeito Realizado, indicando um sujeito em estado de espera. Trata-se de uma aplicação da modalidade do crer-ser: esperamos o que julgamos que será alcançado.

No entanto, apesar de acionar o Nível Narrativo, é no Discursivo que ela ganha vida, interesse e importância para a análise das paixões.

Sabemos que o Narrativo é baseado em pressupostos e pressuponentes, de modo que todos os elementos sustentam o texto independentemente de estarem textualizados ou não. Se todos os textos possuem essa mesma estrutura, que funciona como uma coluna vertebral na construção do sentido (Cf. Matte, 2004), a simples constatação de que, sem a Narrativa, o texto desaba sem sentido sobre si mesmo, não traz nenhuma

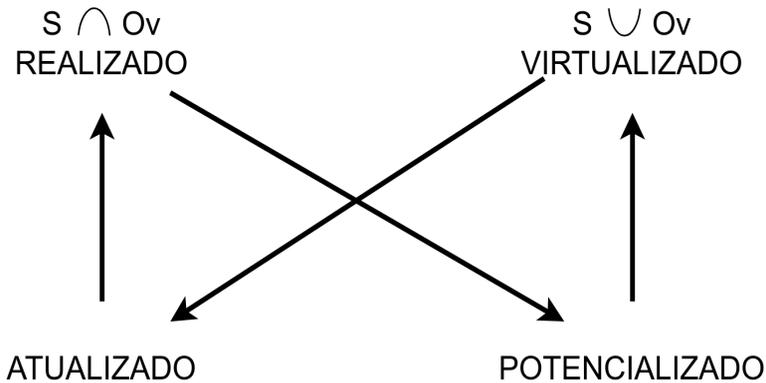
novidade para a análise, inclusive no que tange às paixões.

A rigor, toda Ação, no Nível Narrativo, possui uma imagem-fim, o resultado de um fazer que leva à conjunção com um objeto, ou o resultado de uma transformação do próprio ser do Sujeito. Assim, a imagem-fim é a antevisão da realização, aquela imagem desejada para si que o coloca em estado de espera, desde que confie que vai chegar lá. Por exemplo, um sujeito que consegue se atualizar, mudando, portanto, o estado de disjunção com o objeto para não-disjunção, poderia parar aí sem nenhum problema, se fosse somente uma questão de modalização para uma transformação de estado. Mas ele espera a realização.

Ele confia que vá se concretizar. Parar antes da conjunção, então, certamente causará mudança no seu estado de alma (estado passional). Ou seja, a análise exclusiva do Nível Narrativo não necessita trabalhar com a noção de imagem-fim, mas para o estudo das paixões essa noção é essencial. Além disso, para compreensão da paixão é necessário que a posição da

imagem-fim seja recoberta por uma figura (ou mesmo tema) do Nível Narrativo.

Figura 63: Quadrado dos modos de existência do Sujeito.



Elaboração Própria.

Esse perfume do qual falavam Greimas e Fontanille (1993, p. 21) é o que dá ao esquema de cada Nível do Percorso Gerativo do Sentido a energia para que eles se transformem em processos. É ele que faz com que, no *Quadrado Semiótico dos Modos de Existência do Sujeito* (Figura 63), possamos ver para onde converge e de onde diverge cada posição. Esta figura representa a

classificação do Sujeito, em forma de Quadrado Semiótico, baseada na sua relação com o Objeto-valor.

A posição de repouso nesse quadrado é a posição de Sujeito *Realizado*: este Sujeito está em conjunção com o objeto-valor desejado, não há, pelo menos não nos elementos abarcado por esse quadrado, motivo algum para que se desenrole a Ação. Na língua coloquial e mesmo em ciências físicas, tomamos posições como essa, de repouso, como posições de estabilidade. No entanto, a Língua é um universo à parte, especialmente em se tratando da construção do sentido, que nada tem de físico. A estabilidade se encontra em qualquer uma das posições contrárias, ou seja, tendo esse mesmo quadrado como exemplo, tanto na posição *Realizado* quanto na posição *Virtualizado* há uma tendência à estabilização, pois são os extremos do eixo semântico, os termos que não trazem traços do oposto e que, portanto, não se misturam, a não ser numa condição, em geral fictícia, de sujeito complexo, o qual, assim como na Figura 63, não aparece na maioria dos quadrados semióticos que a Língua nos permite e os textos que analisamos nos levam a montar.

Luiz Tatit (2010, p. 58), à luz da Semiótica Tensiva, mais especificamente com foco nos modos de presença e, por isso mesmo, focado nas relações antes que nos actantes, propõe para as posições os seguintes termos:

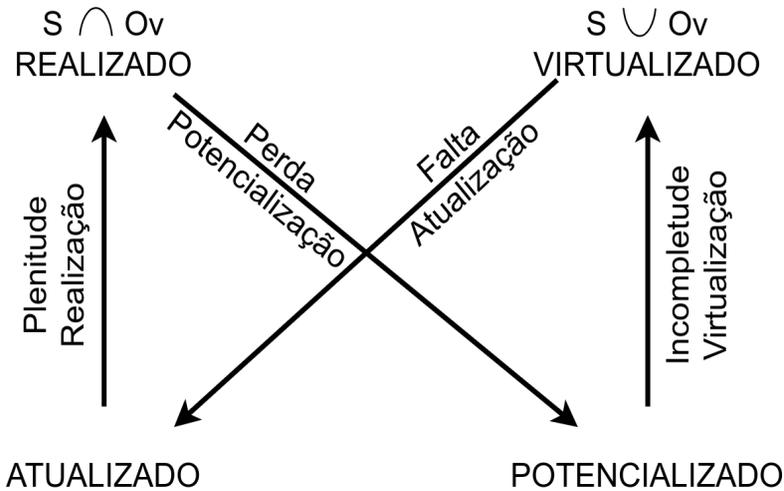
- Realização → Plenitude;
- Potencialização → Perda;
- Virtualização → Incompletude;
- Atualização → Falta.

Há, porém, uma diferença importante entre esses dois quadrados: este, das relações, proposto por Tatit, e o anterior (Figura 63), dos actantes, mais especificamente do Sujeito: a potencialização é o que cria o Sujeito Potencializado, e assim sucessivamente (Figura 64). A importância de perceber essa diferença é que a criação do Sujeito Realizado se dá pela Plenitude (realização) (Figura 64), o que não significa que isso vá, como esperado, satisfazer o Sujeito. Dizendo de outra forma: o Sujeito Atualizado é resultado da busca motivada pela falta, já que é a falta que motiva a atualização do sujeito; do mesmo modo, não há Sujeito Virtualizado sem que a Incompletude transforme o

Sujeito Potencializado (percebedor da falta) em um Sujeito que quer ou deve alçar determinada conjunção.

OBS: É notável que, com essa distinção, a continuidade adentra no quadrado, um sistema descontínuo, destacando os processos no lugar das posições dentro do seu esquema.

Figura 64: Quadrado dos Modos de Presença (TATII, 2010) embutido no Quadrado dos Modos de Existência do Sujeito.



Elaboração Própria.

Considerando-se esta lógica, voltamos à afirmação já textualizada acima: o Sujeito Realizado não tem motivos para mudar esse status, não tem razão para lançar-se longe do seu estado de conjunção em direção

a uma disjunção indesejada. Por que seria ele o ponto inicial da Narrativa? Na verdade, não é.

A potencialização do Sujeito independe de seu estado de coisa (relação com o objeto-valor), mas depende de um estado de alma (relação com sua própria imagem-fim). O Sujeito realizado só permanece realizado se a imagem-fim, definida como sua meta, for condizente com a sua situação em relação ao objeto. Por exemplo: a Rainha sempre foi bonita, linda e elogiada diariamente pelo espelho mágico, mas sua imagem-fim era marcada pela exclusividade, de modo que nenhum tipo de competição era aceitável; ou seja, o que motivou sua ira contra Branca de Neve não foi a perda do Objeto^{valor} beleza, já que a Rainha não precisou perder sua beleza para que Branca de Neve fosse bonita; o motivo de sua ira foi, de fato, a ameaça de perda de exclusividade em relação à sua imagem-fim, que permitia uma - e apenas uma - mulher com esse status, conferido então à Branca de Neve pelo espelho pela primeira vez em toda a vida da Rainha (Lara; Matte,2009)³⁷.

37 Uma análise de diversas configurações narrativas em Branca de Neve pode ser encontrada em Lara e Matte (2009), referência dessa alusão à personagem.

A imagem-fim é responsável por acontecimentos como este do exemplo, mas sua principal função é criar uma expectativa sobre o estado visado do Sujeito, um estado de espera confiante, ou simplesmente espera. Podemos, na história mesma da Branca de Neve e da Rainha, notar que a Rainha não precisava repetir a pergunta ao espelho, já que a resposta era sempre a mesma. No entanto, ela vivia em função de sua imagem-fim, ser a mulher mais linda do mundo (ou do reino, em algumas versões), o que é um estado de alma, não um estado de coisas. Sua imagem-fim não é o objeto, tal como a beleza não era o problema, dado a Rainha parecer segura quanto à sua própria aparência. Nenhuma das versões por nós conhecida dessa história relata que a Rainha teria ficado feia, todas focam o fato de que Branca de Neve cresceu e se transformou numa linda mulher (Lara; Matte, 2009). A Rainha passa por uma *potencialização* e *virtualização* abruptas quando o espelho revela que sua imagem-fim está ameaçada, a exclusividade foi perdida, e a posição de mais linda já não é dela³⁸.

38 Resultados secundários das análises das Brancas de Neve publicadas em Matte, 2004.

Assim, notamos que a posição de *Sujeito Realizado* é marcada pelo desejo de permanência, tal como a posição de *Sujeito Virtualizado*, seu oposto, é marcada pelo desejo de transformação, daí a sensação de um ser mais estável do que o outro. No entanto, quando o assunto é linguagem, a única estabilidade efetivamente possível é aquela em que não há sujeitos nem objetos, o idílio neutro da completude, no qual o sujeito e o objeto estão de tal forma amalgamados que deixam de existir, pois deixam de fazer sentido. Então o que podemos afirmar é que os contrários são mais estáveis do que os subcontrários, pois a passagem de um contrário para um subcontrário (sua negação) é um salto, enquanto a passagem de um subcontrário para o contrário oposto (implicação) é um deslize, um pouso.

Note que pode ser revelador voltar às análises das modalidades, que foram o ponto de partida do estudo das paixões, para compreender melhor essas forças (p. 266).

1) exemplo

Podemos pensar numa paixão simples:

texto a: “Elenara adora caqui de chocolate. Esta semana ela começou a pensar nisso o dia todo, pois sabe que começou a estação de caquis. Então ela economizou o dinheiro da passagem, indo a pé ao trabalho a semana toda, só para poder comer muitos caquis no fim de semana.”

O percurso é único: Elenara quer caqui, tem o saber (estação de caquis) e o poder (dinheiro) para alcançar sua imagem-fim, que é entrar em conjunção (comer) com o objeto descritivo (caqui de chocolate). Durante todo esse trecho, Elenara está em estado de espera: sua imagem-fim determina suas ações (o percurso de uso de ir a pé ao trabalho para economizar o dinheiro da passagem), sua modalização (juntar o dinheiro) e, acima de tudo, sua expectativa de satisfação no final do percurso de base, que é comer caqui de chocolate.

O texto poderia continuar assim:

texto b: “No sábado, Elenara saiu cedo para o supermercado, escolheu os melhores caquis disponíveis e voltou para casa feliz da vida, certa de que iria realizar seu desejo.”

O *texto b* é uma continuação do estado de espera, mas completa sua atualização: Elenara quer comer caquis, sabe que é época de caquis, sabe onde encontrá-los, tem o poder de adquiri-los, compra os caquis – o que lhe confere o poder de comê-los. Esse Sujeito assim atualizado, do ponto de vista da Narrativa exclusivamente, não tem qualquer impedimento para realizar sua ação. O final provável seria algo como o *trecho c*:

texto c: “Naquele dia, Elenara nem se preocupou em fazer almoço, afinal tudo que importava era a sobremesa. Acomodou-se no quintal de casa e passou ótimos momentos saboreando os deliciosos caquis que comprara.”

O desejo é uma paixão simples. O que aconteceria se, no lugar do *texto c*, nossa história continuasse como no *texto d*?

texto d: “Mal tinha aberto o portão de casa, Elenara ouviu as palavras fatídicas: não se mexa! a sacola ou a vida! Sentindo uma ponta do que parecia ser uma faca na sua nuca, apertando, quase machucando, ela não se moveu, não disse nada, só entregou a sacola com o resto do dinheiro e todos os caquis.”

Evidentemente, naquele momento, Elenara percebeu que sua espera foi em vão: ela não comeria os caquis.

Inúmeros desfechos são possíveis a partir dessa ruptura, e evidentemente não temos espaço aqui para elas. Parece-nos, no entanto, que é suficiente mostrar a ruptura, para que o leitor perceba que a quebra da expectativa relativa a uma imagem-fim intensifica sobremaneira o modo de presença do Sujeito, que cai para uma posição anterior: se ele estava atualizado, torna-se um sujeito virtualizado com um querer mais presente e determinado pela consequência de que voltar a atualizar-se jamais o levará à mesma situação que se encontrava imediatamente antes da ruptura.

Essa relação intrínseca entre a imagem-fim e a espera modifica o “sabor” do percurso narrativo, conferindo-lhe aromas passionais e sobredeterminando as pressuposições e os pressupostos com uma gama maior de possibilidades que somente um exame mais cuidadoso poderá deixar entrever.

Além disso, é muito importante notar que a ruptura do percurso de uma paixão simples sempre incorre na mudança de status dessa paixão, que passa a ser parte do percurso de uma paixão complexa. Elenara poderia revoltar-se contra a falta de policiamento em seu bairro,

poderia entrar em depressão frente à frustração de seus planos, poderia até mesmo concluir que seria mais fácil plantar caquis em seu quintal e esperar para colhê-los, de modo que, para atualizar-se, passaria a pesquisar tipos de mudas que preferencialmente dessem frutos mais cedo. Em qualquer caso, até mesmo se Elenara entrasse num estado de desídia, apatia, ou melhor, indiferença, o qual a fizesse apagar de sua mente, mesmo que por um momento, o desejo pelos caquis, esse estado guardaria em si outra espera, talvez a da imagem-fim de não sofrer com esta perda, complexificando a paixão no texto.

m) Narrativização no esquema

Onde entra a Narrativização no esquema patêrmico? Elas estão no início do processo e advém da constituição do Sujeito, na configuração que define, junto com a aspectualização e o estilo semiótico, a disposição do sujeito para uma forma de ser, um jeito de agir (confira na Figura 62, à página 260).

O Sujeito Potencializado, esse actante pouco textualizado e que pode permanecer obscuro ou invisível, é a base da paixão. Ele possui as modalidades necessárias para que a paixão inicie seu percurso:

- Fidúcia: crença no outro sujeito (o /crer/ exotático);
- Imagem-fim: crença no processo (uma mistura endotática e exotática do /crer/);
- Espera: idealização do processo (o /crer/ endotático).

Desse modo, os outros três Modos de Existência do Sujeito são estágios de competência:

- Sujeito virtualizado: quer ou deve
- Sujeito atualizado: quer ou deve, pode e sabe
- Sujeito realizado: quer ou deve, pode e sabe e cumpre a performance.

A competência divide-se em competência semântica (querer *ou* dever) e competência modal (saber e poder). Assim sendo, o enunciado modal cria a estrutura para o enunciado da Ação, remetendo às

dimensões Cognitiva, especificamente a Etapa da Manipulação, e Pragmática, da Ação.

n) Discursivização no Esquema

O Nível Discursivo é requerido pelas Paixões por diferentes facetas:

- o observador é um ator do discursivo e aparece em mais de uma categoria relacionada às Paixões:
 - para a aspectualização, ele serve de referência;
 - para a emoção, ele é o percebido, aquele que atesta o afeto, ou seja, atesta a presença da perturbação indicativa da paixão, já assumindo sua atuação como sujeito moralizador;
 - para o sujeito em estado de espera e sua imagem-fim, o observador é um avaliador das adequações sociais de tal relação entre o sujeito e seu objeto, do ponto de vista social, novamente como sujeito moralizador;

- para o nome da paixão e o conseqüente estado de alma do sujeito apaixonado, o observador é o ator que institui e define sua existência discursiva, outra parte da ação do sujeito moralizador.
- a aspectualização aparece no texto construindo pistas e figuras capazes de revelar o comportamento observável do sujeito apaixonado: é apaixonado porque seu comportamento percebido pelo ator moralizador é, do ponto de vista deste último, um modo que não se enquadra nos parâmetros socialmente esperados. Durante a análise da avareza, Greimas e Fontanille (1993, p. 154), num exemplo fundador dessa característica para as Paixões, apresentam um “sobressalto” exatamente como comportamento observável. A aspectualização, portanto, traz para o discurso, no Plano do Conteúdo, o corpo que sente e, desse modo, dá vazão ao fenômeno da emoção, que é a transição entre o individual e o social nas paixões.
- o nome da paixão, que emerge graças ao papel

do ator-moralizador, especifica um campo semântico, de modo que a isotopia em jogo indica o alcance do afeto, a forma que ele privilegia, sua situação social e sua caracterização cultural. Greimas e Fontanille (1993, p. 153) destacam o papel das isotopias no sentido da produção do sentido de coerência, “aparecerá como uma deformação coerente do universo passional”, sugerindo que se tome tais deformações como uma “isotopia moral”, permitindo o “estudo do discurso moral”. O nome é resultado da moralização da emoção perceptível, e faz parte de uma das isotopias presentes no texto.

A aspectualização é muito utilizada como parâmetro para o estudo das paixões, pois faz parte das categorias de análise desde os primórdios da teoria como uma primeira baliza para a continuidade na construção de sentido.

A paixão é o percurso que decorre da emoção percebida. Assim, é importante notar que, sem o nome, não há paixão: tudo que existe como constituinte da emergência gerativa da paixão permanece no âmbito

do individual, insuspeito para a sociedade se não for percebido e julgado (moralizado).

Lara e Matte (2009, p.60] afirmam que, enquanto a emoção não for moralizada por um ator como um percurso, uma paixão com nome, a emoção “pode, no máximo, ser descrita: um tremor, um jeito, um descompasso de maior ou menor intensidade”. Desse modo, a paixão é qualitativa, enquanto a emoção é uma medida da perturbação no corpo que sente e, portanto, quantitativa.

Em outras palavras, a moralização social sobre a emoção percebida por ela no indivíduo é condição sinequanon para a configuração da paixão.

A paixão, portanto, pode ser definida como resultado de uma moralização social sobre o comportamento percebido como perturbado em relação ao padrão social em voga na sociedade que o moralizador representa.

Assim, se um texto diz que o sujeito fala com voz embargada, essa característica de sua voz, que é uma emoção descrita, é insuficiente para permitir ao enunciatário discernir a paixão em jogo. Depende do quanto o texto nos conta sobre imagens-fins e contextos culturais, constitutivos da paixão. Não é por outro motivo que frequentemente julgamos cansadas pessoas que estão tristes, e vice-versa. A falta de tônus, que caracteriza o comportamento perceptível nesses dois casos, não é suficiente para distinguir um do outro. No entanto, essa mesma falta de tônus pode distinguir, no caso da tristeza e em virtude da intensidade, uma depressão profunda de uma saudade. A emoção, portanto, vai ser usada textualmente como pista para a paixão em foco e para a quantificação da profundidade dessa mesma paixão, podendo inclusive determinar, em virtude dessa intensidade, que não se trata de uma, mas de outra paixão dentre aquelas que a narrativa e o discurso selecionam como possíveis. (Lara; Matte, 2009, p. 64)

→ *Note que “falta de tônus” é uma aspectualização de pessoa.

o) Analisando

Dada a complexidade da análise das Paixões, a recuperação de dados de outras etapas de análise nos parece essencial. Por isso a sequência de análise nesta

etapa possui uma lista de categorias já analisadas, que precisarão ser consideradas³⁹:

I. NÍVEL NARRATIVO

A. Dimensão Pragmática

i. Etapa da Ação

a) Sujeito de estado

- Estado
- Foria

b) Objeto-valor

- Tipo
- Qualidade
- Foria

B. Dimensão Cognitiva

i. Manipulação

a) Destinador

- classificação modal

II. NÍVEL DISCURSIVO

A. Dimensão Semântica

i. Atores

³⁹ É relevante notar que, sempre que voltamos a uma etapa já analisada, temos a chance de reconhecer algumas análises cujo resultado anterior, depois de obtermos outros nesse ínterim, já não nos parece conveniente para o texto em foco, visto que, quanto mais profunda a análise, melhor conhecemos o texto, embora isso ocorra com frequência cada vez mais insignificante, quanto mais internalizada estiver a teoria. Além disso, se houver diferença entre a análise de duas sentenças do mesmo trecho, ambas deverão ser consideradas.

B. Dimensão Sintática

- i. Aspectualização
- ii. Veridicção

III. INTERNÍVEIS

A. Dimensão discursivo-narrativa

- i. tipologia da Ação

As categorias a serem analisadas nesta etapa não são obrigatórias e podem ter nulo como resposta. São elas:

I. Interníveis

A. Paixões

i. Dimensão da Narrativização

- a) Tipo
- b) Modo de Presença
- c) Modalidade
 - Modalidade
 - Característica Modal
 - Efeito Modal no Sujeito
 - Efeito Passional

ii. Dimensão da Discursivização

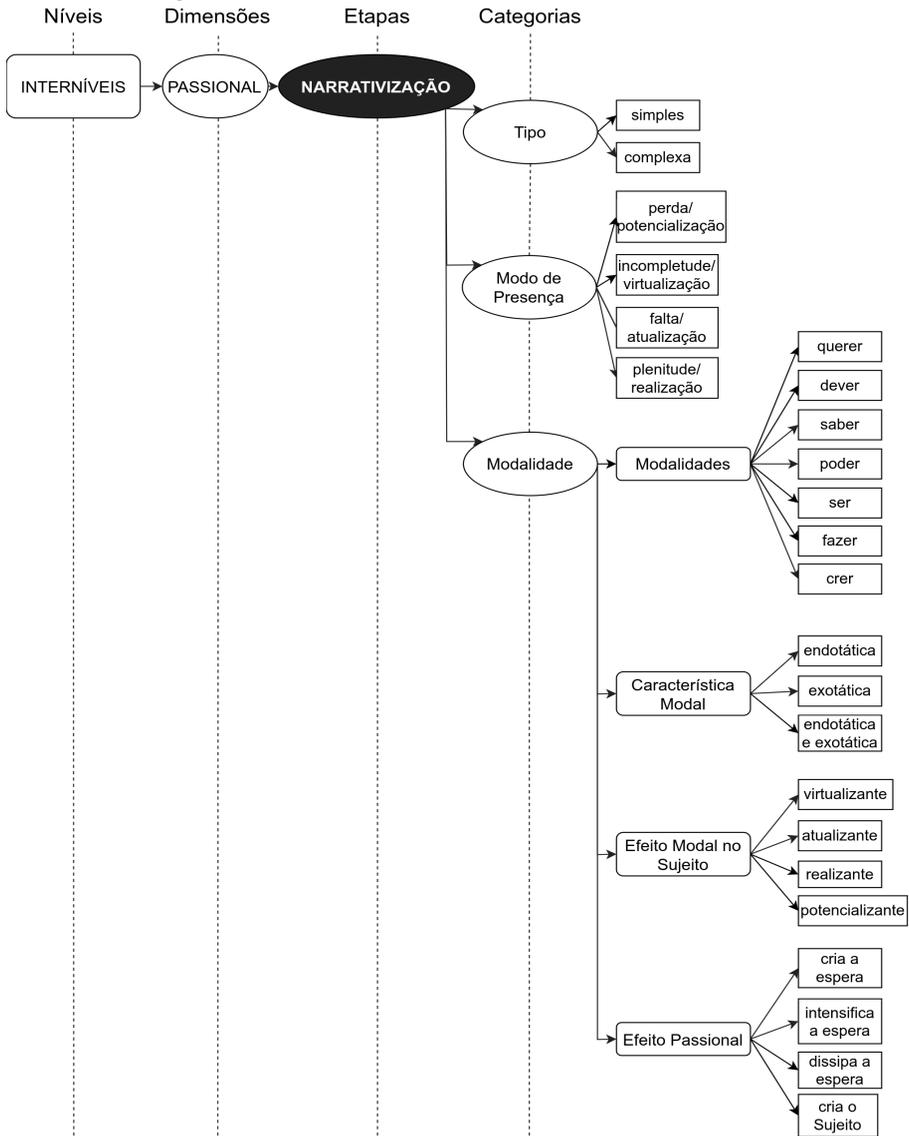
- a) Sujeito Moralizador
- b) Aspectualização
- c) Emoção

- d) Sujeito em estado de espera
- e) Imagem-fim
- f) Nome da Paixão
- g) Estado de alma

As Figuras 65 e 66 mostram a parte da árvore dedicada às Paixões, com todas as categorias de análise acima, focando os Níveis Narrativo (Dimensão da Narrativização) e Discursivo (Dimensão da Discursivização).

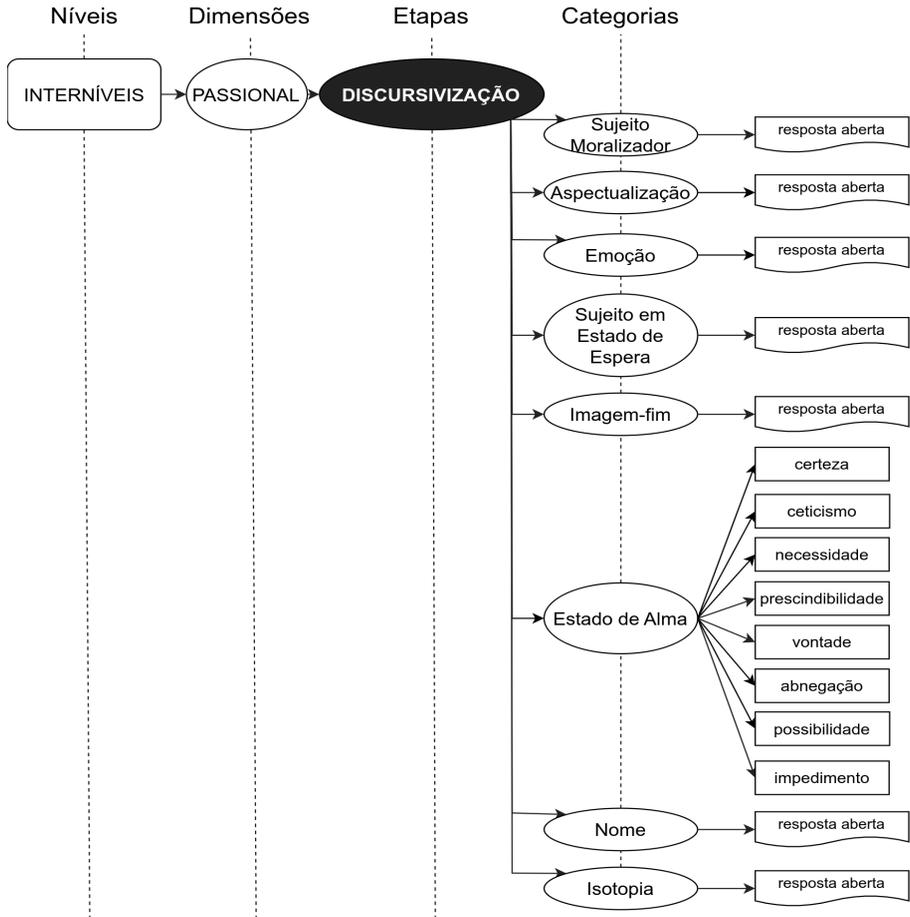
Finalmente, cabe notar que a análise do Nível Fundamental, para as Paixões, não requer qualquer tratamento diferenciado do já adotado para as duas dimensões daquele nível, o mais abstrato do Percorso Gerativo do Sentido.

Figura 65: Ramo da análise das Paixões relativo à Etapa de Narrativização.



Elaboração Própria.

Figura 66: Ramo da análise das Paixões relativo à Etapa de Discursivização.



Elaboração Própria.

Referências

Apresentamos neste volume as referências completas da série.

Assis, Machado de. Um Apólogo. In: "Para Gostar de Ler - Volume 9 - Contos", Editora Ática - São Paulo, 1984, pág. 59. Disponível em http://releituras.com/machadodeassis_apologo.asp.

Acesso em 01 abr. 2019.

BARROS, D. L. P. de. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: Dino Preti. (Org.). Fala e escrita em questão. São Paulo: Humanitas, 2006, v. 1, p. 57-77.

BARROS, Diana L. P. de, "A Comunicação Humana" in: J. L. Fiorin.(Org). Introdução à Lingüística. São Paulo: Contexto, 2002. p. 25-53.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. "O Dizer-Verdadeiro: Análise Narrativa de Desenredo.: conto de Guimarães Rosa". *Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, n. 18, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8955>. Acesso em 12 mai. 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.13, n.2, 2015, p. 13-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028>. Acesso em: 12 mai. 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Análise Semiótica do texto*. 4.a edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*, 11/12, p. 60-73, 1990.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BEVIDAS, W. Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico. *Estudos Semióticos*,

[S. l.], v. 15, p. 39-53, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156046>.

Acesso em: 5 fev. 2024.

BEIVIDAS, Waldir. A Semiótica Tensiva: uma teoria imanente do afeto. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 13, n.1, 2015, p. 43-86. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/7607/5436>. Acesso em 01 set. 2019.

BEIVIDAS, Waldir. Resumo das proposições da Semiótica Narrativa de Greimas - Notas de aula. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, FFLCH - USP, primeiro semestre de 2019.

CASQUILHO, José. Veridicção, verosimilhança e informação. Revista Veritas, vol.1, p. 81, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/291765372_Veridiccao_verosimilhanca_e_informacao. Acesso em 20 abr. 2019.

DISCINI, Norma. Corpo e Estilo. São Paulo: Contexto, 2015.

DISCINI, Norma. Da Presença Sensível. CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 8, n.2, 2010, p. 1-28. Disponível em <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/3330/3054>. Acessado em 18 jul. 2010.

DOMANESCHI, Eliane. O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação. Estudos Semiótico, vol. 13, nº especial AJCS, 2017, p. 51-58. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/140738>. Acesso em 20 nov. 2023.

FARIAS, Iara Rosa. Nos Caminhos da Figuratividade. In CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 8, nº 2, dezembro de 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/3320>. Acesso em 29 mar. 2024.

FIORIN, José Luiz Fiorin. As figuras do pensamento: estratégias do enunciador para persuadir o enunciatário. Revista Alfa, n.o 32, São Paulo, 1988. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3798>. Acesso em 25 abr. 2019.

Fiorin, José Luiz Fiorin. O sujeito na semiótica narrativa e discursiva. *Todas As Letras - Revista De Língua E Literatura*, vol.9 n.o1, 2007. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649>. Acesso em 05 fev. 2024.

Fiorin, José Luiz Fiorin. Semântica Estrutural: o discurso fundador. In: *Do inteligível ao sensível*/Ana Cláudia Mei Alves de Oliveira. São Paulo: EDUC, 1995, pp. 17-42.

FIORIN, José Luiz. *As Astúcias da Enunciação*. 2.a Edição. São Paulo: Editora Atica, 2001.

FIORIN, José Luiz. Esboço da história do desenvolvimento da semiótica francesa. *Cadernos De Estudos Lingüísticos*, 42, 131-146, 2011. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637144> Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637144> Acesso em 01 ago. 2019.

FIORIN, José Luiz. *O discurso de 1964: linguagem e ideologia*. Editora Atual: São Paulo, 1988.

FIORIN, José Luiz. *Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva*. *Revista DELTA* vol. 15, nº 1,

1999. Disponível em <https://www.scielo.br/j/delta/a/3hbG65rCHs6H8stNtxZd> mwH. Acesso em 20 nov. 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma.*/Tradução M.J.Coracini. São Paulo: editora Ática, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica.* Tradução Alceu D. Lima, Diana L. P. Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignácio A. Silva, Maria J. C. Sembra, Tiekko Y. Miyazaki. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o Sentido II: Ensaios Semióticos.* / Algirdas Julien Greimas; Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin : EDUSP, 2014.

GROUP D' ENTREVERNES. *Analyse sémiotique des textes.* Introduction, Théorie, Pratique. Lyon: Prèsses Universitaires de Lyon, 1979.

HJELMSLEV, Louis. *La structure fondamentale du langage. Prolégomènes a une theorie du langage.*/Anne-Marie Léoard (trad.). Paris: Minuit, 1968.

Klinkenberg, J.-M. À quoi servent les schémas? Tabularité et dynamisme linéaire. *Protée*, 37(3), pp. 65-73. Disponível em <https://doi.org/10.7202/038806ar>. Acesso em 18 nov. 2021.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LARA, Gláucia Muniz Proença. A produtividade da noção de isotopia na construção de sentidos do texto. XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia, 2006, pp. 1288-1296. Disponível em http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_108.pdf. Acesso em 24 jul. 2020.

LEITE, Ricardo Lopes. Isotopia e metaforização textual. *Gragoatá*, n. 26, 1.o semestre. Niterói, 2009, p. 121-134. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33127>. Acesso em 24 jul. 2020.

LIMA, Eliane Soares de. De triagens a misturas: por uma compreensão semiótica do processo de transposição didática. *Estudos Semióticos*, v. 15 n. 2

(2019): Dossiê Temático "Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino", 2019, p. 114-132. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165206>. Acesso em 20 nov. 2023.

LOPES, Edward. A identidade e a diferença. São Paulo: EDUSP, 1997.

LOPES, Ivã Carlos. A Noção de "Profundidade" na Semiótica. CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, Vol. 4.n.2, dezembro de 2006. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/564>. Acesso em 22 set. 2018.

LOPES, Ivã Carlos. Semiótica e morfodinâmica. Uma busca e suas vicissitudes. In: Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 7, n. 1, 2014. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/6098>. Acesso em 11 mar. 2019.

MANCINI, R. A enunciação tensiva em diálogo. Estudos Semióticos, [S. l.], v. 15, p. 64-87, 2019. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.156074. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156074>.

Acesso em: 5 fev. 2024.

MATTE, Ana Cristina Fricke, PEREIRA, Daniervelin Renata Marques, GOMES, Silvane Aparecida. Uma proposta de sistematização de conceitos básicos da Semiótica Discursiva: a Árvore de Categorias de Análise Semiótica. Revista EntreLetras (Araguaína), v. 15, n. especial, 2024. UFT, 2024.

MATTE, A.C.F., MEIRELES, A.R., FRAGUAS, C.C. SIL Web - analisador fonológico silábico-acentual de texto escrito. Revista de Estudos da Linguagem, v. 14, p. 31-50, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/4976/0>. Acesso em 05 set. 2023.

MATTE, Ana C. F. Vozes e Canções Infantis Brasileiras: emoções no tempo. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/anamatte/tese-revisada-Ana_Matte.pdf. Acesso em 21 abr. 2019.

MATTE, Ana C. F., MEIRELES, Alexsandro. R., RIBEIRO, Rubens T. SETFON: O Problema da Análise de Dados Prosódicos, Textuais e Acústicos. In: Revista (con) textos linguísticos (UFES), v. 1, p. 8-30, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5175/0>. Acesso em 6 nov. 2017.

MATTE, Ana C. F., SILVA, W. D. C. M., CANALLI, H. L., RIBEIRO, R. T. . DadosSemiotica: coleta e processamento de análises semióticas de texto escrito. In: Workshop Software Livre, 2012, Porto Alegre. Anais do WSL 2012. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. v. 1. Disponível em: <http://wsl.softwarelivre.org/2012/0010>. Acesso em 6 nov. 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Gostar da música: percurso de uma paixão. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 32, n. 23, p. 69-92, 23 jan. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65609>. Acesso em 28 set. 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke, ABRIATA, Vera. O corpo, a paixão no pensamento de Ignácio A. Silva (I): Corpo e

Paixão: a gênese do sujeito. Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 02, n.o 02, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/606/0>. Acesso em 05 set. 2023. 2004A

MATTE, Ana Cristina Fricke, LARA, G. M. P. Um panorama da semiótica Greimasiana. Alfa Revista de Linguística, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em 6 nov. 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke, PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Ignacio Assis Silva: a fantástica fábrica de conexões. Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 8, n.o 2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/3317/3097>. Acesso em 05 set. 2023.

MATTE, Ana Cristina Fricke. A escoliose de Branca de Neve: protagonistas e sujeitos. Revista do GEL, Araraquara - SP, v. 1, n.1, p. 13-34, 2004. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/289>. Acesso em 01 set. 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Esquema de comunicação sob olhares da semiótica e da tecnologia adaptativa. *Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada (Araraquara)*, v. 12, p. 55-101, 2014. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/7149>. Acesso em 6 nov. 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Porque Sim não é resposta! prazer utilitário vs. prazer criativo. *Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 1, n.o 1, 2003. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/572>. Acesso em 15 out. 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Relating emotional content to speech rate in Brazilian Portuguese. In: *Speech Prosody 2004, 2004, Nara. SP2004 CD-ROM Proceedings. Nara, 2004B*.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Taxa de elocução, grupo acentual, pausas e fonoestilística: temporalidade na prosa e na poesia com interpretação livre. *Estudos Lingüísticos (São Paulo)*, v. XXXV, p. 276-285, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguistic>

os/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/
sistema06/28.pdf. Acesso em 6 mai. 2019. 2006A

MENDES, Conrado Moreira. Semiótica Tensiva: fundamentos teóricos. Revista Línguas & Letras - Unioeste, Vol. 16, No 34, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/11641/9188>. Acesso em 01 set. 2019.

Oliveira, Ana Claudia de, Landowski, Eric . Apresentação. *Galáxia*, nº2 2019, p. 5-14. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399666746001>. Acesso em 9 out. 2024.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica Visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

PORTELA, Jean Christus, TOMASI, Carolina. Cronopoiese e cronotrofia na história em quadrinhos. In: *Estudos Semióticos*, vol. 8 n.2, novembro de 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49508> Acesso em: 18 jul. 2017.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica e ideologia. Revista do GEL, v. 16, n. 1, P. 132-142, 2019. Disponível em:

<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2778>. Acesso em 05 fev. 2024.

RASTIER, François. Le développement du concept d'isotopie. Documents de Recherche vol. III, nº 29, 1981.

SARAIVA, José Américo Bezerra, LEITE, Ricardo Lopes. Exercícios de Semiótica Discursiva. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SARAIVA, José Américo Bezerra. Análise da análise: quadrado semiótico e gráfico tensivo. Revista ESSE Estudos Semióticos, vol.13, n.o 2, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141610>. Acesso em 15 mai. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

SILVA, Ignacio A. A deixis pessoal. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1972.

SILVA, Ignácio Assis. Figurativização e metamorfose. O mito de Narciso. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

TATIT, L. A. M.. “A construção do sentido na canção popular” - revista Língua e Literatura número 21, 1994/1995, pg. 131-143. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/download/114551/112382>. Acesso em 28 set. 2019.

TATIT, L. A. M.. A canção - eficácia e encanto. São Paulo, Atual, 1987.

TATIT, L. A. M.. Musicando a Semiótica - ensaios. São Paulo, Annablume, 1997.

TATIT, L. A. M.. O Cancionista - Composição de Canções no Brasil. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

TATIT, L. A. M.. Semiótica da canção - melodia e letra. São Paulo: Editora Escuta, 1994.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes, LOPES, Ivã Carlos. Elos de melodia e letra: análise semiótica de seis canções. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2008.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. Elementos para a análise da canção popular. *Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada*, vol. 1, n.o 2, dezembro de 2003. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/623/0>. Acesso em 01 out. 2015.

TATIT, Luiz; BEIVIDAS, Waldir. Potencialidades da narrativa greimasiana. *Estudos Semióticos*, vol. 14, nº 1, 2018, p. 45-54. Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse/article/view/144309>. Acesso em: 20 nov. 2023.

TATIT, Luiz. *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*. São Paulo: Atelier Editorial, 2010.

TATIT, Luiz. *Semiótica e merleau-ponty*. In: *Do Inteligível ao Sensível em Torno da Obra de Algirdas Julien Greimas/Ana Cláudia Mei Alves de Oliveira e Eric Landowski*. São Paulo: Educ, 1995, p. 161-167.

ZILBERBERG, Claude & FONTANILLE, Jacques. *Tensão e Significação*. Tradução Ivã C. Lopes, Luiz Tatit, Waldir

Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

ZILBERBERG, Claude. “Relativité du rythme”. In Protée - Théories et Pratiques Sémiotiques. Département des Arts et Lettres de l’Université du Québec à Chicoutimi. Vol. 18, n.o 1, 1990, pp. 37-46.

ZILBERBERG, Claude. La question du modèle. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/4727>. Acesso em 16 mai. 2018.

ZILBERBERG, Claude. Observações sobre a base tensiva do ritmo. ESSE Estudos Semióticos, vol. 6, nº 2, p. 1-13, 2010. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49265>. Acesso em 05 fev. 2024.

ZILBERBERG, Claude. Plaidoyer pour le Tempo. In: Le Devenir/direction Jacques Fontanille, Collection Nouveau x Actes Sémiotiques , Pullim, pp. 223-241, 1995 .

ZILBERBERG, Claude. Razão e poética do sentido. /Claude Zilberberg; tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz

Tatit; Waldir Bevidas. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Agradecimento

O trabalho apresentado na presente série foi desenvolvido ao longo da minha carreira na Semiótica de Linha Francesa, alcançando hoje 27 anos e 11 meses, exatamente 10.198 dias, de março de 1996 a janeiro de 2024. Desde o princípio esquematizar o conteúdo da Teoria pareceu-me natural, tendo em vista que a Semiótica mesma usa esquemas de diferentes tipos em diversos pontos desse campo teórico. Assim, o desenvolvimento deste projeto, por anos unsuspeitado, foi realizado a cada novo estudo e a cada nova análise por mim realizada nesse período de tempo.

Seria impossível agradecer aqui a cada colega e a cada professor da USP, da UNESP, da UNICAMP e da UFMG com quem troquei ideias e debati esses esquemas,

portanto que me ajudaram a construir esse conhecimento que imperiosamente devo compartilhar. Talvez deva denunciar apenas o responsável pelo início dessa jornada, Luiz Tatit, que acreditou no meu potencial, apesar da absoluta ignorância semiótica da candidata a mestrado que o procurou em 1996. Mas sei que cada um de vocês guarda alguma lembrança de nossas conversas e debates, pelo que sinto-me profundamente grata.

Devo agradecer também, embora nenhum dos projetos teve a Árvore das Categorias de Análise Semiótica como foco direto, às Agências de Fomento que tornaram todo esse percurso acadêmico possível, destacando-se as bolsas concedidas:

FAPESP: 1996 a 1999 (mestrado: 96/04498-6); 1999 a 2002 (doutorado: 98/11618-3); 2003 a agosto de 2004 (pós-doutorado: 03/03195-5).

CNPq: 2007 a 2009 (DT: 303404/2006-0); 2013 a 2016 (DT: 310304/2012-1); 2016 a 2018 (DT: 305937/2015-4); 2019 a 2021 (PQ: 308669/2018-5).

Além disso, agradeço às Universidades pelas quais passei durante o percurso: UNICAMP, USP e UFMG, na qual atuo como professora titular.

Finalmente, devo incluir neste agradecimento aos auxílios concedidos pela FAPEMIG, pela UFMG e pelo CNPq, desde 2004 até hoje. Mais especificamente, destaca-se o último, concedido pela FAPEMIG, de 2016 a 2020 (PPM-00260-16).

Índice Remissivo

Abnegação.....	267	Ator apaixonado.....	270
Absoluto.....	218	Ator moralizador.....	270
Ação.....	76 , 88, 287	Atração.....	208
Actante.....	76, 114, 231	Atualização.....	277
Actante Textualizado.....	56	Atualizado.....	81
Alienada.....	234	Atualizante.....	268
Apropriação.....	231 ff., 243	Avaliação.....	62, 92, 95, 101, 111
Aquisição.....	82, 231, 239 f.	Avaliação na sanção.....	93
Árvore das Categorias de Análise Semiótica.....	38, 45	Base da Narrativa.....	79
Aspectualização.....	59, 144, 154 , 164, 215, 249, 255, 257, 287 f.	Caráter polêmico.....	229, 234
Aspectualização de Espaço. .	157, 161	Categoria de base.....	79
Aspectualização de pessoa...157, 161		Categorias.....	55
Aspectualização de tempo....157, 161		Categorias abertas...46, 150 , 191	
Ator 114 , 126, 130, 138, 154, 229, 231, 270		Categorias de análise..23, 37, 41, 45, 72	
		Categorias fechadas.....46, 75 , 85	
		Certeza.....	267
		Ceticismo.....	267
		Classificação da veridicção....124	
		Classificação modal.....81, 292	

Competência.....	286	Descritivo.....	90, 99 f.
Competência modal.....	286	Desejo.....	281
Competência semântica.....	286	Desencadeador de isotopias...169	
Complexo.....	198 , 207	Destinador.....	88 , 89, 99 f., 266
Concentrada.....	145, 147, 155	Destinador-julgador..	88 , 101, 103
Concentrado.....	147	Destinatário.....	88 , 89, 99, 266
Conector de isotopias.....	168	Destinatário-julgado.	88 , 101, 103
Conjunção.....	81, 231	Dever.....	94, 99, 267
Cônsia.....	234	Difusa.....	145, 147, 155
Constituição do Sujeito		Difuso.....	147
Apaixonado.....	255	Dimensão.....	71
Contexto.....	42	Dimensão Cognitiva...50, 71,	88 , 100
Contexto externo.....	42	Dimensão Contínua.....	71, 205
Contexto interno.....	42	Dimensão Discreta...51, 71,	191 , 203
Contexto situacional.....	42	Dimensão Narrativo-Discursiva 229
Continuidade. .154, 160, 205, 272		Dimensão Passional.....	246, 261
Contrários. 79, 193, 197, 204, 281		Dimensão Pragmática.50, 71,	76 , 89, 94
Contrato.....	89 , 90, 95, 263	Dimensão Semântica. .50, 71,	165
Convergência.....	158	Dimensão Sintática...50, 71, 117,	128, 154
Convergente.....	147, 155	Dimensões.....	49 f.
Converso.....	216, 219	Dinâmica da aspectualização. 147	
Convicção.....	267	Dinâmica de convergência.....	157
Crença.....	90, 96, 118, 270, 286	Dinâmica de divergência.....	157
Crer.....	265, 267	Discursivização....261, 270 , 287,	294
Dário.....	97	Disforia.....	84
Debragem Enunciativa.....	142	Disfórico.....	80, 90, 99
Debreagem.....	128, 135, 136 , 144	Disforizante.....	84, 204
Debreagem de espaço.....	144	Disjunção.....	231
Debreagem de pessoa.....	144	Disjunto.....	80
Debreagem de tempo.....	144		
Debreagem enunciativa.....	145		
Debreagem Enunciva.	142 , 145		
Densidade figurativa.....	184		
Densidade isotópica	170 , 171, 181		
Densidade temática.....	183		

- Disposição.....257
 Disposição do sujeito....114, 257, 266, 285
 Dispositivos Modais.....255
 Divergência.....158
 Divergente.....155
 Doação.....231 ff., 237, 239
 Dor.....97
 Drops.....11
 Drops de semiótica.....**37**, 38
 Dubiedade.....267
 Efeito de sentido.....122, 145
 Efeito passional...261, 268 f., 272
 Efeitos de sentido.....133
 Eixo aspectual.....160
 Eixo dos contrários.....193
 Eixo dos subcontrários.....193
 Eixo semântico.....79, 191, 194 f.
 Eixo semântico de base.....192
 Embreagem.....133 ff., 142
 Emoção. 216, 249, **250**, 251, 257 f., 261, 287
 Endotática.....268, **269**
 Enunciação.....**128**, 131, 140
 Enunciado modal.....286
 Enunciador.....118, 130, 266
 Enunciatário....111, 118, 131, 266
 Enunciativo.....**135**, **142**, 145
 Enuncivo.....133, **135**, **142**, 145
 Espaço...59, 134, 140, 145, 147, 154, 156, 164
 Espera...261, **265**, 268, 273, 280, 283, 286, 294
 Espoliação.....231 ff., 243 f.
 Esquema patêmico..249, **251**, 253
 Esquema veridictório.....124
 Estado.....**77**
 Estado de alma.....261, 267, 274, 279 f.
 Estado de coisa.....279 f.
 Estado de espera.....280
 Estilo Semiótico.....255, 257
 Etapa.....**72**
 Etapa da Ação.....**85**
 Etapa da aspectualização.....**154**
 Etapa da Debreagem.....**128**
 Etapa da discursivização 261, **270**
 Etapa da Manipulação **88**, 94, 287
 Etapa da Narrativização.....261
 Etapa da Sanção.....**101**, 106
 Etapa da tensividade.....**205**
 Etapa da Tipologia da ação...229, 245
 Etapa da Veridicção.....**117**
 Etapa das Isotopias.....**165**
 Etapa de Narrativização.....261
 Etapa do Ator.....**150**
 Etapa do quadrado semiótico. 191
 Euforia.....**84**
 Eufórico.....80, 90, 99, 196
 Euforizante.....84, 204
 Excedente passional.....270
 Exotática.....268, **269**
 Extensidade.....223
 Extremo eufórico.....198
 Falsidade.....123, 125
 Falta.....81, 277
 Fazer.....89
 Fazer-fazer.....90
 Fidúcia.....216, 286

Figuras.....	166 , 168, 182, 187	Modalização.....	93, 99 f.
Figurativa.....	169	Modelo converso.....	224
Foria.....	84 , 215, 223, 234, 272	Modelo inverso.....	225
Forma.....	46	Modelo tensivo. .	213, 216, 219 ff.
Gradação.....	192, 194	Modo de existência.....	265, 275
Gráfico tensivo.....	222	Modo de imanência.....	124
Grau.....	139 f., 147	Modo de manifestação.....	124
Horizonte tensivo.....	206	Modo de presença. 219 ,	262, 266 f.
Imagem-fim....	273 , 280, 284, 286	Modo do parecer.....	126
Imanência.....	46, 121, 129, 167	Modo do ser.....	126
Impedimento.....	267	Moralização.....	253 f., 258
Implicação.....	193, 197, 208	Moralizador.....	271
Incompletude.....	277	Mudança.....	164
Individual.....	253, 257	Mundo natural.....	120
Instância da enunciação..	133, 138	Mundo ontológico.....	118
Intensidade. .	157, 215, 219, 222 f.	Narrador.....	136
Interlocutário.....	136, 138	Narratário.....	136
Interlocutor.....	136, 138	Narrativização.....	261 , 285, 294
Interníveis.....	49, 229, 246	Necessidade.....	267
Intimidação.....	83, 93, 94	Negação.....	193, 197, 208
Inverso.....	216, 219	Neutro.....	198 , 200, 207
Isotopia.....	165, 166 , 186	Níveis do Percurso Gerativo....	66
Lista de Categorias e		Nível.....	66
Subcategorias.....	55	Nível Discursivo.....	67, 117
Lógica da debreagem.....	147	Nível Fundamental.....	66, 191
Lógica da triagem e da mistura.		Nível Narrativo.....	67
.....	217	Número de isotopias.....	183
Manifestação...46, 121, 130, 168		Número de palavras.....	181
Manifestação patêmica.....	251	Objeto.....	76, 88
Manipulação.....	88 , 95, 287	Objeto Descritivo.....	83
Mentira.....	123, 125	Objeto Modal.....	83
Método hipotético dedutivo....	43	Objeto-Valor.....	77
Mistura.....	145, 147, 217 , 221	Observador	58, 126, 154 f., 159 f., 249, 252, 287
Modal.....	90, 99 f.		
Modalidade. .83, 262, 266 ff., 286			

- Ov.....94
- Paixão complexa.....261, 264
- Paixão simples.....**261**, 264
- Paixões. 154, **246**, 250, 253, 255, 258, 262, 268, 271, 287
- Palavras significativas.....181
- Papéis actanciais....76, 100, 229 f.
- Passionalização.....259
- Patêmico.....249, 251
- PCA.....164
- Percurso de Base.....**83**
- Percurso de Uso.....**83**
- Percurso Gerativo do Sentido.202
- Perda.....277
- Performance.....76
- Permanência da Configuração Aspectual.....164
- Perturbação perceptível.....251
- Pessoa...134, 140, 145, 147, 154, 156, 164
- Plano da Expressão.130, 167, 252
- Plano do Conteúdo. 130, 167, 252
- Plenitude.....277
- Poder.....100, 267
- Polêmica Alienada.60, 234 f., **240**
- Polêmica Cômica. 60, 234 f., **237**
- Polêmica da narrativa....229, 236
- Possibilidade.....267
- Potencialização.....277
- Potencializado.....81
- Potencializante.....268
- Prescindibilidade.....267
- Pressuposto.....111, 273, 284
- Pressuposição.....111, 202, 284
- Pressuposto.....111, 202, 273
- Privação.....231, 240
- Profundidade extensa. .215 f., 222
- Profundidade intensa...215 f., 222
- Profundidades.....215 f.
- Provocação.....83, 93, **94**
- Quadrado Semiótico 71, **191**, 197 f., 205, 207
- Quadro de valores.....61, 90, 118, 220
- Quebra de isotopia.....169
- Querer.....94, 99, 267
- Realização.....277
- Realizado.....81, 276
- Realizante.....268
- Recompensa.....101, 107
- Reconhecimento.....101, 107
- Reembregem.....135, 142
- Referências básicas.....37
- Referente.....160
- Regime.....157, 217, 221
- Relação conversa.....215, 217
- Relação inversa.....215, 217
- Renúncia.....231 ff., 237, 240
- Repulsão.....208
- S1.....230
- S2.....230
- Saber.....100, 267
- Sanção.....88, 100
- Sanção da Ação.....105
- Sanção da Competência.....104
- Sanção da Ação.....101, 109
- Sanção da Competência 92, 99 f., 105
- Sanção da Manipulação....92, 95, 103

Sanção da Sanção. 101, 105, 109, 113, 263	Temático-figurativa.....169
Sedução.....83, 93, 94	Tempo...134, 140, 145, 147, 154, 156, 164
Segredo.....123, 125	Tensividade.....71, 144, 154, 205 , 215, 220, 225
Semiose...44, 130, 132, 167, 215	Tentação.....83, 93, 94
Semiótica das Paixões.....205	Termo complexo47, 56, 200, 204, 206, 212
Semiótica Tensiva...26, 216, 248, 277	Termo disfórico.....199
Sensibilização.....253 f., 257	Termo eufórico.....199
Ser.....267	Termo não-disfórico.....204
Simulacro Passional.....257	Termo não-eufórico.....204
Sincretismo de papéis.....235	Termo neutro.....212
Sintonia entre quadro de valores95	Termos contrários.....192
Sintonia entre quadros de valores92	Termos subcontrários.....194
Sobremodalização fórica.....64	Texto.....45
Social.....253 f., 257	Tipo de Manipulação..82, 93, 107
Subcategorias.....55	Tipo de paixão.....261
Subcontrário.....197, 204	Tipo de transformação.....82, 231
Subcontrários.....194, 205, 281	Tipologia da Ação.....73, 229
Substância.....46	Tipos de manipulação.....93
Sujeito.....76, 255, 265	Transformação de estado.....77
Sujeito apaixonado.....252 f.	Triagem.....145, 147, 217 , 221
Sujeito Atualizado.....277, 286	Universo.....218
Sujeito da enunciação.....131	Valência.....61, 215, 217, 220
Sujeito de Estado..... 88	Valor..... 60
Sujeito do Fazer..... 88 , 89	Valor do valor.....61, 220
Sujeito Moralizador.....253	Valor modal.....266
Sujeito Potencializado...278, 286	Valores.....215
Sujeito Realizado.....281, 286	Valores de absoluto..... 218 , 221
Sujeito Virtualizado277, 281, 286	Valores de universo..... 218 , 221
Sujeito-moralizador.....253	Verdade.....122, 125
Temas.....166, 168, 182, 187	Veridicção.....117, 121, 125
Temática.....169	Virtualização.....277
	Virtualizado.....80, 276

Virtualizante.....268 Vontade.....267

ISBN 978-65-265-0821-3

